

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

Candidatos por Lisboa da União Nacional (lista A)



Dr. Ulisses Cortês, dr. Albino dos Reis e prof. Mário de Figueiredo



D. Margarida Craveiro Lopes, prof. Cid dos Santos e D. Maria Leonor Correia Botelho



Dr. Tito Arantes, dr. Bustorff Silva e Carlos Mantero



Prof. Mendes Correia, Francisco Melo Machado e major Botelho Moniz

O vice-presidente dos Estados Unidos viu comunistas por um óculo

HONG-KONG, 6 — Richard Nixon, vice-presidente dos Estados Unidos, aproximou-se hoje até à distância de 900 metros da fronteira de Hong Kong com a China comunista e viu guardas fronteiriços comunistas por um telescópio.

Cuidadosamente guardado por Polícia de segurança, Nixon desejava ir até à barricada de arame farpado na rua principal da aldeia de Shataukok, que é a fronteira. A Polícia aconselhou-o, porém, a não o fazer.

Nixon, que está a visitar o Extremo Oriente, declarou a jornalistas: «É uma tragédia do nosso tempo que milhões de pessoas que deveriam estar deste lado estejam a ser isoladas». Disse esperar que um dia, no futuro, pudessem ser restabelecidas comunicações entre os povos de ambos os lados da fronteira e com amigos, em todo o Mundo. A China deveria cessar a agressão, na Indochina e na Malásia, e discutir honesta e pacificamente a questão coreana. «A iniciativa compete, inteiramente, à outra parte» — acrescentou. — (Reuters).

—Tem mais alguma coisa a alegar em sua defesa? A última declaração

dos candidatos a deputados por Lisboa

A campanha eleitoral fechou ontem. Que ficou? Na consciência de cada um terá ficado o resíduo das ideias e das razões que foram postas e que cada um terá deixado amadurecer em si mesmo. Agora, até domingo—será a meditação. Terminada a campanha, o «Diário de Lisboa» regista hoje, como síntese final, uma breve declaração de cada um dos vinte e quatro candidatos que compõem as duas listas apresentadas ao sufrágio no círculo de Lisboa. Apenas três excepções: na lista A, falta o sr. prof. João Cid dos Santos, cujos múltiplos deveres profissionais o impediram de poder satisfazer o pedido que nesse sentido lhe foi formulado; na lista B, faltam os srs. almirante Mendes Cabeçadas, doente no Algarve, e comandante Moreira de Campos, doente também e internado no Hospital de Marinha.

(Ler declarações na 3.ª página)

Candidatos por Lisboa da Oposição (lista B)



Eng. Cunha Leal, almirante Mendes Cabeçadas e dr. Camara Reis



Dr. Acácio Gouveia, Dr. Constantino Fernandes e dr. Adão e Silva



Dr. Mayer Garção, dr. Nuno Rodrigues dos Santos e dr. Vasco da Gama Fernandes



Eng. Sá Cardoso, comandante Moreira de Campos e professor Rodrigues Direito

Novos incidentes em Trieste onde a multidão excitada

atacou um camião militar britânico

TRIESTE, 6.—A vida está paralisada na cidade por causa da ordem de greve dada ontem pela Bolsa do Trabalho e pelas organizações sindicais dos ferroviários triestinos, como protesto contra os graves incidentes de ontem. As 10 horas, as mercearias, que tinham aberto muito cedo, fecharam também. Nas janelas vêem-se bandeiras italianas e da cidade de Trieste a meia haste.

Na Praça de Santo António, dois sítios cobertos de crisântemos marcam os pontos onde foram abatidos ontem um estudante de 16 anos e um empregado da Companhia de Navegação. Durante toda a noite, grupos de Triestinos velaram silenciosamente as duas vítimas.

O estado de dois dos 40 feridos é desesperado. Pequenos grupos de soldados aliados patrulham as ruas da cidade. As diferentes organizações políticas, sindicatos e profissionais da cidade aprovaram moções reclamando «o castigo dos responsáveis pela repressão inconsiderada» da parte da

(Continua na última página)

O secretário da Defesa dos Estados Unidos não tem por inevitável uma terceira guerra mundial

NOVA YORK, 6.—O secretário da Defesa declarou na Academia das Ciências Políticas: «Muita gente tem por inevitável a terceira guerra mundial, apoiando-se para isso nos exemplos da História ou nas suas próprias reflexões. Ora, sucede que eu não partilho desse desespero».

Depois de lembrar que um terceiro conflito mundial destruiria «os meios de subsistência de milhões de pessoas a quem nem as aglomerações urbanas nem um primitivo regresso à terra permitiriam sobreviver», Charles Wilson afirmou: «Tenho esperança de que os Estados Unidos, na sua posição actual de dirigente do mundo livre, escaparão ao destino dos grandes povos da História. Esta esperança baseia-se no respeito pelos direitos do homem, elemento fundamental da atitude americana no Mundo. Nos progressos científicos que permitem à Humanidade aumentar os recursos alimentícios e ao mesmo tempo o nível de vida, sem ter de ir procurá-los ao território dos vizinhos. Na cooperação internacional e nos esforços envidados pelos Estados Unidos «está a restauração das economias e da produtividade dos países que a guerra enfraqueceu».

Morreram 28 pessoas na queda dum avião boliviano

LA PAZ, 6.—Foram encontrados na região de Chuquisaca os destroços carbonizados do avião de transporte boliviano que tinha desaparecido terça-feira com 25 passageiros e 3 tripulantes. Todas as pessoas que se encontravam no avião morreram. — (F. P.).

Dois parlamentares americanos

que regressaram duma viagem de inspecção
pedem que cesse totalmente
o auxílio económico à Europa

WASHINGTON, 6.—William Lantaff e Robert Sike, representantes democráticos do Estado da Flórida, criticaram vigorosamente o «esbanjamento e a extravagância» que reinam nos serviços de compras do Exército americano na Europa. Os dois membros da Câmara dos Representantes recomendam que cesse todo o auxílio económico à Europa e afirmam que o auxílio militar «deveria ser função dos resultados práticos obtidos pelas potências que dele beneficiam e do grau de cooperação de que essas potências dessem provas».

De regresso aos Estados Unidos, depois de uma viagem de inspecção à Europa, põem em duvida, segundo um relatório que enviaram ontem à Comissão de Créditos da Câmara e à das Despesas Governamentais, a aptidão da Europa a resistir a um ataque soviético. Dos países visitados pelos

dois parlamentares, a França e a Itália são os mais criticados no relatório. «Existem nestas duas nações—afirma o documento—organizações comunistas clandestinas, constituídas em unidades, capazes de destruir uma boa

(Continua na página central)

Deu-se novo incidente

entre Israelitas e Jordanos

TEL AVIV, 6.—Um guarda foi morto por Jordanos armados que entraram na noite passada na estação do caminho de ferro israelita Hedera Norte, na linha Haifa-Tel Aviv. Os atacantes apossaram-se de algumas armas de fogo e fugiram em direcção à fronteira do seu país. Um informador militar israelita, que deu a notícia, acrescentou que as autoridades apresentaram um protesto energético à Comissão Mista de Armistício, pedindo a sua reunião imediata. — (France Presse).

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

DE LUTO

António Mendes Figueiredo

Faleceu ontem o sr. António Mendes Figueiredo, de 68 anos, comerciante, casado com a sr.^a D. Maria Gonçalves Brinquinho Figueiredo. O corpo foi depositado na igreja de Santos-o-Velho, aguardando embarque para Luanda. Amanhã, pelas 9 e 30, será celebrada missa de corpo presente.

D. Teresa Canha da Piedade

Em Chiqueada, concelho de Alcobaca, faleceu a sr.^a D. Teresa Canha da Piedade, de 60 anos, industrial de moagem e ali residente. Era viúva e irmã da sr.^a D. Francisca Canha da Piedade, sócia-gerente da Sociedade Automóveis Cruz de Cristo. Foi a primeira senhora que tirou carta de condução de automóvel profissional e era tia da sr.^a D. Palmira Carolino e dos srs. Manuel Inácio Canha, José Canha dos Santos, António Inácio Santos, José e João Carolino e cunhada do sr. António Carolino, há muitos anos agente do «Diário de Lisboa» em Alcobaca, a quem apresentamos condolências.

José Pereira Cardina

NAZARÉ, 5 — Faleceu, nesta vila, o sr. José Pereira Cardina, de 71 anos, viúvo, pai dos srs. Torcato de Sousa Cardina, ausente em África, José Maria de Sousa Cardina e Estefânia de Sousa Cardina Monteiro.

O extinto, que era natural da Cruz da Légua (Porto de Moz) estava aqui estabelecido há 45 anos. O seu funeral constituiu uma grande manifestação de pesar.

José Constantino dos Santos

ALCOBACA, 5 — Na quinta do Bacamarte, onde residia, faleceu o sr. José Constantino dos Santos, mais conhecido pelo José Rendeiro, proprietário e negociante.

O extinto, que gozava de gerais simpatias, deixa viúva a sr.^a D. Maria Cerejo e era tio do sr. José Aníbal Constantino Pinto, empregado de escritório.

Juvêncio dos Santos

ALCOBACA, 5 — Com a idade de 85 anos faleceu nesta vila o sr. Juvêncio dos Santos, que deixa viúva a sr.^a D. Maria da Encarnação. Era aposentado da Marinha de Guerra.

Os efeitos do mau tempo

As chuvas na Calábria redobram de violência

REGGIO DE CALÁBRIA, 6 — A situação volta a ter um aspecto bastante grave devido às chuvas que redobram de violência. As inundações causadas pelos rios Allara e Cerasaro isolaram as aldeias de Agromastelli e Campoli, abatendo três casas nesta última localidade. Um helicóptero que tinha saído de Reggio de Calábria para levar socorros às pessoas bloqueadas naquela região regressou à base sem poder prestar qualquer auxílio, devido às más condições atmosféricas. 800 habitantes da pequena localidade de Caulonia encontram-se isolados, há já alguns dias, sem viveres e medicamentos. A pequena aldeia de Polsi, perto de San Luca, está completamente isolada. O santuário da Virgem da Montanha, em San Luca, abriga neste momento mais de 200 pessoas que foram forçadas a abandonar as suas casas. — (F. P.).

Uma estação de olivicultura

criada perto de Elvas

O Grémio da Lavoura do Crato oficiou ao sr. presidente do Conselho, ministro da Economia e subsecretário de Estado da Agricultura, assim como ao director-geral dos Serviços Agrícolas, Junta Nacional do Azeite e ao Grémio da Lavoura de Elvas manifestando a maior satisfação pelo facto de ter sido assinada a escritura de compra da propriedade para a instalação da Estação Nacional de Olivicultura e Oleotécnica, resolvendo-se assim este urgente problema no sentido nacional, de modo que, dentro em breve, os olivicultores de todo o País disponham do apoio e da benéfica orientação de um estabelecimento científico especializado. A nova estação, como se sabe, fica perto de Elvas.

O PORTO pelo telefone

Desastre de viação

PORO, 6 — Uma camioneta, conduzida por José de Sousa Macedo, de Matosinhos, por se ter partido a direcção, atropelou, na Rua Oscar da Silva, o pedreiro António Gonçalves Moreira, de 47 anos, casado, residente na Maia. Ficou muito ferido e foi internado no hospital daquela vila.

CASA DO ALENTEJO

Amanhã, às 22 horas, grande «soirée». Baile até de madrugada. Orquestra Bohémia.

REBOLA A BOLA

Eis uma das secções mais hilariantes do «SEMPRE FIXE», que deve ser lida não só pelos desportistas, mas pelo publico. Segredos, inconfidências, o que se passou ou vai passar. Tem graça às carradas!

Noventa e nove anos
vai comemorar
a associação mutualista
da Rua da Palma

Passou ontem o aniversário da Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comércio e Industria. Noventa e nove anos — em véspera do centenário, portanto — conta hoje a instituição da Rua da Palma que pode muito justamente orgulhar-se da sua vasta obra de solidariedade. Fundada, vai para um século, por um grupo de empregados do comércio que desejavam resolver problemas da classe de então, a benemérita instituição constitui hoje um dos mais sólidos movimentos de solidariedade entre nós, muito dignificando os princípios mutualistas que a informam.

D. Pedro V, esse príncipe de sangue moço e gentil que a morte tão cedo levou, consagrou-lhe um devotado carinho. Foi ele quem lhe concedeu, primeiro, a Ordem da Torre e Espada, sendo muitas outras as condecorações que os governos lhe atribuíram depois. E, não se ficando nunca pelos bens e progressos que vai distribuindo ou instituindo, a Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comércio e Industria vai procurando sempre alargar as razões do conceito elevado que largamente goza. Assim, recentemente, reformou mais uma vez o seu estatuto, adoptando novas fórmulas tendentes ao desenvolvimento da sua principal razão de existência — a assistência médico-cirúrgica — devendo no próximo ano entrar em vigor as novas disposições.

Entretanto, na sede da Rua da Palma estão hoje instalados os seus magníficos serviços clínicos e cirúrgicos, com um moderno equipamento e perfeitas condições para internamento dos sócios que careçam de qualquer operação cirúrgica. Por outro lado, eleva-se já a cerca de 300 o numero de nascimentos ocorridos de 1947 a 1953, na maternidade, modernamente instalada para assistir aos «bebês» no acto e após o nascimento.

Os dispensários, primorosamente apetrechados, os serviços de consulta, desde a clínica geral às especializadas, serviço de Raios X, fisioterapia, etc. proporcionam a toda a massa associativa uma excelente assistência médica, assegurada pelos 32 distintos médicos que compõem hoje o quadro clínico.

Para corresponder ao movimento de sócios e às suas necessidades, a instituição tem quase concluída a instalação do laboratório de análises clínicas, privativo para os sócios e pessoas de sua família. Vai ser inaugurado, no dia 29, à tarde, durante uma festa do aniversário da instituição — e que será oferecida às crianças nascidas na maternidade para o efeito, ali já inscritas, até 15 do corrente.

Pequenas notícias

PELA POLICIA

PRESO POR CHANTAGEM — A firma Canalizadora de Algués apresentou queixa na Policia Judiciária contra o seu guarda-livros José Midões Cameira das Neves, acusando-o de ter feito desaparecer vários documentos de escrita e utilizá-los numa tentativa de chantagem. O agente Ciriaco prendeu o referido guarda-livros e apreendeu-lhe os mesmos documentos. O preso confessou a acusação, declarando que o fazia por não lhe terem pago convenientemente o seu trabalho durante o tempo em que prestou serviço á referida firma. Foi-lhe arbitrada a caução de 20 contos, que não depositou, pelo que ficou preso.

QUEM EMPRESTA NÃO MELHORA — O sr. Manuel de Jesus Simões, Rua dos Lusíadas, 108, rés-do-chão, apresentou queixa na Policia Judiciária contra um individuo a quem emprestou dois anéis de ouro, no valor de 18 contos e que não os restituíu, indo empenhá-los.

AO DESEMBARCAR — O sr. Francisco Coelho Pereira, residente no Cartaxo, veio a Lisboa tratar de uns negócios. Ao desembarcar da camioneta, foi abordado por uma mulher, bem vestida, aparentando 40 anos, e que teve artes de o deslumbra com um vigésimo que dizia ter o numero da sorte grande da ultima lotaria. Alegando que tinha de partir naquele momento, declarava não se importar de o vender por 20 contos e trezentos escudos. Entretanto, aparecia também outro individuo a mostrar-se entusiasmado com o negócio, o que mais convenceu o sr. Coelho, que assim ficou sem aquela importância. Quando deu pelo logro, foi apresentar queixa na Policia Judiciária.

SONEGAÇÃO DE ESPOLIO — A sr.^a D. Deliana Freire, Rua Actor Isidoro, 12, 1.º, Esq., apresentou queixa na P. J., contra um individuo a quem acusa de ter sonogado bens deixados por seu pai, Manuel Joaquim Paulo Freire, falecido recentemente, na importância de 18 contos, que lhe havia dado a guardar.

PRISÕES POR DESORDEM — Foram presos, pela P. S. P., Maria da Conceição Rodrigues, de 41 anos, solteira, Estrada das Amoreiras, 271, 1.º, Esq., Maria de Lourdes, de 30 anos, casada, Estrada das Amoreiras, Vila Luis, n.º 2, ao Pote de Água, e Julio Alves, de 31 anos, casado, também residente na Estrada das Amoreiras, n.º 2, por se terem envolvido em desordem agredindo-se mutuamente com socos e pontapés.

CRÍADA INFIEL — Queixou-se á P. S. P., Lotte Marie Hadler, de 55 anos, casada, residente na Rua Joaquim António de Aguiar, n.º 43, 3.º, dir., contra uma mulher a quem acusa de, estando ao seu serviço, lhe ter furtado a quantia de 4.000 escudos.

CONFERENCIAS

O escritor e jornalista francês, coronel Rémy

faz, amanhã, ás 18 e 30, uma conferência intitulada «A França de hoje». Para o acto, no Secretariado Nacional de Informação, foram convidadas muitas entidades dos meios culturais luso-franceses.

ASSEMBLEIAS GERAIS

No domingo, ás 10 horas, no edificio da Escola Comercial Ferreira Borges, reúne-se a assembleia geral extraordinária do Nucleo dos Antigos Alunos daquele estabelecimento de ensino, para discutir e votar um projecto de remodelação dos estatutos.

Provas de doutoramento
na Faculdade de Letras

Defendeu hoje tese na Faculdade de Letras de Lisboa a sr.^a D. Maria de Lourdes Belchior Pontes, que prestou provas de doutoramento em Filologia Romanica. Nos passados dias 3 e 4 já havia prestado as provas orais e escritas que versaram, respectivamente, sobre «Hispanismo e Renascimento na Literatura de Quinhentos, particularmente, e João de Barros e Camões»; e «Literatura Francesa».

O júri de hoje era constituído pelos prof. drs. Pinto Coelho, reitor da Universidade de Lisboa, que presidia; Gonçalves Rodrigues, director da Faculdade de Letras; Vitorino Nemésio, Hernani Cidade e Prado Coelho. Os dois últimos professores foram os arguentes.

A candidata iniciou a sua tese, intitulada «Frei António das Chagas — um homem e um estilo do século XVII», cerca das 15 e 30, devendo a prova prolongar-se até ás 17 e 30.

A hora de fecharmos o nosso jornal o acto continua, estando a assistir, além dos professores, muitos alunos da Faculdade.

Tribunais

Uma serie de condenações

No 1.º juízo criminal da Boa Hora, em audiência colectiva, sob a presidência do corregedor sr. dr. Amorim Girão, responderam 11 indivíduos, que, nos primeiros meses do corrente ano, de noite, subtraíram, por meio de arrombamento e de assaltos praticados com meios violentos, objectos no valor de 40 contos, de que foram vítimas 15 indivíduos, e a Empresa Comercial de Reparções, Lda. e a repartição do Registo Fiscal, na Rua da Graça.

Provdos os crimes, foram condenados: Casimiro da Silva Araújo, em 3 anos de prisão maior celular ou 4 anos e meio de degredo e 8 meses de multa a 15 escudos por dia; Jorge Antunes da Silva, em 6 meses de prisão correcção; Joaquim dos Santos Lemos, em 5 anos de prisão maior celular ou 5 anos e meio de degredo; José Coelho Vieira Pescador, em reccional; Joaquim dos Santos Lemos, em 5 anos e nove meses de degredo; Manuel Louro, em 3 anos de prisão maior celular ou 4 anos e meio de degredo; Manuel Ernesto Pinto Dias, na mesma pena; José Manuel Matos de Jesus, em 3 anos e meio de prisão maior celular, na alternativa de 5 anos e 3 meses de degredo; João Carlos Borges, 5 anos de prisão maior celular, na alternativa de 7 anos e meio de degredo; Mário Candido Vaz Gonçalves, em 3 anos e meio de prisão maior celular, na alternativa de 5 anos e 3 meses de degredo; Manuel Filipe da Piedade Luis, um ano de prisão correcção; e Fernando Mário Vilela Nunes Salgueiro, quatro anos de prisão maior celular, na alternativa de 6 anos de degredo e cada um no imposto de Justiça de 1.000 escudos.

Os condenados Santos Lemos, Vieira Pescador, Matos de Jesus, Carlos Borges e Nunes Salgueiro, por serem reincidentes e ainda com a agravante da acumulação de crimes, foram considerados delinquentes habituais.

A SESSÃO DE ABERTURA

do ano lectivo no Instituto
dos Pupilos do Exército

A hora de fecharmos o nosso jornal, está a realizar-se, no edificio da 1.ª secção do Instituto dos Pupilos do Exército a sessão solene de abertura do novo ano lectivo.

Assistem o chefe do Estado, o ministro e o subsecretário de Estado do Exército, oficiais generais e outros convidados, os quais foram recebidos pelo director do Instituto, sr. coronel Jorge Oom e pelo corpo docente.

No final da sessão, que abriu ás 16 horas, com algumas palavras do director daquele estabelecimento, o sr. presidente da Republica procederá á distribuição de prémios.

NINA

BOITE DE NUIT
BREVEAMENTE
HUGUETTE DUVAL

Uma das primeiras artistas do teatro
de revista Parisienne
(PARA ADULTOS)

Bites à cortador, Oh! Lacerda

Avenida Berna, 36-A, modernizado, aguarda a visita dos seus clientes

O fosforo
novo:

Etiqueta dourada

"Patria
luxo"

Um fosforo de segurança

É da Soc. Nacional de Fosforos

a empresa que também faz Quinas,
Clube, Monograma, Três balões

A última declaração dos candidatos a deputados por Lisboa

Lista A (União Nacional)

Dr. Albino dos Reis:

—A campanha eleitoral terminou e, descontentos os naturais excessos da luta, creio que nela não se abriram demasiadas feridas que não cicatrizam e tendem a agravar-se com o tempo. Afirmaram-se mesmo algumas boas-vontades e uma ou outra manifestação de espírito realista na compreensão do momento político. Já é alguma coisa. Por mim, aguardo com inteira confiança a decisão do eleitorado de Lisboa, ao qual me apresento pela terceira vez. Terei muita honra em ser reeleito por esta magnífica capital do País, cujas manifestações políticas têm naturalmente um especial significado. Mas... silêncio, não falar as urnas. Silêncio... a campanha eleitoral terminou. Fiquei porém, aqui uma nota de justiça à nossa imprensa diária (na qual o «Diário de Lisboa» tem um lugar de relevo), pelo espírito de equilíbrio e de imparcialidade com que se conduziu; à parte as compreensíveis oposições dos órgãos oficiais dos movimentos políticos em presença.

Prof. dr. António Mendes Corrêa:

—Sou pela liberdade e pela dignidade do homem. Combato, por isso, o falso liberalismo que conduz, em última análise, à liberdade da desordem, da injustiça, da mentira, do mal. Sou pelo povo e pelos trabalhadores. Por isso combato a plutocracia e os falsos democratas seus aliados. Sou pelos humildes, pelos pobres, pelos que têm fome. Nunca foi outra a minha atitude como deputado, como estudioso, como homem. Não será outra a minha atitude no futuro. Por isso pugnei, para bem de Portugal metropolitano e ultramarino, pelo prosseguimento indispensável da orientação modelar, serena, positiva, metódica, orgânica e fecunda que Salazar tem definido no Governo do País, com lucidez, firmeza, probidade e patriotismo inextinguíveis.

Dr. Bustoiff Silva:

—Sinto-me honrado ao proclamar a gratidão que devo ao Homem que me assegurou a possibilidade de criar os meus filhos em paz. Ao seu sacrifício—ingente, intraduzível em palavras—seria ridículo opor o de quantos vêm reduzidas as suas actividades profissionais por cumprirem os deveres que o serviço da Pátria lhes reclama. Quando um dia se lembraram do meu nome para candidato numas eleições para deputado, acudi à chamada sem me preocupar com os prejuízos certos que essa atitude me acarretaria. Não há esforço humano que chegue para fazer apagar da face do Mundo, ou da memória dos homens, a obra vultuosa edificada em 25 anos de Governo do doutor Oliveira Salazar. É que essa obra é um facto—uma ininterrupta cadeia de factos qual deles mais convincente, mais impressionante, e os factos não mentem. Falam por si. São o que os olhos ou os sentidos verificam que são. Como diminuí-los?

Carlos Mantero:

—Alguns ódios se têm levantado nesta campanha eleitoral. Mas tudo há-de serenar porque Portugal cristão não é meio propício à cultura desse terrível sentimento, e o bom-senso do eleitorado há-de acabar por impôr-se, fazendo prevalecer a cordura sobre a maledicência, o espírito criador sobre o espírito de destruição, o amor sobre o ódio. Só poderemos vencer as dificuldades que nos confrontam na medida em que a mútua compreensão, a vontade de transigência, prevalecer sobre o amor próprio, a inveja, o despeito ou a ambição incontida. Cansados de desavenças, de discussões estérteis, de promessas vãs, queremos viver em paz para trabalhar em liberdade e engrandecer Portugal.

Francisco Cardoso de Melo Machado:

—Concorrer, quanto em minhas forças caiba, para que continuasse a haver ordem nos espíritos, nas ruas, na administração; para que se completasse o nosso sistema político, abstraindo-nos de práticas que não são nossas; procurar que a agricultura, nosso primeiro valor económico, raiz e fundamento da Nação, não seja arte de empobrecer alegremente; defender os seus legítimos interesses, o seu progresso constante, uma assistência técnica e eficiente; preparar o futuro da hidráulica agrícola para a solução do nosso problema agrário pela adopção de novas culturas; pugnar pela expansão da electrificação rural e agrícola e pela constante melhoria da vida das populações rurais, são os meus propósitos como candidato a deputado.

Major Jorge Botelho Moniz:

—O deputado é, essencialmente, um crítico. Mas deve sê-lo para a censura e para o louvor. Distingue-nos das oposições e para o louvor, para a boa marcha da administração pública: eles formulam críticas negativas, unicamente destinadas a criar desordem e confusão. Nós exercemos, como sempre o temos feito, o nosso direito de crítica livre, mas fazemo-lo

Regressou dos Açores o general Sousa Macedo

No avião da K. L. M. regressou a Lisboa o sr. general D. Luís da Costa de Sousa Macedo, presidente da J. A. F., que esteve em serviço oficial de inspecção ao plano de estradas nas ilhas adjacentes. Vinha acompanhado do eng.º Silveira Ramos, chefe da direcção de Estradas das ilhas; eng.º Pacheco de Castro, director das Obras Públicas de Ponta Delgada; e eng.º Pinelo, chefe de divisão de construção de estradas da Horta.

serena e objectivamente, para criarmos ordem e para melhorarmos a administração. Por isso, as oposições servem apenas o seu despeito ou o seu fanatismo político, enquanto que nós servimos inteiramente a Nação.

D. Maria Leonor Correia Botelho:

—Ao sairmos desta campanha eleitoral, verifico com mágoa que, mais uma vez durante ela e por causa dela, se abriram feridas; feridas que ficaram a sangrar. Ora, as feridas nunca foram processo de cura. Raro se puseram problemas, sempre se alvejaram pessoas; não se fez a análise serena dos factos com preocupações de justiça, mas apenas a política do contra. Todos quiseram esclarecimentos, mas ninguém procurou esclarecer-se! Devo dizer que esta nota derrotista me deixaria desmoralizada se não confiasse na terapêutica dos grandes silêncios de reflexão. Os homens de bem e de bom senso, os de cá e os de lá, que são muitos, apesar de tudo, não de saber encontrar-se consigo mesmo, em calma, para descobrirem a verdade. Que nos resta? Um grande quarto de hora de humildade e de coragem para que todos os portugueses de boa vontade—estejam eles onde estiverem—se abraçam à volta de Portugal.

D. Maria Margarida Craveiro Lopes:

—Nas vésperas do acto eleitoral acentua-se, cada vez mais o ambiente de confiança no Estado Novo, e a esperança de ver resolvidos os problemas para cuja solução a renovação de valores, que a próxima Legislatura permite, deve trazer novas luzes e novas energias, a aliar à experiência já adquirida.

Prof. dr. Mário de Figueiredo:

—Pede-me o «Diário de Lisboa» duas palavras sobre o que será a minha actuação na próxima legislatura, se for eleito. Duas palavras a traduzir um programa de acção só poderão ser estas: trabalhar pelo bem comum. As funções essenciais do deputado são: colaborar na formação da lei; fiscalizar o conjunto das actividades do Governo. A elas me devotarei, procurando discernir, ao exercê-las, de entre os interesses em jogo, aquele que coincide com o bem comum. Formado o meu juízo, nada me deterá: nem amizades, nem situações criadas, nem melindres de ordem política. Segui-lo-ei. Só deterei o escândalo, na medida em que ele não é uma afirmação de verdade. A palavra da Escritura—ai daquele por causa do qual vier o escândalo ao Mundo!—não se aplica aos que o denunciam, mas aos que o fazem. Ao pendurar ao pescoço destes a mó do moinho que os há-de afogar, aqueles praticam um acto de justiça e de higiene pública.

Dr. Tito Arantes:

—A obra realizada pelo Estado Novo fala por si, e mais eloquentemente do que todos os eloquentíssimos oradores da Oposição. Faria uma afronta à inteligência e ao bom senso do eleitorado se recusasse que este podia pensar em trocar essa obra, estes 25 anos de paz, e a ressurreição da Pátria—pelas invectivas, promessas gratuitas, negações de realidades incontestáveis e arrebatamentos difamatórios da Oposição. É por isso que confiadamente espero que no próximo dia 8 todos os portugueses saberão cumprir o seu dever votando e defendendo o seu próprio interesse e o da Nação escolhendo a lista patrocinada pela União Nacional.

Dr. Ulisses Cortês:

—O País que, por profunda intuição, sabe distinguir a verdade do erro, o trabalho útil da crítica demolidora, o interesse nacional das conveniências restritas de grupos e facções vai proferir no domingo a sua decisão e sem dúvida manifestará a vontade firme de que prosiga a obra de reconstrução material, de prestígio externo, de justiça social e de progresso em todos os domínios, levada a cabo pelo actual regime. Na nova Assembleia Nacional, a que pertencerei desde a primeira legislatura, continuarei a dar o meu esforço para que, no quadro da solução gradual dos grandes problemas nacionais, seja ainda melhorada a assistência, intensificado o ensino, ampliadas as comunicações, exploradas novas fontes de riqueza, acelerado o progresso técnico e garantidas as novas camadas de portugueses o direito ao trabalho, a segurança, a saúde, a cultura e as condições de vida desafogadas e felizes. E estou convencido de que, pelo seu esforço construtivo e pela sua colaboração com o obra nacional do Governo—que não exclui a indispensável fiscalização política—na nova Assembleia e os deputados que vão constituir-na mostrarão ao eleitorado e ao País que sabem interpretar as aspirações da consciência nacional e corresponder às suas esperanças.

Dr. Acácio Gouveia:

—A campanha eleitoral está no fim. Através dela, foi-me permitido apreciar o amor enraizado que o Povo do distrito de Lisboa tem pela causa da Democracia. Estou, porém, certo de que o eleitorado saberá corresponder à confiança que nele sempre depositámos, concorrendo em massa às urnas, para depositar o seu voto, demonstrando, assim, à Nação e ao Mundo inteiro, que quer ser livre e gozar das prerrogativas que lhe são conferidas na Constituição. A ida às urnas é um dever que só não será cumprido, por aqueles que abdicam das regalias conferidas aos cidadãos. Espero, pois, que todos os cidadãos portugueses dignos desse nome, cumpram o seu dever, votando.

António Rodrigues Direito:

—Um povo pode ter a ideologia política que mais se amoldar às suas inclinações. Não cumpre, porém, o mandato imperativo que a sua pátria lhe impõe, se não se integrar no âmbito da Democracia, na defesa dos direitos e liberdades do povo, essa classe desprotegida que no seu trabalho honesto tudo produz e tão pouco recebe. Todos os povos orientados no sentimento de humanidade devem sentir-se felizes, trilhando a senda do bem, levando aos lares frios e desconfortáveis aquela luz, aquele calor e aquele conforto a que todos têm justos e incontáveis. Os grandes estadistas lutam para pôr de pé este conceito, certos de que as nações só serão felizes, quando melhorarem a situação do seu povo.

Dr. Armando Adão e Silva:

—Somos pelo governo do povo, pelo povo e para o povo. Por isso, desde sempre, fomos contra o Estado Novo, regime ditatorial que é pela reacção, pelas classes privilegiadas, pelo poder pessoal incontrolado de uma minoria a coberto da censura e da polícia política, pela ausência das liberdades essenciais aos cidadãos, pela imposição de cada vez mais sacrifícios à grande maioria do povo português. Por isso somos por eleições sérias e livres. Não nos repugna admitir que o professor Salazar, após as contradições políticas em que o embrenharam os que o rodeiam, agora iluminada a sua consciência pela razão e pela justiça em obediência aos seus sentimentos de cristão e patriota, volte à cátedra salvando o prestígio adquirido na longa governação a que se deu mas dando antes, liberdade e humano, o passo que pode e deve dar no sentido da felicidade do povo, da total amnistia política, da pacificação da família portuguesa e da continuação de Portugal.

Dr. Constantino Fernandes:

—Liberdade e autoridade são dois elementos específicos do mesmo facto a necessidade de viver em sociedade. Se qualquer desses grupos pretende subjugar o outro, conclui-se pela violência. Foi a Declaração dos Direitos do Homem a nova mensagem coordenadora do respeito devido à pessoa humana com o da dignidade do poder da Nação. É porque, para escolher quem nos governe, sem cair nos extremos, nada se encontrou ainda melhor do que os votos, vamos votar; e, lembremos esta passagem do discurso de 7 de Outubro de 1945 do presidente do Conselho: *O Governo julga, no entanto, essencial à dignidade da sua própria situação que existam de direito e de facto as condições de seriedade, de segurança e de liberdade correspondentes à magnitude destes actos, além da atmosfera de calma e generosa benevolência que esteja ao seu alcance criar.*

Eng. Sá Cardoso:

—Uma resenha sucinta dos resultados obtidos no curto período eleitoral decorrente, poderá fixar-se nos seguintes pontos que convém assinalar e fazer sobressair: 1.º—Ter levantado o espírito do Povo de Portugal, acordando-o do marasmo forçado em que vivia; 2.º—Ter patenteado a Situação, de maneira iniludível, que apesar da censura e de outros meios repressivos adoptados, o descontentamento latente continua a manter-se e é profundo; 3.º—Mostrar claramente o desejo, «urbi et orbi», de uma pacificação da família portuguesa e do encontro de uma solução pacífica para o problema político nacional; 4.º—Obrigar a Situação, no futuro, com a nossa vitória, ou mesmo sem ela, a proceder a correcções nos seus pontos mais vulneráveis, a exemplo do que tem sucedido com as campanhas eleitorais anteriores.

Dr. Fernando Mayer Garção:

—Concorrendo às urnas, pela primeira vez, a Oposição democrática dá um passo decisivo para o restabelecimento da liberdade em Por-

tugal. Para além da derrota, que a flagrante desigualdade da luta possa reservar-nos o nosso militante civismo fará projectar, na consciência do País, um grande clarão de esperança em futuros e vitoriosos combates. Eis o que importa a este movimento reivindicador dos direitos e das liberdades, inertes na Constituição, e que tem de continuar, diminutas que sejam para tanto as possibilidades legais. A nossa presença no dia 8 vai insuflar novas energias nesse movimento patriótico de dignificação nacional. Assim o creio firmemente.

Eng. Cunha Leal:

—Cumulam-me de defeitos que não tenho, mas não me apontam outros que eu reconheço. Mas ainda que eu fosse o homem instável que querem ver em mim, em que é que isso diminuiria a verdade dos meus assertos? Porventura, a mentira involuntária na boca do homem justo se transformará em verdade, e a verdade accidental na boca do homem pecaminoso se transmutará em mentira? E a circunstância de preferirem combater o homem a destruir os seus argumentos não será a prova provada dos erros ideológicos do regime?

Dr. Luis da Camara Reys:

—Operários, funcionários do Estado, empregados de comércio, burgueses tímidos, podem todos votar livremente, sem receio. As listas A e B são, pelo exterior, perfeitamente iguais. A vitória moral já foi ganha. A outra é quase certa. Por mim, se isso fosse permitido e tivesse validade, cortava jubilosamente o meu nome e substitua-o pelo do sr. padre Condesso ou pelo do sr. prof. Cid dos Santos. Eles supõem ser da U. N.—mas são cá dos meus...

Dr. Nuno Rodrigues dos Santos:

—O País sabe agora que conceitos o dividem. E cabe-lhe escolher entre os que entendem que o Governo, desde que administre bem e construa muito, tem o direito de tratar os cidadãos como se fossem meros assalariados seus ou os que sustentam que o Governo, quaisquer que sejam os resultados materiais da sua administração, tem o dever fundamental de respeitar religiosamente os direitos civis dos cidadãos e de se comportar como um simples mandatário destes. É a vontade que o eleitorado exprime—que constitucionalmente deverá prevalecer. Sómente importa que essa vontade se possa manifestar clara e livremente. E o que dói é saber-se já—que uma vez mais, o eleitorado, se vai sentir impedido de dizer, sem hesitações, o que pretende e prefere...

Dr. Vasco da Gama Fernandes:

—Não há nenhum problema humano que não possa ser traduzido em linguagem simples e, por isso, sincera e convincente. Basta que ao seu serviço se ponha uma observação atenta, um inquérito metódico e um coração aberto às solicitações da grei. No dia em que tal se fizer, é bem de ver o material que terão ao seu dispor os que, por dever de ofício ou vocação, pensarem em encerrar de frente as necessidades do campo português, pedra viva da regeneração nacional.

O acesso do público às informações da Casa Branca

WASHINGTON, 6.—O presidente Eisenhower promulgou uma ordem tendente a garantir ao público um acesso maior às informações relativas às actividades governamentais. A Casa Branca declara que o fim desta medida é criar um equilíbrio adequado entre a necessidade de proteger as informações importantes que se relacionam com a defesa dos Estados Unidos e a necessidade de informar os cidadãos da nossa Democracia acerca das acções do Governo.

A ordem do Presidente elimina da classificação das informações a categoria «restrita» mas mantém as «extremamente secretas», «secreta» e «confidencial». Cria um sistema de recepção de reclamações de jornalistas ou outros membros do público que pretendam esclarecimentos mais latos sobre os programas governamentais. Privá 28 organismos oficiais do direito de classificar as informações naquelas categorias, a que o público não tem acesso. Reserva o direito de «classificar» as informações a certas personalidades bem determinadas. Define os tipos de informação a «classificar», dando informes claros da maneira como devem ser guardadas e anotadas.

Falando com os jornalistas, o advogado-geral, Brownell, disse que a ordem do presidente Truman «era repressiva e punha na categoria militar muitas informações sem qualquer relação com a defesa nacional. A nova ordem reconhece—contrariamente aos princípios da ditadura—que o público tem direito a um máximo de informações compatível com a segurança nacional».—(F. P.)

UNIÃO FABRIL DO AZOTO

A União Fabril do Azoto ganhou, no Tribunal Pleno Administrativo, o recurso referente à isenção de direitos na importação de 493 tambores de soda cáustica para a fábrica de amoníaco de Alferrarede.



HOJE — Sexta-feira, 6
pelas 21 horas

no WONDER-BAR

JANTARES E CEIAS — BAILE

com o conjunto musical TONY AMARAL e o pianista NICK POWER

Consumo mínimo, 40\$00

(Para adultos)

AMANHÃ — NOITE ELEGANTE

«A NOITE SWING»

Distribuição a todas as senhoras das essências «Swing»

uma criação da «NALLY»

(Reservam-se mesas)

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

Consta que o actor José Gamboa deixou de fazer parte do elenco do Teatro Monumental.

—Chegou de Madrid a actriz Pepa Ruiz, que no domingo segue para o Rio de Janeiro, a bordo do vapor «North King».

—Na próxima quarta-feira a companhia do Teatro Apolo representa no Teatro-Circo de Braga a revista «Lisboa Antiga».

—O Teatro Desmontável «Divina Arte» está a dar espectáculos na Mealhada.

—A companhia de revistas e operetas da Sociedade Teatral, Ltd., estuda a possibilidade de realizar uma nova temporada em Lourenço Marques.

—É provável que o actor Renato Paulo substitua, no desempenho da peça «...E o patrão enlouqueceu», o seu colega José Gamboa.

—Os artistas olímpicos Marcantonis fazem parte da companhia de circo que hoje se estreia no Coliseu.

—Depois da curta temporada que vai efectuar no Porto, segue para as Canárias o ilusionista Richiardi Jr.

—A encenação da opereta «Maria da Fonte» é do actor M. Santos Carvalho, que também vai dirigir os ensaios de poema.

—O artista Gabriel Infante, que se encontra em Luanda, segue brevemente para Lourenço Marques, como «regisseur» do Circo Ferrony.

—Nos programas do conjunto de artistas dirigido pelo maestro Humberto Batalha vão ser incluídas duas peças infantis, para serem representadas em «matinéas» na digressão que vão iniciar pela Província.

—O acordeonista António Mestre e a bailarina Ruth, assim que terminarem a digressão que andam a efectuar por África, seguem para o Brasil.

—E a seguinte a distribuição de figuras da comédia «E o patrão enlouqueceu», em ensaios no Teatro Monumental: «Ofélia», Madalena Sotto; «Gaby», Aida Uliz; «Suzana», Fernanda Borsatti; «Raul», José Gamboa; «Firmão», Henrique Santos; «Dupont», Rui de Carvalho; «Dr. Moné», Armando Cortés.

—O artista coreográfico Paulo José formará parilha com a bailarina Ivone Branco, tendo começado hoje a ensaiar o seu repertório.

—Paulo é um artista «jongleur» de grande categoria, e que hoje se estreia no Coliseu, integrado na 3.ª companhia de circo.

—O actor Costa Ferreira também toma parte na peça «Casaco de fogo», de Romeu Correia, em ensaios no Teatro D. Maria II.

—Em homenagem ao tenor Pompeu de Faria, realiza-se amanhã, pelas 22 horas, na Casa de Lafões, uma festa com o concurso de artistas categorizados do teatro e da rádio.

Festival de homenagem

a Horácio Reynaldo

Com um programa onde figuram dezenas de artistas do teatro, do cinema e da rádio, efectua-se, amanhã, às 22 horas, no Pavilhão dos Desportos, um festival de homenagem ao popular cancionista Horácio Reynaldo.

Os artistas serão acompanhados pela orquestra de Vitor Bonjour, com as suas 25 figuras.

Notícias de Africa

A companhia de revistas e operetas da Sociedade Teatral Ltd., deu em Moçamedes cinco espectáculos com o seguinte repertório: «Enquanto houver Santo António», e «Aguenta-te Zé», revista; «Rosa Brava», opereta, «Dois maridos em apuros», comédia. A companhia está a chegar a Luanda, onde no dia 6 se apresenta novamente no Teatro Restauração com a revista «Enquanto houver Santo António», seguindo-se a revista «Agora é que ela vai boa» e a farsa musicada «Desculpa ó Caetano».

—A companhia Alma Flora prossegue na digressão que anda a efectuar por Angola, devendo reaparecer em Luanda em princípios de Dezembro com novo repertório.

—O cantor brasileiro Odyr Odilon chegou a Luanda de regresso de Lourenço Marques tendo dado 2 espectáculos no Teatro Nacional.

—O cantor Francisco José deu três espectáculos no Teatro Restauração de Luanda, seguindo depois em digressão pelo interior.



Berta Singerman, no São Luís

A grande característica desta declamadora reside, principalmente, na sua versatilidade interpretativa, na «aplicação» de sensibilidade que põe em cada uma das suas criações, com uma particularidade que atinge requintes espantosos. Aí reside o verdadeiro sentido histrionico, a faculdade de criação que, sendo um produto da inteligência, vai aflorar nos rios poderosíssimos do sensível, após uma jornada carregada de insólitas forças do fluxo mais íntimo da chamada alma humana que, aqui, podemos definir por aparelho psíquico... A grande «força» de Berta Singerman vai encontrar a génese no seu psiquismo de meandros delicados, de tremendas e espantosas convulsões anímicas que brotam destas mãos, neste movimento dinâmico do seu corpo, de uns olhos onde afloram tragédias e lágrimas, de uma voz rica de plasticidade onde há dramas, sorrisos e esgares: uns olhos, uma voz que são o próprio corpo, inteiro, sublime de expressão; braços convulsivos, plenos de símbolos humanos—braços, mãos e olhos, síntese admirável—em que as lágrimas e risos da humanidade se transformam numa linguagem que é sómente a dos poetas para com o Mundo.

A escala de definições das coisas é longa. Não queremos sublinhar o local preciso onde Singerman se situa, mas, incontestavelmente, o seu lugar será mais próximo do verdadeiro artista—artista-criador. Porque o é, definitivamente, no campo em que se projecta a sua capacidade de interpretação do Mundo, lá, onde o poético funciona na base de todos os elementos universais.

Falando-se de valor real, de posição do artista na universalidade da sua criação, teríamos de traçar longo esquema que o local e o momento não nos permitem. Restrito de certa maneira, ele é porém, em Singerman, uma afirmação totalíssima nessa particular faceta, um valor definitivo, estruturalmente completo. O que ela cria e, principalmente, o que ela transforma não através de um processo determinado, mas sim, e porisso mesmo, através das suas capacidades sensíveis, uma metamorfose que é a consubstanciação, afinal, do universo interior de cada um de nós, constitui a mensagem que aceitamos porque, com maior ou menor vigor, penetra na nossa receptividade ou toca muito de perto, num tateamento delicado, a nossa própria concepção, a íntima interpretação do Mundo ou das coisas ora reveladas.

Vibrando, aproveitando de uma maneira quase divina as pregas e delicadezas, o peso solene de dois mantos de seda que escondem nas suas dobras todo um pequeno mundo de sugestões—

Primeiras exhibições

«A cruz da minha vida» (Come back, little Sheba), no Império

A maneira como, em certo sector de Hollywood, está a ser traçado o diário escalpelizado, o «american way of life» leva-nos a concluir que, na realidade, se opera uma séria transformação, originada, principalmente, pela presença dos valores do Teatro no Cinema que, certos de darem ao Mundo algo mais que produções em série, standardizadas e apologistas do «paraíso terrenal», estão a conseguir reabilitar, em certa medida, os erros praticados por alguns dos profissionais da 7.ª Arte nos E. U. A. Ainda bem que isto acontece. Acebemos com as lendas.

O sentido da «tragédia americana», levada a um ponto onde a paranoia já começa a estender os seus tentáculos sobre o drama de grande sector da vida do país, («Morte de um caixeiro viajante»), tem uma soberba continuação em «Come back, little Sheba», que, nem por ser uma escalpelização de restrito sector—ou até, e sómente, um caso particularíssimo que, todavia, reflecte uma mentalidade generalizada, não deixa de nos arrebatrar na sua totalidade.

A verdade intrínseca deste drama é a realidade de seres afilivamente lançados ao encontro de poderosas forças que os destroem ou petrificam, de incontroladas forças instintivas, e de degradante sentido de vida, aniquilador na sua prepotência.

Daniel Mann — um realizador que, cremos, vem do Teatro—cinematizou com proficiência saber a extraordinária peça de William Juge, após o seu duradouro êxito no palco.

Delaney (Burt Lancaster) é um quíproprático que casou com Lola, após um romance de consequências sociais funestas para ambos. Assim, dois seres viram-se ligados, mais por uma obrigação moral, por parte do homem, do que por amor. A acção decorre vinte anos após o casamento. Lola e Delaney alugam um quarto para obterem algum dinheiro, a uma jovem universitária (Terry Moore) que, noiva de Bruce (ausente) mantém um «flirt» com um jovem atleta (Richard Jaeckel). O casal vê a jovem sob dois aspectos: Lola, como a imagem do que ela própria foi, consentindo nos seus pequenos escândalos eróticos. Delaney vê-se atraído pelo sensualismo da jovem e, após suspeitar que ela se tornara amante do atleta, identifica-a com a mocidade passada da esposa. A ternura com que ele vê Marie, um amor que é um complexo amálgama de sentimentos e, finalmente, a destruição dessa imagem, levando de novo ao alcoolismo, vício que abandonara.

Lola, quarentona, é um exemplo típico da mulher fútil que envelheceu e engordou, mulher bondosa, todavia, mas cuja mentalidade se detém no limite das coisas. Sheba era uma cadelita que possuía e desaparecera e, para ela, Lola, isso fica como um drama que é o seu:

nas cores cardinal e roxo, simbolicamente soles—tem algo de sacerdotisa na pureza das vestes imaculadamente brancas. A presença estética está criada. Singerman sabe tirar proveito dos mínimos recursos.

Pensa, como o poeta pensa. Vai hesitar—mas não hesita. Vai dizer—mas não diz. E chora, ri, pensa, contrai-se. E comove-se ou ri, lá por dentro. «Sensibiliza-se», auto-sugestiona-se. Vai hesitar, ainda. Mas diz. E diz com verdade! E é o adeus doloroso de Carlos Augusto Leon ou a tristeza contemplativa, quase paranoica, de Florbela Espanca.

Com que poderosa presença vai dar-nos, depois, a interpretação do «Cantico dos Canticos»! Singerman consegue-nos transmitir todo o delicado sensualismo, toda a pureza erótica—um erotismo quase mitológico, místico—todo o penetrante e suave perfume do espantoso poema bíblico. Salomão, solene, rei dos reis, rendido aos pés da amada, terna flor de carne, plasma e sensibilidade, flor perfumadamente aberta nos braços poderosos do esposo divino, olhos só para verem os seus olhos, escrava do seu escravo, no amor.

E se outras interpretações não nos convenceram totalmente, Singerman conseguiu arrebatá-los na «Colhida e morte de Inácio Sanchez Mejias». Toda a arrastadora tragédia de «el amigo de los gitanos», todo o delírio quase paranoico do extraordinário poema de «Llanto» de Lorca, o desespero gritante da sua angústia—onde essas «cinco de la tarde» soam como um dobrar de finados—foram-nos transmitidos primorosamente, com profundo poder interpretativo.

E ainda na elegia andaluza de Juan Ramon Jimenez «El Platero y yo»—obra de pura essência lírica e subjectiva do grande poeta do modernismo espanhol, Singerman consegue uma interpretação num sentido paralelo à que cria para Lorca. Notemos, ainda, o belo poema de Leon Felipe «Me comprare una risa» onde Singerman foi notável.

A intérprete, que agradou totalmente, obteve o êxito que merecia, melhor, repetiu-se o êxito que colhe há precisamente dois anos. O seu programa satisfaz. Todavia, antes de a ouvirmos outra vez, não queremos pronunciar-nos sobre tal assunto: gostaremos de saber se preencherá algumas lacunas de repertório que encontramos na sua primeira recita, porque nem todos os poemas escolhidos nos satisfizeram. Ao lado de grandes nomes de poesia, figuram venerados poetas—menores de cuja autenticidade criadora nos permitimos duvidar.—E. C.

objecto amado, desaparecido, Sheba é o símbolo daquilo que não mais encontrará—mocidade, plenitude de vida. Chamando-a todas as noites à porta («Anda cá, Shebazine») ela faz o seu apelo desesperado para as sombras, com lágrimas nos olhos. O desleixo e a vacuidade em que caiu são-lhe apontados cruelmente pelo marido, durante a cena em que este, após se ter embriagado de novo, volta para casa, enquanto Marie casa com Bruce, acabado de chegar.

A faca que Doc Delaney empunha para aniquilar a mulher funcionaria para se libertar do ser que, afinal, ele detesta. De que lhe serve ser membro da liga anti-alcoolica onde se celebra, á americana, com bolo e palmas, a data do aniversário em que alguns dos membros deixaram de beber? E com profunda lucidez que Mann anatematiza e opera, com mão cirúrgica, certa espécie de instituições americanas que, na realidade, não são mais que um falso suporte para o indivíduo, abalado constantemente por uma sociedade feroz, na sua luta pela conquista do celebrado e mitológico paraíso terreno. A sua fragilidade revela-se quando o indivíduo, perante os problemas de um quotidiano que toca as raízes do paroxismo, da loucura, destrói o trabalho pseudo-evangelizador dessas instituições que, no fundo, não são mais que uma vulgar e ineficiente panaceia.

Mas o anátema do realizador vai mais longe. Nunca, que nós vissemos, foi tão profundamente criticada a mentalidade da juventude americana, como neste filme. Marie é bem o reflexo da psicologia da jovem universitária, da mulher média americana, excluindo, evidentemente, todas as particularidades do seu carácter pessoalíssimo. O seu conceito de vida leva-a para um caminho do prazer, onde procura satisfação para os sentidos, sem escrúpulos perante os deveres que teria de acatar. Mentalidade fútil, que encontra no jovem super-homem americano (Turk, o atleta) o complemento desejado. Turk, todo biceps, crânio quadrado, peito de leão, é o idolo das multidões que procuram na força bruta e instintiva a identidade daquilo que lhes foi negado pela natureza. O cérebro deste jovem é um mecanismo erótico—e só isso. De resto, vazio, de uma vacuidade confrangedora, de uma idade mental muito restrita.

Tudo o final do filme é o regresso ao «status quo» inicial. O regresso a esta calma aparente, a um Delaney que, com altivez e paciência, atua—é o termo—uma companheira que, apesar da sua bondade natural, ele, na realidade, não ama. Marie casou. Onde a levará o seu sensualismo? Turk continua a atrair dardos nos estádios desportivos, a ser aplaudido e a conquistar «girl-friends». Lola teve um sonho e resolveu não chamar mais por Sheba. Até quando? Doc Delaney, após uma desintoxicação sofrida no hospital, volta aparentemente calmo e sereno para o lar, cheio

(Continua na 13.ª página)

«Vidas erradas»

esta noite no Monumental

O Monumental apresenta esta noite uma obra que excede o habitual nível do cinema italiano e que tem um lugar aparte no quadro da cinematografia europeia. Dois factores contribuem para isso: a presença de Alida Valli e a direcção de Gianni Franciolini. «Vidas erradas» é uma película realista que apresenta o drama humano de uma mulher a quem o destino recusa o direito ao amor, como se o Mundo pudesse condenar alguém sem conhecer o seu drama íntimo.

«Matinéas» clássicas no Tivoli

Um estudo comparativo entre os filmes de Charlot

A sessão da próxima terça-feira, às 18 e 15, no Tivoli, oferece um extraordinário interesse aos cinéfilos. Vão exhibir-se os primeiros filmes de Charlot («Os primeiros passos», «O vagabundo», «O Boémio», «O Aldeão», e «O Emigrante»), a fim de se fazer um estudo crítico comparativo entre estes e o último—actualmente no cartaz daquele cinema—«Luzes da Ribalta».

Hoje, estreia no Coliseu, da

3.ª Companhia de Circo

com os célebres voadores Alisés e as maiores atracções do Mundo.

Amanhã, sábado, primeira «matinée», às 16 horas



Os 5 aramistas Fellers, que vão assombrar Lisboa

A noite de hoje, no Coliseu, vai ser de autêntico, de verdadeiro delírio e entusiasmo.

Estreia-se ali mais uma Companhia de Circo, a 3.ª desta temporada, que conta com os maiores valores circenses, entre eles os formidáveis «Alisés» super-voadores, os maiores do Mundo, com o extraordinário Pierre Alisé nos seus maravilhosos e inextinguíveis triplos saltos no ar. Além desta maravilha da técnica, os Ibarra, assombrosos barristas, Joy Mose, fantasta acrobático, os 5 Felders, aramistas, Paulo, rei dos «jongleurs», os ursos amestrados, apresentados por mille. Jenny, numa visão do Far-West americano, Marcantonio, trapezistas a grande altura, Ellen e Tamar, equilibristas em corda bamba, e os irmãos Diaz, superpalhaços da actualidade, os mais originais e engraçados que se têm visto e aplaudido. Tem o publico assim, a partir desta noite, no Coliseu, um espectáculo inesquecível, espectáculo para senhoras, homens e crianças, um espectáculo, afinal, para todo o publico. Amanhã, sábado, primeira «matinée» infantil às 16 horas, com entrada gratuita a todas as crianças até aos dez anos.

VIDA MUNDANA

LUIS C. LUPI

O embaixador do Brasil, sr. Olegário Mariano, entrega esta tarde ao nosso colega na Imprensa e representante da «Associated Press», em Portugal, durante uma recepção nos salões da embaixada, as insígnias de Oficial da Ordem do Cruzeiro do Sul, com que foi agraciado recentemente pelo presidente Getúlio Vargas. Assistem à cerimónia alguns membros do Corpo Diplomático e numerosas individualidades de relevo.

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
Todas as noites às 21 e 45, a comédia
de OLAVO DE EÇA LEAL

A TAÇA DE OIRO

(Para adu'tos)

Pa'mira Bastos, Mariana Rey Monteiro, Amélia Rey Colaço e um grandioso elenco artístico

TEATRO MONUMENTAL

TELEF. 55133



RICHARDI

Para maiores de 13 anos

Espectáculos VASCO MORGADO

3 UNICOS DIAS

COM O MAIOR «SHOW» DE MAGIA
MUSICAL DE TODOS OS TEMPOS

Cavalcada Mágica

DE

RICHARDI JR.

30 LINDAS MULHERES

NUM AMBIENTE DE SONHO

O EXITO DA AMERICA

O SUCESSO DE LISBOA

Amanhã «Matinée» popular às 16 horas

Aproxima-se a estreia de mais um éxito MONUMENTAL

... E O PATRÃO ENLOUQUECEU

Uma peça hilariante de JACQUES D'VAL - Tradição de MANUEL RAGOSO e MADALENA - OTTO, à frente de uma grande Companhia

SÁBADO

MATINÉE AS 18 e 15

DOMINGO

AS 11 HORAS

E AS 18 e 15

O ESPECTÁCULO DAS MULTIDÕES

A DELÍCIA DE NOVOS E VELHOS

Era uma vez
uma princesinhaOfereça a seu filho duas horas
de boa disposição

Madalena Sotto e Vasquinho

à frente de um grandioso elenco

HOJE As 20,45 e 22,45

13 anos

AVENIDA

NOITE LUSO-BRASILEIRA

FESTA ARTÍSTICA DE

MILTON MORAIS e ADELIA IORIO

Colaboração da Comp.ª Brasileira
e dos seguintes artistas:AMALIA
RODRIGUESSalomé - Max - Tony de Matos -
Humberto Madeira - Jimmy - Tomé
Barros Queiroz - Maria Bertini -
Carlos Fernando - Artur Ribeiro -
Moniz Trindade - Abílio Herlander
- Julieta Fernandes - Isaura Alice
de Carvalho e a parêntese de baile
Paulo e Ivone

Bilhetes à venda

MAXIME

PARA ADULTOS - O MELHOR EM TUDO

ÉXITOS E ENCHENTES!

A formosa
vedeta

MARY MERCHE

em canções
admiráveisENCARNITA FLOREZ e o seu guitarrista RIERA - ROSINA GRACIA
- WIKI VARNET - MISS ASTURIAS - ROSITA
DARGEL - BEL MARY - HERMANAS MONTIJO - ANTONITA CORO-
NEI - HERMANAS ARILLASMusica de baile pela ORQUESTRA TROPICAL BOYS com MARIO DE JESUS
e CONJUNTO FERNANDO D'ALBUQUERQUE com RICARDO LUIZ

DOMINGO A's 17,30

S. LECÇÃO RIGOROSA - ENTRADA LIVRE - CONSUMO MINIMO: ESC. 10500

TODO O ELenco DE ATRACÇÕES

Maria
Vitória

EM 2 SESSÕES, às 20,30 e 22,45

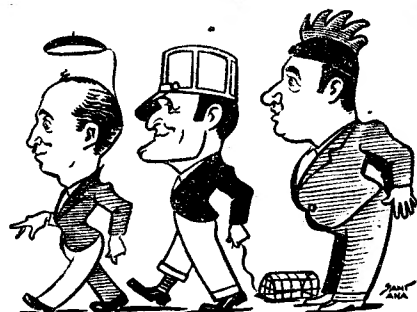
SALVADOR apresenta

SAIAS CURTAS

UMA GRANDE REVISTA POPULAR com

SALOMÉ, Teresa Gomes, Humberto
Madeira, Emilio Correia, MAX, Ma-
ria do Carmo, Tony de Matos e Ma-
ria José da Guia.

Domingo - Matinée - Espectáculo para adultos

Salvador, Max e Humberto Madeira
num numero hilariante

(PARA ADULTOS)
EM PLENO EXITO:
LIMPIA
Clube

TELEFONE 20910

NO RESTAURANTE: TODAS AS NOI-
TES CEIAS ATÉ DE MADRUGADA

As aplaudidas atracções:

LOS GITANILLOS

em danças do mais puro estilo
castiço

ANA MARIA

ESTER DE MURILLO

SARA Y PILAR BERNAL

MARU Y ENCARNITA

com o CONJUNTO VILAÇA

Cartas dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: «VIDAS ERRADAS» - MONUMENTAL

São
Luiz

Telet. 27172

A's 15.15-18.15-21.30:
o grandioso e extraordiná-
rio filmeA MORTE DUM
CAIXEIRO VIAJANTENuma esmaltada interpre-
tação de Frederic March

(Espectáculo para adultos)

EDEN

Telef. 20768

(Para maiores
de 13 anos)

A's 15.30-18.30-21.30

Charlie Chaplin

NA SUA GENIAL OBRA

Luzes da Ribalta

São
Jorge

Pia. 54153-Bal. 54154

A's 15.15-18.15-21.30:

O poema cinematográfico

Pomo
de Discórdiacom Greer Garson
e Walter Pidgeon

(Para maiores de 13 anos)

ODEON

Telef. 26283

A's 21 e 15

8.ª Semana do deslumbrante

filme colorido indiano

PRESTÍGIO REAL

PALACIO

Telef. 47143

Toda a beleza, fascínio e

mistério do Oriente fabuloso

(Para maiores de 13 anos)

Capi-
tolo

TEL. 27493

A's 15.30 e 21.30

Em magnifico technicolor

Serpente do Nilo

Todo o esplendor dos históricos

impérios romano e egípcio, com

Rhonda Fleming e W. Lundigan

(Espectáculo para adultos)

TERRASSE

TEL. 20917-A's 21,15h.

Uma mulher indomável

O AVENTUREIRO

DE MISSISSIPPI

ESPECTÁCULO PARA ADULTOS

TIVOLI

Telefone 50595

A's 3 e 6.15 da tarde

(a preços reduzidos)

e 9.30 da noite

(Para maiores de 13 anos)

A's 15.15 e 18.15 e às 21.30

O TRIUNFO E GRANDIOSO

FILME DE AVENTURAS E GAR-

GALHADAS

O PIRATA

VERMELHO

(col.) com Euit Lancaster

(Para maiores de 13 anos)

A's 15.15-18.15-21.30

2.ª Semana Triunfal

Vento

do Oriente

com Fred Mc Murray

e Vera Ralston

HOJE: às 21.30 h. ESTREIA

ALIDA VALLI e AMÉLIO NAZZARI

em

VIDAS ERRADAS

(IL MONDO LE CONDANNA)

O drama de uma mulher a quem

o destino recusou o direito ao

amor

(PARA ADULTOS)

A's 15.15-21.30:

A CRUZ

DA MINHA VIDA

com a extraordinária

artista Shirley Booth e

Burt Lancaster

(Espectáculo para adultos)

LIS

Tel. 48560

A's 21.15

(Espectáculo para adultos)

CASINO

ESTORIL

A's 21.30

Charlie Chaplin

no filme do génio

Luzes da

Ribalta

A's 15.15 e 18.15 e às 21.30

O TRIUNFO E GRANDIOSO

FILME DE AVENTURAS E GAR-

GALHADAS

O PIRATA

VERMELHO

(col.) com Euit Lancaster

(Para maiores de 13 anos)

A's 15.15-18.15-21.30

2.ª Semana Triunfal

Vento

do Oriente

com Fred Mc Murray

e Vera Ralston

HOJE: às 21.30 h. ESTREIA

ALIDA VALLI e AMÉLIO NAZZARI

em

VIDAS ERRADAS

(IL MONDO LE CONDANNA)

O drama de uma mulher a quem

o destino recusou o direito ao

amor

(PARA ADULTOS)

A's 15.15-21.30:

A CRUZ

DA MINHA VIDA

com a extraordinária

artista Shirley Booth e

Burt Lancaster

(Espectáculo para adultos)

LIS

Tel. 48560

A's 21.15

(Espectáculo para adultos)

CASINO

ESTORIL

A's 21.30

Escravidão

com Eleonora Rossi Drago

(Espectáculo para adultos)



LUSO

T. 32889 - Animador FILIP PINTO

HOJE - NOITE LUSA com

AMALIA

(1 expressã)
máxima
do Fado)acompanhada pelos seus guitarristas Jaime
Santos e Santos Moreira. Completam o
programa Noémia Cristina, Joaquim Silvei-
rinha, Adelaide Faria e Mario Rocha acom-
panhados por Camarinha e Pedro Leal

(PARA ADULTOS)

N. B. - AMALIA canta às 22 e 30 e à 1 hora.

MACHADO

RUA DO NORTE, 91

TELEF. 30095

A MANHÃ
ALMOÇO COM FADOS
E GUITARRADASNão deixe de ir ao Machado comer
a saborosa Caldeirada à moda de
Aveiro, e o Pote à Galega, especiali-
dades desta casa.Cozinha à Portuguesa dirigida pelo
grande cozinheiro Carvalho, do Porto

Café SALVATERRA

RUA DA BARROCA
Animador Modesto Maia
HOJE-8 CONCORREN-
TES 8, na 4.ª eliminató-
ria do Grande ConcursoNOVOS NO FADO
em que estão inscritos
os melhores amadores
dos bairros de Lisboa.

Armando Dias

QUEM VENCERA?

TODAS AS NOITES

COLOSSAIS

ENCHENTES

COM PROGRAMAS

DE GRANDE FAMA

INTERNACIONAL

E DE NOTÁVEL

CATEGORIA



Para adultos

As melhores atracções
de que fazem parte
lindas Coupletistas,
Cancionistas, Bailari-
nas e VocalistasNum maravilhoso
conjunto

HOJE E SEMPRE

Fados e guitarradas
até de madrugada

VIDA Literária

O PRETO NO BRANCO

A alforreca

Encontrei aquele filósofo na praia, por uma doce tarde de Outono. Começámos, naturalmente, a falar sobre coisas várias, o estado do tempo, as promessas agrícolas, a paisagem marítima.

Depois, insensivelmente, descambámos no momento que o Mundo atravessa, a hora crucial que se vive, os destinos das nações que se jogam. Eu mostrei-me apreensivo e cheio de incertezas e dúvidas. Em contrapartida o meu interlocutor pareceu-me possuidor de certezas e de frases redondas para as exprimir. E a certa altura disse-me assim:

—A Europa o que faltam são homens responsáveis, homens que decidam, sem atender ao tumulto ambiente. Porque é esse tumulto, esse barulho, esse clamor que prejudicam a resolução dos problemas. Ninguém pode resolver um problema complexo no meio da balbúrdia de uma feira. Desde que se meteu na cabeça dos homens que todos e cada um podem opinar sobre essas coisas transcendentes e complexas, a vida dos povos tornou-se também de uma tremenda complexidade. Faltam os grandes chefes que dirijam e mandem.

Eu objectei-lhe com simplicidade que, às vezes, esses grandes chefes, quando erram, levam as grandes catástrofes. Napoleão, por exemplo, era um homem de génio e conduziu a França a Waterloo.

Não indo mais longe, tínhamos nós o Hitler, o Mussolini, o Mikado que levaram as suas nações à derrota e à ocupação. E então se os grandes chefes são afinal chefes pequenos tinha ele a considerar o caso de Sedan, a ocupação de Paris, a perda da Alsácia e da Lorena. De toda essa epopeia de asneiras e de crimes que foi o segundo Império a única coisa que se aproveitava era Victor Hugo no seu rochedo de Guernesey escrevendo os *Chatiments* e o Napoleão, o Pequeno, e salvando o génio da França.

Pareceu-me que o meu interlocutor não gostou da minha opinião e respondeu-me logo:

—E Bismark? Esquece-se que foi ele quem levou a Alemanha à vitória.

—Perdão — tornei-lhe eu — Bismark foi o intérprete da aspiração de um grande Povo a fazer a sua unidade. O que estava por detrás dele era uma nação, parcelada artificialmente em reinos, em principados, em pequenos ducados e que queria ser um Estado. A Convenção Nacional mandava os seus generais tomar cidades sob pena de morte. E eles tomavam-nas. Por trás dela estava também um grande Povo e novas ideias. Napoleão foi o último dos seus grandes generais. Nas suas batalhas de César tremulou sempre o estandarte tricolor da França e ressoou a Marselhesa. Napoleão foi ainda a Revolução Francesa de botas e espadas.

O filósofo abanou a cabeça desdenhosamente e tornou-me:

—Os povos são a massa anónima, o barro, a plasticina que os grandes chefes modelam. Ou por isto ou por aquilo no tempo de Napoleão e de Bismark o essencial era que quem mandava eram eles e ninguém mais falava. E com justiça. Quando fala o génio cala-se a mediocridade e o anónimo. O que se está passando na Europa é ascoso. No momento em que é urgente a integração de toda a Europa ocidental diante do inimigo comum, uns anónimos quaisquer nessas feiras de retórica que se chamam parlamentos atrevem-se a discutir o caso.

O homem parecia-me entusiasmado e furioso. Na praia, entre os sargaços que as ondas tinham arrolado, viam-se umas massas gelatinosas e transparentes, molhadas pela espuma das ondas. Eram alforrecas. O meu homem

agarrou uma delas e voltando-se para mim, disse-me:

—Há momentos em que a conveniência dos povos, as vantagens da civilização, o equilíbrio moral do Mundo, têm nestes animais do mar um paradigma e um exemplo. Eu meto a mão neste saco gelatinoso e volto-o do avesso, dou-lhe a forma que quero.

E executava. A massa gelatinosa torcia-se, reagia, parecia sofrer. Eu olhava o homem espantado. Parecia-me um louco e timidamente objectei-lhe:

—Mas é isso exactamente aquilo contra que nós, os ocidentais, nos revoltamos, em nome da dignidade da «pessoa humana». E' disso que nós nos queixamos. E' contra isso que se levantou um movimento que tem o carácter de uma Cruzada quase religiosa.

O homem entupiu, levou a mão à aba do chapéu e afastou-se de mim.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

UM HOMEM LEMBRA

A primeira partida

por Augusto Casimiro

A vida quotidiana, quando nos resignamos aos seus limites, é um inglório morrer devagar.

Trazemos quase todos em nós a saudade de uma vida que não vivemos ainda e o inquieto desejo de ultrapassar aqueles limites.

Pode a fortuna insensibilizar-nos perante o grande apelo, um amor prender-nos ou um egoísmo, negando a própria força libertadora do Amor.

O Amor que resgata, outra fortuna que só exalta e não humilha, podem mais, e obedecemos sempre à voz que nos chama do além de nós.

Não nos resignamos. Temos de partir. —Para onde?

Há sempre uma hora, uma terra, com uma possibilidade de altura á nossa espera. Pressentimos a promessa maravilhosa. Para lá do horizonte e no fundo de nós mesmo, ressoa o cantico da água, naquela Fonte de Juventa que buscou na Flórida o velho Ponce de Leon. Alguém está á nossa espera, com uma dádiva necessária —nas mãos abertas, estendidas para nós. Já a dor e a saudade da ausência anotecem as coisas em torno de nós. Os olhos bem amados, a face da que compreende e perdoo, velam de lágrimas o doce resignado sorriso... E a noite, irmã da ausência, toca-nos a alma de uma fria sombra.

Mas a voz profunda não se cala, manda. Temos de obedecer-lhe.

Partir, largar, quebrar o que nos limita e nos reduziria a humanidade inquieta, ansiosa de realizar-se!

Eu vivi essa hora. Sofri a sua amargura e o seu deslumbramento.

Era um homem da proa, numa terra que é uma proa voltada para o largo Mundo.

Havia esteiras no mar a rever, ilhas a erguer-se de novo na bruma dos longes, repetindo a hora maravilhosa, terras novas, novos horizontes. Tudo, fora de mim como no mais profundo de mim mesmo, era um aceno, um apelo, uma voz de mando.

Naquela manhã de chuva, com o peito a estalar de amargura, deixei o lar pequenino, a mulher divina e o filho adorador. Fui a dor e a alegria fundidas no mesmo grupo enternecido.

Uma greve ou um temporal paralisara os comboios. Desci de Coimbra a Lisboa pelas estradas desfiguradas pela tormenta.

Entre o meu lar e o meu Restelo procurei o mosteiro da Batalha. Tinha de passar por lá.

Entre o sózinho na Capela do Fundador. Um Sol pálido irisava-se através dos altos vitrais. E, ao meio dos tumulos que eram altares, foi como se velasse as armas. Sózinho. No grande silêncio, o momento adensou-se de presenças e vozes. Naquela presente fundiram-se o passado e o futuro. Um calafrio percorreu-me o corpo. Uma onda veio, alada desde o mais fundo, e desfez-se em névoa e lágrimas nos meus olhos. O coral heróico enchia as naves, o templo todo, feito do fragor próximo de uma batalha, do distante, cada vez mais próximo marulho de ondas e de vento a cantar nas enxarcias de navios.

—Quanto tempo ali estive? O que se passou, ali e na minha alma?

Sequei as lágrimas para as chorar de novo, quantas vezes, ao evocá-las ou vivendo horas irmãs daquela.

No dia seguinte, na amurada do pequeno navio, frente a Lisboa, mal se extinguia o grito da sereia de bordo soltando o sinal da partida, um momento ainda se enfrentaram em mim as duas tentações, dolorosas e contraditórias. —Ficar? —Partir?

—Partir é quase morrer, disse um poeta. Um princípio de morte?

—Não. Um novo nascimento.

AUGUSTO CASIMIRO

de Ramada Curto

digma e um exemplo. Eu meto a mão neste saco gelatinoso e volto-o do avesso, dou-lhe a forma que quero.

E executava. A massa gelatinosa torcia-se, reagia, parecia sofrer. Eu olhava o homem espantado. Parecia-me um louco e timidamente objectei-lhe:

—Mas é isso exactamente aquilo contra que nós, os ocidentais, nos revoltamos, em nome da dignidade da «pessoa humana». E' disso que nós nos queixamos. E' contra isso que se levantou um movimento que tem o carácter de uma Cruzada quase religiosa.

O homem entupiu, levou a mão à aba do chapéu e afastou-se de mim.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava-se à distância. De vez em quando via-o voltar-se e fixar-me. Fechei furiosamente a boca com medo que ele tornasse atrás e me voltasse de avesso como tinha feito a pobre alforreca.

Fiquei triste em frente ao mar agitado, como um grande ser vivo. A silhueta do filósofo que se afastava recortava

LIVROS e AUTORES

COMENTÁRIOS DE ARTUR PORTELA

MÉDICOS ESCRITORES

«Calvários da Medicina»

por Evaristo Franco

Mais um médico conquistado pela magia da literatura. Dir-se-ia que o seu numero cresce de dia para dia, como uma força não só irreprimível, mas generosa, que não excede, contra o que a primeira vista se possa supor, o quadro da profissão clinica, porque, embora seja diferente a modalidade, ela tem intimos pontos de contacto, afinal, com a ciência de libertar o individuo das suas dores e sofrimentos, de o perscrutar física e espiritualmente, até aos mais intimos recessos. Não será a literatura, na sua genuína nobreza, quando se impõe o dever humano de dar a vida um sentido pleno de paz, de justiça, de alegria, de felicidade—e mais não dizemos para não resvalarmos para o campo social—um complemento da Medicina? Com a mesma tinta, a mesma fraterna compreensão, a mesma enternecida bondade, com que se olha um doente, e depois se escreve um receita, não se redige um romance, humano e verdadeiro, em que se apontam as directrizes morais e ontológicas de determinada camada humana, ou, apenas de um individuo? Tudo são casos, afinal—clínicos e literários. Curas de almas, satisfação de anseios, vozes que encarnam as inquietudes da multidão, documentos vivos a observar, e, sobretudo, a emancipar no processo biológico, em crise, ou psicologicamente em colapso, se não mutilado pelo meio ambiente. O contacto entre a medicina e a literatura é permanente, e, sobretudo, actuante. Podem duas paralelas, —é o caso,—só se encontrarem, empiricamente, no infinito, mas até lá, onde os olhos não enxergam, acompanham-se sempre, linhas reciprocas, definidas, sem intermitências e limitando sempre o mesmo espaço. Entre ambas, terrenamente, está a vida, de que são austeras testemunhas.

Parêmos aqui. Não queremos levar muito longe estes conceitos reais, que, arraigadamente, partilhámos. O sr. dr. Evaristo Franco é, entre muitos, um dos nossos clinicos, que cultivam as letras, com paixão e emoção. A par dos seus tratados científicos da especialidade, parte deles, já com tenore no estrangeiro, tem-nos dado, por vezes, obras de caracter literário, não propriamente, de pura ficção, embora, dentro de atmosferas novelescas («Batas Brancas» e «O ouro perdeu o brilho») mas arrancadas á verdade cotidiana, com toques necessários de transfiguração para que as personagens, que foram reais e os seus problemas, não sejam pelas próprias identidades. A clinica é um campo extraordinário de amplitude e profundidade para conhecer as mil faces, sempre diferentes, da vida. O que passa sob os olhos de um médico? O que ele vê, o que ele pressente, mesmo no mutismo dos pacientes! Dir-se-ia que não são, apenas, os corpos que se desnudam, mostrando as suas misérias, mas também, as almas, as suas chagas mais ou menos cruciantes e sangrentas. Enquanto, o escritor tem de inventar, ficcionar, recriar, reconstituir, preencher soluções de continuidade, porque as fisionomias são como as muralhas das fortalezas alterosas e impenetráveis, com raras fendas donde irrompem luzes de revelação interior, o médico tem á mão, quase sem esforço, os mais variados elementos da comédia e da tragédia humana. Nem sequer precisa de confissões; a sua prospeção clinica sabe captar, discernir, relacionar, para além do exterior murado, convencional, mesmo teatral, de todos nós.

O dr. Evaristo Franco dá-nos neste livro o melhor da sua etica generosa, da sua sensibilidade afectiva e emocionante, do seu nobre idealismo moral.

«Calvários da Medicina» é um livro perturbante, em que tanto o autor, como o seu mundo de personagens, se abraçam. Nos lábios do escritor ha sempre um sorriso de ternura, de piedade compassiva, e, até mesmo, o remorso de não só como homem, mas como médico, não poder fazer mais para libertar os que sofrem, eliminar-lhes a dor, abrir-lhas, de par em par, as portas do amor e da alegria. Não é uma atitude moralmente superficial; sente-se que tudo brota instintivamente do mais profundo, do mais intimo do ser, sem luta, pelo contrário, com a ajuda—e, exaltante, do seu espirito.

Dá, a nobre integridade deste livro, em que há páginas impressionantes, de uma genuína autenticidade.

Adverte o sr. dr. Evaristo Franco, na segunda página de «Calvários da Medicina»: «São verdadeiros os episódios descritos neste livro e fictícios os nomes das respectivas personagens. Por motivos compreensíveis, os acontecimentos foram transferidos para locais distantes dos pontos onde se desenrolaram, excepto os que se ligam directamente ao autor.

Isto basta. Depois de tão sincera (espontânea) declaração, á medida que lemos, ou melhor, devoramos, a obra torna-se abrasiva. A vida, afinal, como romance, excede tudo. Nos seus casos, problemas, conflitos, angustias, incidências, anomalias, imponderáveis, entrecruzar de destinos anónimos, fatalidades, e coincidências—ultrapassa o que a mais louca



DR. EVARISTO FRANCO

fantástica e tenebrosa imaginação possa criar. Veja-se, por exemplo, o capítulo «Despertar de Vocação», facto concreto passado com o próprio autor, no meio do ambiente familiar, que o levou a ser médico. Camilo e Fialho, que nos deram páginas lancinantes de necrofilia, ficariam surpreendidos com a verdade, a intensidade dessa narrativa, em que o amor de uma mãe rouba o cadaver de uma filha estremecida, e foge com ele, de noite, pelos campos, para a ter mais algum tempo ainda —pata sempre se puder,—agazalhada ao calor do seio, com os seus beijos e as suas lágrimas. É uma confissão patética, dolorosa, em que Evaristo Franco quis ser frio, objectivo, sem o conseguir, porque a trágica recordação lhe empana de pranto tanto os olhos, como a pena.

Se um novelista, e não um médico, que atesta a verdade do que narra, a tivesse escrito, ninguém acreditaria,—como se aquele triste e consumido despojo humano pertencesse ao arsenal funebre dos folhetinistas ultra românticos, do século passado. Mas logo a seguir, o dr. Evaristo Franco nos dá, em «O Primeiro Calvário», outra nota de realismo pungente, passada na sala de anatomia da Escola Médica, do Porto, para onde uma coincidência trágica do destino arremessa o cadaver de uma reparação, noiva de um camarada intimo do autor. A esfinge sibilina e bifronte da vida e da morte parece descerrar os lábios, revelando um dos seus mistérios. O que vemos, o que ouvimos, o que sentimos nessa amarga e sombria recordação, como corresponde a uma descarga eléctrica, que nos deixasse fulminados.

Mas o sr. dr. Evaristo Franco tem em «Calvários da Medicina», outras dramáticas recordações que fazem lembrar, não o romance, mas o titulo de «Coisas Espantosas, do trulento gigante de São Miguel de Seide. Caso para dizermos: o impossível existe, o absurdo é deste mundo, a fatalidade é cega e implacável! «Torturas da Celebridade»; «Verificação de Obitos», «Clinica Amarga, além de outros, são pungentes trechos no negro livro do destino, novelas vividas, acontecidas, cuja trama verdadeira o autor-médico, nos dá o testemunho exacto, emocionando-nos totalmente.

Evaristo Franco sabe focar bem os assuntos; dar-nos o caracter das figuras; recriar os ambientes e conduzir, com virtuosismo a acção, até a surpresa final, que nos deixa em estado de choque. Vida vivida, transida, em que as mascaras têm esgares, o passado lança labaredas crepitantes e os olhos da alma se queimam na ardência patética das lágrimas.

«Calvários da Medicina», que abre, com uma panorâmica sobre a «Dor, a Medicina e a Fé» termina com um evangelário sobre a caridade clinica com os pobres, os incuráveis, os misantropos, os ingratos, os doentes contagiosos, os impertinentes, os perversos e os criminosos,—sombrias e fantasmas que perpassam sempre num horizonte baixo e crepuscular de interesses, intrigas e incompreensões.

O dr. Evaristo Franco dá-nos variados exemplos, flagrantes de observação pessoal, definindo depois o que é o «médico perfeito». As ultimas páginas são como que a ressurreição, depois do Calvário—dos calvários da clinica!—já a luz suprema e zenital, onde o paraíso da bondade, da luz magnifica, da calma elizia, depois da terrível batalha da vida, a todos chama para os absolver e libertar de todo o mal.

Não será a medicina de certa maneira uma religião, pelo holocausto que impõe aos que, dignamente, a sabem servir? Pela nossa parte, dizemos, apenas—sim!

RI E FAZ RIR

Leia todas as semanas o jornal humorístico «SEMPRE FIXE», o mais barato e popular do País.

UMA EDIÇÃO COMEMORATIVA

A exposição de Arte Sacra

em cada um magnífico livro de beleza

A exposição de arte sacra missionária, realizada nos claustros maravilhosos de Belém, a primeira que se fez em Portugal e que, para muitos, constituiu uma grata surpresa, foi agora recordada, num testemunho de imperecível beleza por uma edição monumental da Agência Geral das Colónias. Trata-se de uma edição comemorativa daquele certame, que surge com um esplendor artístico, um primor de apuramento gráfico, entre textos literários, ou de critica, e numerosas reproduções—que a tornam como que um museu movel, se não um valioso documentário, que se pode considerar, sob todos os aspectos, uma verdadeira joia bibliográfica.

Deve-se esta «Exposição de Arte Sacra Missionária, no desenvolvimento editorial, e mais criteriosamente agora, dirigido pelo sr. comandante Sarmiento Rodrigues, ao sr. dr. Banha da Silva, agente geral do Ultramar, e um dos organizadores da magnifica exposição dos claustros de Belém.

De facto, era pena que tão belas imagens de arte religiosa dos vários continentes em que se divide o Mundo, num vasto e riquíssimo património estético, desaparecessem, sem deixar um vestigio, uma lembrança, uma imagem, da maneira como se reuniram, em Portugal, num nobre e imponente conjunto.

Nesse certame, apesar de numerosas peças não pertencerem a portugueses, demonstrou-se que os admiráveis missionários lusitãos, heróicos pelo sacrificio, resignação e proezas sofridas—não converteram, apenas, almas, não ensinaram, unicamente, o catecismo, não conquistaram, somente, para a nossa lingua, e, portanto, para o comum da gree, novos povos e raças; fizeram mais: ensinaram muitos, dando-lhes os primeiros rudimentos de uma instrução proveitosa e até mesmo elementos de educação estética. Foram pequenas sementes que, rapidamente, germinaram, na Africa, Asia, Insulândia, Novo Mundo, oriando uma arte comovedora de expressão cristã, por vezes, tosca, elemental, mas pitoresca; outras, em estranho e brilhante surto de beleza. O mais interessante, como se demonstra, neste magnifico livro «Exposição de Arte Sacra Missionária», é que essa arte, talvez pelo nexo comum religioso, diferenciando-se, em absoluto, da concepção e do estilo europeus, apresenta evidentes sinais de parentesco, embora, se revista, como é natural, de características locais.

Há diferenças de nível. A arte asiática é superior á africana, o que não é para admirar. Enquanto a primeira, produto superior de milenária civilização, procura a expressão moral, é finalmente idealista, tem a noção das linhas, volumes e cores; a segunda, é, no geral, produto extremo da imaginação. Sente-se que o indígena negro, como o polinésio, procura ver, criar as imagens dos santos, de que os bons missionários lhes falavam. Como seria São

Francisco de Assis? Qual a expressão do Nazareno, no negro lenho do sacrificio?

Evidentemente, que o seu espirito limita-se ao horizonte que o envolve. Inconscientemente, procura reproduzir o que está perto, o que é do seu contacto real, mas mesmo assim, a sua pureza, a sua ingenuidade—como dizer?—o seu estado de graça, deixam na obra reflexos perturbantes de emoção. A par disso peças históricas de valor unico, como a cruz ante a qual se celebrou a primeira missa—missa da descoberta—no Brasil; os crucifixos dos missionários, feitos pelos autóctones, das várias parti-das do Mundo; os belos bronzes de Benim, tão bem cinzelados, como o famoso grupo da «Fuga para o Egipto»; os cofres de prata lavrada, filigranada, da arte indio-portuguesa, que se podem comparar, se é que não excedem, os requintes dos ourives florentinos da Renascença.

Nesta rápida impressão sobre o livro, que nos reproduz, em magníficas fotografias, as centenas de peças da exposição, não queremos, ainda que, ao de leve deixar de aludir, como de resto, o fizemos, quando o certame da arte sacra se inaugurou—á pintura indiana e chinesa.

A primeira é mais fluida, como que desumanizada, alegórica, ideativa ou sonhante: a se-



Nossa Senhora e o Menino, do artista chinês Chang Hao-Ho

gunda mais fina, graciosa, terrena, enternecida, de um pitoresco como que vivido, de uma doçura e subtilidade, verdadeiramente, alicientes. Enche-nos os olhos de suavidade. Sente-se que o artista chinês penetrou, compreendeu mais, fundamente, pelo sábio requinte intelectual, através de uma civilização de tipo superior, as mensagens do cristianismo.

Vejam-se, por exemplo, nesta obra, de caracter monumental, as reproduções das pinturas «Anunciação», «Reis Magos» e outra «Anunciação», «Anjo», «Natal», «O Anjo e os Pastores», «Nossa Senhora», «São José volta do trabalho», «Natividade». Dir-se-ia que o Céu e a Terra estão em festa. Chovem flores. Há palmas de ouro. Asas adejam, enormes e brancas, entre estrelas que fulgem. Uma autêntica maravilha!

Outra pintura notável pela concepção e expressão é o «Calvário», do artista vietnamita Le Van De. Muito mais há que ver, neste livro, digno da comemoração que tão eloquentemente exalta. Dispersaram-se as peças capitais da exposição de arte sacra, mas elas ficaram, pelo menos, neste grandioso museu fotográfico, onde há tão esplendidos fotolitos a cores, a testemunhar o influxo criador da civilização lusitana e a obra dos nossos missionários.

Vários textos dos srs. presidente da Republica, cardeal Tedeschi, comandante Sarmiento Rodrigues, Dino Satolli e Celso Constantini se inserem na obra, de que se fez, apenas, uma tiragem de mil exemplares. Ao seu obreiro principal, o sr. dr. Banha da Silva, as nossas felicitações por este tão nobre e expressivo padrão do património nacional, Capa de Manuel Lapa.

FRIO

Tengo frio. Mucho frio. Frio espeso que me roba lo mejor do pensamiento... y anda rondando la alcoba donde mis nervios inquietos, vencen edades de sobra

Tengo frio. Mucho frio. Frio que me desespera; y no puedo defenderme, porque tiene mi quimera esta angustia primitiva de criolla y extranjera

Frio de años. De derrotas y tristezas ancestrales. Frio intenso. De milenios; que los Valles arcentales me incrustaron con la sangre con la nieve en los rosales.

Frio cósmico. De las rutas que perdieron su destino. Frio extraño que se hereda por la escarcha de un camino que nos viene desde el Tiempo, y en el Tiempo es peregrino

Tengo frio. Mucho frio. Frio espeso de atomismo. Frio crudo y misterioso... cómo el frio de un abismo! Como o frio congelado en el caos de uno mismo!

MARIA LUISA LARENA (Uruguia)

De Rider Haggard, o famoso autor das «Minas de Salomão», que Eça traduziu, publicou-se agora em português, «O Tesouro Africano», na colecção os «Romances Sensacionais», da Portugália.

Na colecção Pelo Império: «O missionário quinhentista Fr. João dos Santos e o seu livro Etiópia Oriental», de valioso interesse.

INTERCAMBIO TECNICO

Henrique de Barros
e o Brasil

O ilustre professor Henrique de Barros, mestre de economia agrária, que, no estrangeiro, tem alcançado o mais largo e justo renome pelos seus valiosos trabalhos, encontra-se no Brasil, como delegado da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (F. A. O.).

Tem percorrido diversos Estados, feito numerosas conferências, e dado variadíssimas lições, não só experimentais como teóricas. Toda a imprensa do grande país se tem referido à sua valiosíssima acção, com os mais calorosos elogios, que, de certa maneira, se reflectem na cultura portuguesa. Com a devida vénia, extraímos do importante jornal carioca «A Voz de Portugal», diversos trechos de um artigo intitulado: «Henrique de Barros e o Brasil»:

«Depois de curta permanência no Estado de São Paulo, encontra-se novamente entre nós o professor Henrique de Barros.

Na capital bandeirante proferiu ele, a convite da Escola de Política e Sociologia, uma série de palestras focalizando aspectos relevantes e actuais da ciência económica, encerrando assim, de maneira auspiciosa, esta sua terceira visita ao Brasil.

O professor Henrique de Barros, como observador da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (F. A. O.), tomou parte no «Seminário Latino-Americano Sobre os Problemas da Terra», reunido em Campinas e onde se debateu, entre outros, o problema da reforma agrária exigida pelo Brasil. Em seguida, deslocou-se para a cidade fluminense de Campos inteirando-se ali dos métodos adoptados pelos técnicos do Instituto do Açúcar e do Alcool para a determinação das contas culturais na lavoura canavieira.

Viajou depois para o Recife, permanecendo por largo tempo na capital pernambucana em estreita colaboração com os técnicos do I. A. A. daí resultando o estabelecimento das bases para um amplo inquérito sobre o custo de produção da cana de açúcar naquele Estado. Ainda no Recife teve oportunidade de proferir várias lições no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social, bem como na Escola de Agronomia.

De regresso ao Rio demorou-se por alguns dias na Estado da Bahia como hóspede oficial do Governo baiano, proferindo inúmeras conferências e visitando as principais zonas de produção agrícola do Estado.

No mês passado, atendendo ao convite do Departamento de Economia Rural da Escola Superior de Agricultura de Viçosa, falou aos estudantes do tradicional estabelecimento de ensino agronómico da novel Universidade Rural de Minas Gerais que ele tanto admirou.

Eis, em resumo, como transcorreu a actividade do professor Henrique de Barros na sua terceira visita ao Brasil.

Não temos, pois, dúvidas em afirmar que a estada do professor Henrique de Barros no Brasil tem sido de grande valia à agronomia brasileira e a sua contribuição para que toda a classe agronómica do Brasil olhe com mais interesse, com mais entusiasmo e com mais respeito mesmo a actividade dos colegas lusitanos, de inestimável efeito.

Esperamos tê-lo outras vezes, muitas vezes, mesmo, entre nós, peça indispensável que é no bom funcionamento, no melhor rendimento do intercâmbio agronómico entre o Brasil e Portugal.

E que não estamos sós, ao fazermos tal afirmativa, é prova eloquente o trecho da carta que a seguir transcrevemos do ilustre cientista luso, professor Vieira Natividade, há dias recebida: «Na parte portuguesa, abriu o Henrique de Barros com chave de ouro, o novo intercâmbio, não só no domínio científico, para o que possui singular autoridade, senão também no domínio espiritual, unindo por laços de amizade alguns agrónomos portugueses e brasileiros, por que sente que essa amizade constitui condição essencial para uma frutuosa e compreensiva colaboração».

Como homem, como técnico, como mestre incomparável que é, a presença do professor Henrique de Barros entre nós, será por muito tempo lembrada, quer pela amizade e lealdade com que distinguiu sempre todos aqueles que dele se acercaram, quer pela inteligência esclarecida e brilhante com que se soube desincumbir da importante missão que o Brasil lhe confiou através da F. A. O..».

A divulgação
do gosto pela música
nos centros de trabalho
e núcleos desportivos

«Pró Arte», admirável organização que partiu do director do Conservatório Nacional e dos seus colaboradores, alarga já a sua acção de cultura musical e artística por numerosas cidades e vilas, entre as quais Elvas, Campo Maior, Alpiçarra, Tomar, Castelo Branco, Covilhã, Coimbra, Figueira da Foz, Espinho, Porto, Lamego e Vila Real, tem também delegações em vários colégios, em Lisboa, no Ramalhã, Odivelas, em Évora, Abrantes, Póvoa do Varzim, Vila Nova de Gaia, Porto, Leiria e Ponta Delgada, e está a estendê-las por fábricas, para os seus operários, e pelos clubes desportivos.

Agora acaba de ser criada uma delegação de «Pró Arte» no Sport Algés e Dafundo, por iniciativa do sr. Humberto Melo Pereira, presidente da secção cultural, que no sr. dr. Ivo Cruz encontrou o melhor acolhimento, assim como o ilustre director do Conservatório o tem tido por parte dos organismos oficiais para o seu belo empreendimento. O Clube Sport Algés e Dafundo, que já havia realizado sessões culturais, concertos e uma exposição que mereceu a visita do sr. ministro da Marinha, que então animou a orientação com palavras encorajadoras, criou agora uma delegação de «Pró Arte» para os seus sócios, que acolheram a ideia com tal entusiasmo que, em poucos dias, já se inscreveram cento e cinquenta, com suas famílias. Pagarão seis escudos por cada concerto, e o que sobrar das despesas será para formação duma biblioteca e para um curso de analfabetos pobres da zona de Algés.

O primeiro espectáculo cultural da delegação «Pró Arte» do Sport Algés e Dafundo será já no próximo dia 26 do corrente, com D. Mariana Rey Monteiro e a pianista D. Maria Cristina de Lima Pimentel, seguindo assim os clubes desportivos o exemplo dos seus congéneres estrangeiros que cuidam da cultura artística a par da educação física.

Ataque de Bevan

ao Governo conservador

LONDRES, 6.—«Um condenado nunca tem pressa de encontrar o carrasco» — declarou o deputado trabalhista Aneurin Bevan durante um jantar que lhe foi oferecido pela Associação Metropolitana dos «Mães» Trabalhistas, num hotel de Hammersmith — acrescentando: «é por isso que sir Winston Churchill não deseja eleições gerais». Afirmando depois que um próximo regresso dos trabalhistas ao Poder «interessaria não só a Grã-Bretanha como todos os povos do Mundo», Bevan disse: «As pessoas que se encontram hoje no Governo britânico são incapazes de fazer frente a qualquer situação perigosa». «Tenho-os bem na minha frente na Câmara dos Comuns e há vinte anos que os vejo, o que conseguiu dar-me um complexo de superioridade. Têm-me dito que sou demasiado áspero e que não devia atacar os conservadores de hoje, os quais não são os mesmos que existiram entre as duas Grandes Guerras. Estou pronto a aceitar que isto seja verdade, porque realmente estes são piores».

— (France Presse).

Uma proposta para Churchill
ir a Washington, Paris e Moscovo

LONDRES, 6.—Falando em nome da oposição trabalhista, o deputado Arthur Henderson propôs ontem na Câmara dos Comuns que, visto as notas ocidentais dirigidas à Rússia não terem dado resultado, o primeiro-ministro vá a Washington discutir o problema com o presidente Eisenhower, indo em seguida a Paris e, depois, a Moscovo. «Espero» — declarou — que o ministro dos Negócios Estrangeiros estude esta sugestão». Anthony Eden interrompeu-o e afirmou que «se tratava realmente de uma sugestão importante» e acrescentou: «Todos os métodos que tendem a melhorar a situação, são estudados, mas devo dizer que é nosso dever não permanecer cegos em frente dos factos. Dados os termos da nota soviética, ninguém poderá pensar que a resolução de todos os problemas, mesmo os mais importantes, só depende da maneira como os assuntos são tratados».

RELÓGIOS OMEGA
Agência Oficial
Ourivesaria Pimenta
Rua Augusta, 255 — Tel. 24564

Como se faz a recolha de leite
dos produtores da área de Lisboa
e se procede á sua distribuição

O «Diário de Lisboa», assim como outros jornais, ocupou-se por mais de uma vez da má qualidade do leite que estava a ser fornecido ao publico e das queixas dos vendedores do produto, bem como das reclamações por estes apresentadas às entidades oficiais, no sentido de serem tomadas as providências que se impunham.

Por outro lado, os médicos que aconselhavam aos seus doentes a beber leite, principalmente crianças, recomendavam que procurassem arranjar-lhe de confiança, sendo possível, adquirido directamente nos estábulos, o que se tornava deveras difícil, por estes só o poderem vender às cooperativas e aos Grémios da Lavoura.

Em face do que se estava a passar, a imprensa não podia, nem devia, ficar silenciosa dadas as reclamações do publico.

A fim de prestar esclarecimentos sobre a me-

canica actual da distribuição do leite, a actual comissão administrativa da União das Cooperativas Abastecedoras de Leite a Lisboa, conhecida pela designação abreviada de U. C. A. L., convidou os representantes da Imprensa de Lisboa e Porto para uma visita a um posto de concentração e refrigeração, em Loures, a dois postos de recolha, um deles junto a um estábulo e outro de distribuição nas avenidas novas. Pudemos assim ficar a fazer uma ideia da forma como o produto chega ao publico e como funcionam os serviços da U. C. A. L.

O leite destinado ao abastecimento publico ou á industria pelos produtores é levado aos postos de recolha colocados em determinadas áreas, de harmonia com a comodidade dos proprietários do estábulo que ali o vão levar. Nestes postos procede-se a um exame sumário para fazer uma primeira classificação do leite, que é, depois, ali metido em vasilhas metálicas de 50 litros e transportado em camiões para os postos de concentração e refrigeração. Ali, as vasilhas são colocadas sobre um tapete rolante que as conduz até junto da máquina de refrigeração. Antes, porém, um provador especializado, vai tirando as tampas dos potes, para, por uma observação pela vista e pelo olfacto, estabelecer uma classificação, em que, permanentemente, põe, de parte, para analisar no respectivo laboratório, o leite sobre o qual podem levantar-se dúvidas. Por um perfeito método analítico, estabelece-se depois, em 10 minutos, a verdadeira qualidade do produto analisado.

O leite acerca do qual o provador não tem menor duvida, entra imediatamente na máquina para ser filtrado e refrigerado, em circuito fechado, a 2,4 graus. O que é considerado fraco ou vai para a industria ou é tratado com natas caso esteja em condições de consumo publico.

A medida que o leite é tirado todo o vasilhame segue, acto contínuo, para uma má-

(Continua na 15.ª página)

Generais alemães

prisioneiros dos russos

VIENA, 6.—Uma família austriaca, com laços de parentesco afastados com Hitler, foi deportada para a U. R. S. S. e condenada a 25 anos de trabalhos forçados, por essa unica razão, anuncia a A. D. P. Um dos 600 prisioneiros de guerra repatriados contou que esteve no mesmo campo de concentração que a família Schmidt, composta de pai, mãe e filho, naturais de Waldviertel, na Baixa Austria, que, por serem parentes afastados de Hitler, estão a cumprir 25 anos de trabalhos forçados em Verchne-Uralsk.

A «Austria Pressedienst» anuncia também que o antigo piloto pessoal de Hitler, o general Bauer, feito prisioneiro pelos Russos, estaria internado em Koenigsberg; seria brevemente libertado para regressar á Alemanha oriental, como o general Paulus, onde o Governo o empregaria como conselheiro aeronáutico. Esta informação é dada por prisioneiros repatriados que contam ainda que o general Paulus vivia numa luxuosa moradia, perto de Moscovo, onde trabalhava como conselheiro do estado-maior general soviético, bem como o major Graf, o general Schoerner e o filho do marechal Keitel estariam internados no campo de concentração «Vladimir», ambos condenados a 25 anos de reclusão.

Dizem os repatriados que estariam ainda na U. R. S. S., sobretudo no campo de internamento de Sverdlovsk, nos Urais, e nos arredores de Moscovo, 500 antigos generais da Wehrmacht, nomeadamente Schatz e Von Huelsen.

— (France Presse).

Sapataria Select

R. do Carmo, 59 — Lisboa
(de Américo de Sousa, Lda.)

Os sócios FERNANDO MARQUES RODRIGUES ALVES e ORLANDO RIBEIRO ALVES comunicam aos seus exm.ºs clientes e amigos que deixaram de ter qualquer responsabilidade na respectiva gerência, por discordarem a administração que nela vinha fazendo o outro sócio, sr. Arlindo de Almeida Simões Tarrana, a quem vão ser exigidas, através dos tribunais competentes, as responsabilidades decorrentes da sua actuação.

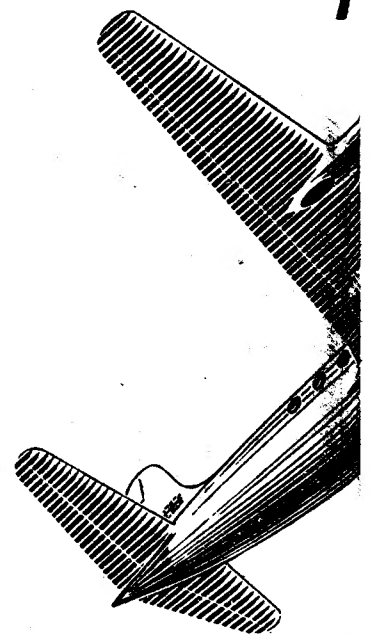
Cabelos sedosos,
leves e brilhantes?

VITAPOINTE

UMA COISA BELA

é uma lembrança eterna. As joias da
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
têm um encanto inesquecível.
RUA DA PRATA, 257

O primeiro t
aéreo do mun
turbo-f



rapidamente até

voe pela BEA

Reserve através do seu agente
Av. da Liberdade, 23/27 - Telef.

BRITISH EUROPEAN

É mais fácil
evitar do que curar.
Usando pasta
medicinal Conto evita
futuras e graves doenças
da boca.



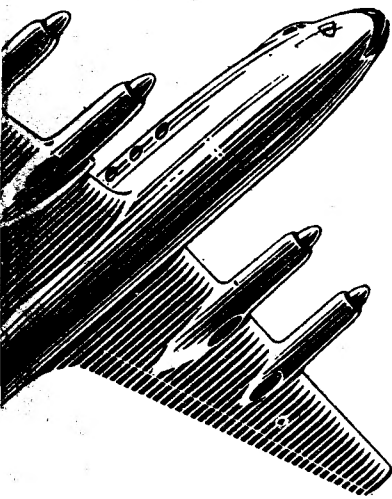
Anuncia-se mais um divórcio em Hollywood: o de Frank Sinatra-Ava Gardner, cujo casamento já durava há muito tempo... «A Voz» — como chamam a Frank na América — não parece lá muito triste, a avaliar por esta imagem, onde nos aparece disfarçado de «clown», o clássico palhaço, numa pose elegante, obtida durante uma festa de artistas. Resta-nos saber se, sob a maquiagem que lhe vemos, o palhaço ri ou chora enquanto canta...

O vírus da poliomielite

foi fotografado pela primeira vez

POCONO MANOR (Pennsylvania), 6.—O vírus da paralisia infantil foi fotografado, pela primeira vez, por meio de um microscópio electrónico. As fotografias foram projectadas pelo conhecido biólogo dr. A. R. Taylor, durante uma conferência que se realizou na Sociedade do Microscópio Electrónico da América. O vírus apresenta-se sob a forma de uma minúscula bola, absolutamente redonda, tão pequena que seria necessário um grupo de um milhão para encher um espaço de 25 milímetros quadrados.—(F. P.).

Transporte do propulsor



Viaje tranquilamente,

Londres no novo COUNT

O VISCOUNT é o novo e sensacional avião britânico de que toda a gente fala. Equipado silenciosamente por turbo-propulsores, voa a 5 milhas por minuto mais. Poderá viajar comodamente e gradavelmente na sua cabina de ar condicionado, muito acima das condições atmosféricas.

Atual ou no escritório da B.O.A.C.:
231/2/3-Teleg. SPEEDBIRD-LISBOA

PEAN AIRWAYS

A distribuição de listas de voto dos candidatos opositoristas do círculo de Lisboa

Dos serviços de secretaria dos candidatos opositoristas de Lisboa pedem-nos que se torne público estarem em distribuição boletins de voto nos seguintes locais:

Freguesia dos Anjos — Centro Dr. António José de Almeida, Travessa da Nazaré, das 21 às 22 horas; Rua dos Anjos, 5-A e 5-B, das 9 às 19; de Arroios — Praça João do Rio, 11-A (ao Areeiro), das 10 às 13 e das 15 às 19; Avenida Guerra Junqueiro, 18-C, Porta 6, das 9 às 12 e das 15 às 18; Avenida de Roma, 47-E, das 9 às 12 e das 15 às 18; do Beato — Centro Elias Garcia, Calçada D. Gastão, 15, das 21 às 23; do Campo Grande — António Pires, Campo Grande, 278-280 (até às 22 horas); da Encarnação — Rua da Rosa, 242, 1.º, das 10 às 12 e 30 e das 14 e 30 às 19; das Escolas Gerais — Centro Alberto Costa, Rua dos Remédios, 164, 1.º, das 21 às 24; Caixa Económica Operária, Rua da Voz do Operário, 58 a 66; Calçada de S. Vicente, 74 (até às 19); do Sacramento — Rua da Misericórdia, 116, loja; de Santo Estêvão — Largo do Salvador, 15 (até às 19 horas); de S. José — Praça da Alegria, 62, 1.º, das 9 às 13, das 15 às 19 e das 21 às 24 horas; e Sapataria Lisboa Elegante, Rua do Telhal, 7, das 9 às 13 e das 15 às 19; de Algés, Carnaxide, Dafundo e Cruz Quebrada — Casa de Alfredo Monteiro, Rua dos Anjos, 25, 1.º, em Algés; e Rua Paulo Duque, 1; de Santos — António Abrantes Mendes, Rua do Sacramento a Alcantara, 42, das 9 às 12 e das 15 às 19; de Alcantara — António dos Santos Lourenço, Rua Bocage, 21-27, tel. 38537, das 9 às 12 e das 15 às 19; de Santos-o-Velho, Manuel de Matos, na Avenida 24 de Julho, 82, das 9 às 13 e das 15 às 19.

Os delegados de freguesias e agentes de fiscalização, já nomeados comparecerão hoje, às 21 horas, no Centro Dr. António José de Almeida, a fim de receberem instruções.

Os candidatos opositoristas percorrerão amanhã os conceitos do distrito de Lisboa, abaixo designados, para procederem à distribuição de listas. As horas de passagem são as seguintes: Póvoa de Santa Iria, 9 e 55; Alverca, 10; Alhandra, 10 e 20; Vila Franca, 10 e 40; Arlinda dos Vinhos, 11 e 25; Pontes, 11 e 55; Sobral de Monte Agraço, 12 e 15; Dois Portos, 12 e 45; Torres Vedras, 13 e 15; Malveira, 15 e 25; Alcaniza, 15 e 45; Mafra, 16 e 05; Cheleiros, 16 e 40; Pero Pinheiro, 17; Granja do Marquês, 17 e 20; Lourel, 17 e 40; Sintra, 18; Cacém, 18 e 40; Queluz, 19; e Amadora 19 e 15.

Quatro histórias parisienses...

Dois amorosos que se encontram, após alguns anos de ausência, e que procuram iludir-se mutuamente... Um idílio cómico entre um agente da Polícia e a dona de uma mercearia, perturbado pela intervenção de um cantor da rua... A sombria aventura do louco que encontra uma estranha rapariga com uma estranha história... A vulcânica amorosa em busca do D. Juan que se viu dela... Eis quatro histórias tipicamente parisienses, pelo quadro em que se desenrolam, pelo espírito que as anima, pelo estilo inconfundível com que são contadas. E essas quatro histórias encerram-se num filme admirável que se chama «Histórias Esquecidas» (Souvenirs Perdus), realizado pelo mais parisiense de todos os cineastas de além-Pireneus — Christian-Jaque.

Cada uma delas tem determinadas características e intérpretes de invulgar categoria. Assim: A primeira é de feição romântica. Intérpretes: Edwige Feuillère e Pierre Brasseur. Um modelo de originalidade e espírito.

A segunda é francamente cómica. E nela veremos Bernard Blier — hoje na primeira fila dos comediantes de Paris — e Yves Montand, o famoso cantor, hoje, também, um dos mais destacados intérpretes do cinema francês.

A terceira história é dramática. Foi vivida pelo grande Gérard Philipe e por Daniele Delorme. Uma aventura empolgante, de constante «suspense».

A última rotulou-a o próprio Christian-Jaque com esta legenda: «Uma história disparatada». Vedetas: François Périer, Suzy Delair e Armand Bernard. Será preciso dizer mais?

Nove vedetas, quatro histórias — um só filme: «Histórias Esquecidas». Um filme notável e admirável. Resta acrescentar que vai ser a próxima grande estreia do São Luiz. Atenção, portanto, a «Histórias Esquecidas».

GABARDINES

é Zambrenes para homem e senhora, aos melhores preços.

Directamente do fabricante
DESCONTOS DE REVENDA
R. DO OURO, 292, 1.º

EM 3 LINHAS

O navio patrulheiro «Salvador Correia» foi abatido ao efectivo da marinha privada de Angola, regressando exclusivamente ao efectivo dos navios da Armada, com a designação de navio oceanográfico.

///
Custará 827.600 escudos a execução das instalações de aquecimento eléctrico do edifício da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

///
Acompanham o sr. ministro da Marinha na sua viagem ao Brasil, a bordo do «Santa Maria», o seu chefe de gabinete, sr. comandante Joaquim Teixeira e o seu ajudante, sr. 2.º tenente Benvenuto.

///
O sr. dr. Pedro de Almeida Lima foi reconduzido definitivamente ao cargo de professor extraordinário de Neurologia da Faculdade de Medicina, de Lisboa.

///
O sr. Frank G. Serrão foi nomeado consul de Portugal em Honolulú.

///
O novo capitão do Porto de Seabul é o comandante Laurindo Henrique dos Santos.

///
Foi nomeado presidente da Câmara de Penela o sr. dr. José Pereira Vaz, e reconduzido ao cargo de presidente da Câmara de Felgueiras o sr. dr. Leal de Faria.

O auxílio à Europa

(Continuação da 1.ª página)

parte do material militar armazenado nas bases americanas, o qual, além disso, está mal guardado».

Continuando, o relatório diz: «A indecisão da França constitui um obstáculo à unidade europeia, se bem que o actual Governo francês dê provas de mais coragem que os seus antecessores». Quanto à Itália, os dois membros do Congresso declaram que «está ameaçada de cair sob a influência comunista» e dizem que «ao italiano ouve-se hoje dizer abertamente: Que é que eu tenho a perder com o comunismo?». Os dois parlamentares consideram a Itália, segundo declaram no relatório, «o elo mais fraco de toda a cadeia de defesa». As bases americanas na Europa não escapam à sua crítica e a este respeito declaram no relatório: «Temos provas de que certos estabelecimentos militares são mal dirigidos. Os oficiais americanos vivem num mundo de luxo, longe das realidades e numa situação perigosa. Há muitos que nunca viveram tão bem como agora e aproveitam a oportunidade. Provocam o ressentimento de todas as classes da população no estrangeiro e fornecem uma nova arma à propaganda comunista».

O relatório, por outro lado, presta homenagem ao pessoal do Departamento de Estado no estrangeiro, pelo «seu trabalho e esforço consciencioso». — (France Presse).

A expansão do comércio mundial
NOVA YORK, 6.—O ministro das Finanças canadiano, Douglas Abbott, informou hoje os Estados Unidos de que o Canadá estava verdadeiramente preocupado com a «ténue e até certo ponto frágil» base económica em que os países da Organização do Tratado do Atlântico Norte tinham estabelecido a sua cooperação política e militar. Preconizou medidas mais arrojadas e rápidas para expandir o comércio mundial e fortalecer essa base económica, com o fim de melhorar «toda a nossa posição defensiva».

Fez esta declaração num discurso preparado para pronunciar perante a Academia das Ciências Políticas. — (Reuter).

UM RELATÓRIO OFICIAL

25 anos

de Administração Pública

Em consequência do disposto num diploma publicado em 1950, vai o Governo publicar o «Relatório Geral da Administração Pública», com referência ao ano de 1953. Como, porém, a recolha dos elementos para esse efeito proporcionou à Presidência do Conselho dados muito completos sobre a evolução dos serviços nos últimos vinte e cinco anos, «não se julgou lícito arrecadá-los pura e simplesmente nos arquivos, depois de estudados, e sentiu-se o dever de os pôr à disposição do público».

É um trabalho que começou agora a ser publicado, em volumes separados, com referência aos diversos departamentos governamentais, sob o título genérico de «25 anos de Administração Pública».

O primeiro volume refere-se à Presidência do Conselho e aparece com uma introdução assinada pelo ministro da Presidência, que explica não só as razões da obra, como afirma que «estes trabalhos mostram a grandeza dos resultados obtidos em um quarto de século de dedicação ao bem público que a Nação inteira há pouco consagrou e constituem, apesar de elaborados sem essa preocupação, uma homenagem dos membros do Governo ao seu chefe, pelo relato de uma obra que inteiramente lhe pertence».

Seguidamente, através das 155 páginas do livro, faz-se uma descrição completa da evolução da Organização Governativa, traduzida na acção da Presidência do Conselho.

Segue-se o relato do que diz respeito aos vários serviços dependentes da Presidência do Conselho: Supremo Tribunal Administrativo, Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, Emissora Nacional de Radiodifusão, Instituto Nacional de Estatística, Comissão Técnica de Cooperação Externa e Fundo de Fomento Nacional.

O outro volume, agora publicado, sob o mesmo título genérico e com a mesma apresentação cuidada, da Imprensa Nacional, diz respeito ao Ministério do Interior e divide-se nos seguintes capítulos: A ordem pública, Os órgãos de segurança pública, Os serviços centrais, Imprensa Nacional de Lisboa, Os serviços de emigração, Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios, A codificação administrativa, a administração local, Realizações dos corpos administrativos, Assistência social, A saúde pública, População, Organização hospitalar, Assistência psiquiátrica, Assistência materno-infantil, Órgãos de coordenação da assistência, Os meios financeiros, Preparação do pessoal e Conclusões.

O trabalho, que consta de 67 páginas e é elaborado com larga cópia de informações, inclui também alguns gráficos.

COLECCAO
ARGONAUTA

APRESENTA O SEU
1.º VOLUME:

**« PERDIDOS
NA
ESTRATOS-
FERA »**

pelo
PROF. A. M. LOW

edição de LIVROS BRASIL

12\$50

GABARDINES

PARA HOMEM

DUPLAS, 330\$00 — TRINCHEIRAS, 390\$00

PARA SENHORA

DUPLAS, 354\$00 — FORRO LÃ, 390\$00

Por estes preços só se obtêm boas GABARDINES na

LIQUIDAÇÃO

da LOJA DAS MALHAS — Rua do Carmo, 99

-EU NÃO PODERIA PASSAR SEM ELA!



A MINHA INCA

PRESTA TANTOS SERVIÇOS NA MINHA CASA!

DESDE QUE TENHO UMA BALANÇA INCA FAÇO MUITAS ECONOMIAS PORQUE INCA IMPEDE O DESPERDÍCIO. PESANDO DEPRESSA E COM EXATIDÃO, SUPRIMINDO TODA A IMPRECISÃO NAS PREPARAÇÕES CULINÁRIAS, INCA ASSEGURA O SUCESSO DE CADA PRATO. PRÁTICAS, BONITAS, POUCO DISPENDIOSAS, AS BALANÇAS INCA TEM O SEU LUGAR EM CADA COSINHA

Exija Sempre **INCA**
A BALANÇA QUE NÃO ENGANA

A VENDA NAS BOAS LOJAS DE UTILIDADES

REPRESENTANTE: M. SIMÕES JR. R. DA PRATA, 68 — TELEF. 30306 - LISBOA
AGENTES NO NORTE: SANTAREM LDA - R. RAMALHO ORTIGÃO, 40 - T. 24587 - PORTO

GALEÃO DA ERICEIRA RESTAURANTE-BAR E CASA DE CHÁ
Esmerado serviço de cozinha
Sob a gerência da **PENSÃO MORAIS**
Telef. 65 HA SEMPRE LAGOSTA

PELES DEFENDA

DAVID KIT

O maior e mais fino sortido para o ano de 1954, principalmente em visons e astrakans
Grande desconto para revenda
AVENIDA SIDONIO PAIS, 24
Telefone 48089

a sua garganta com os caramelos Seivomel.
São deliciosos e protegem a saúde.

Aos doentes de estomago
e aos com reumatismo, pedimos o favor de enviarem o seu nome e morada para Laboratório Gastronômil. — VISEU.

Companhia Colonial de Navegação

LINHA DE AFRICA

Paquete **PATRIA**

A sair em 10 de Novembro, com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cap Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique

RECEBE PASSAGEIROS, CARGA GERAL E DE FRIGORÍFICO

N/M **«LUANDA»**

A sair em 20 de Novembro, com escala por Leixões, para: S. Tomé, Santo António do Zaire, Ambriz, Luanda, Lobito e Moçamedes

RECEBE CARGA GERAL E DE FRIGORÍFICO

«N/M **BENGUELA**»

A sair em 11 de Dezembro, com escala por Leixões, para: Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala

RECEBE CARGA GERAL

Paquete **«IMPÉRIO»**

A sair em 15 de Dezembro, com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cap-Towne, Lourenço Marques, Beira e Moçambique

RECEBE PASSAGEIROS, CARGA GERAL E DE FRIGORÍFICO

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

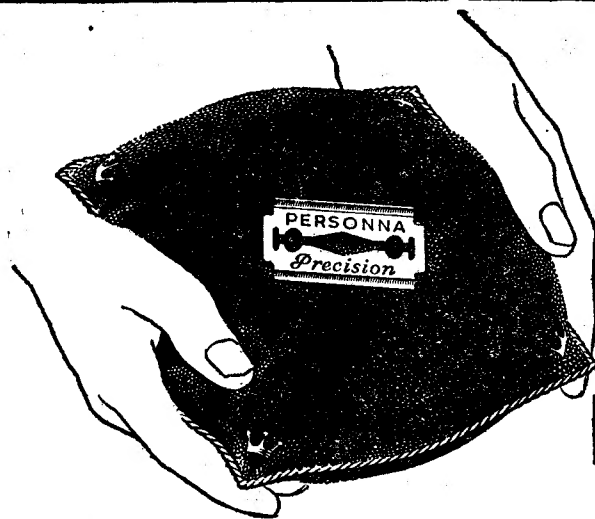
LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telefone 23342



CYMA
AUTOMATIC

A cada movimento do braço, uma peça oscilante deslocando-se, dá corda ao relógio CYMA AUTOMÁTICO, cuja máquina, de 17 rubis, é duplamente protegida contra choques. Foram concedidas SEIS patentes diferentes só para o mecanismo automático. Além de anti-magnéticos, ha alguns modelos que são também impermeáveis à água e à poeira. CYMA o relógio automático que possui também um sistema automático de segurança da corda. A melhor prova de confiança que merece o relógio CYMA-AUTOMATIC é que milhões de pessoas, no mundo inteiro, o usam com o maximo de satisfação

UM DOS MELHORES RELÓGIOS SUIÇOS



Barbeie-se como um principe com

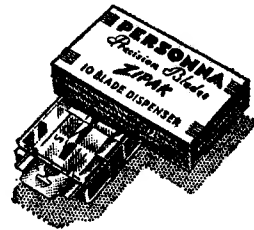
PERSONNA

Se bem que seja uma obra-prima de precisão, PERSONNA não custa mais do que outras laminas de alta qualidade. O pratico Distribuidor ZIPAK, com 10 laminas, custa apenas Esc. 13500. Pacotes de 5 laminas 6550.

A venda em todos os estabelecimentos

DISTRIBUIDORES GERAIS:

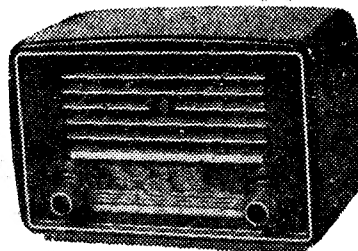
José Antunes d'Oliveira, Herdeiros-Praca da Figueira, 11-1.
— LISBOA —



+
Maria Carlota
Franco de Olivera
Lino de Sousa

MISSA DO 7.º DIA

Teófilo Leal Lino de Sousa, seus filhos e família participam que amanhã pelas 11 horas, na paróquia Igreja de Santos-o-Velho, será celebrada Missa pela alma da sua sempre querida esposa, mãe e parente.



Modelo S-306-U

Esc. 1.850\$00

SIERA

para os que apreciam

RÁDIO

Todas as correntes e todas as ondas

OS NOSSOS CONTOS

(Continuação da 6.ª página)

cha acelerada o podenguito, fraca roupa, seco, orelhita fita prescrutando a distancia. No seu encaço, rodeado das odaliscas airozas, vivas, espertas, cintilantes sob os raios dourados do astro real, ia o «Sultão», cheio de prosápia, a barbicha a tremer, a beicada franzida num esgar de sorriso, a cabeça orgulhosamente adornada e em repetidas cortezias, o chocalho ao pescoço badalando—dlão, dlão... No fecho do cortejo, o dono, calcurreando o caminho, pela décima milionésima vez; conduzindo, defendendo, guardando dos perigos toda a sua riqueza; praguejando contra esta ou aquela rez mais audaciosa, que se afastava e destemidamente retocava as ervas nos sítios mais arriscados.

Tio Lourenço tinha validade no seu rebanho. E era para o ter! Por aquelas freguesias da Ribeira Lima, não havia outro tão pomposo!

A «Branquinha», a «Joia», a «Rusa», a «Cravelinha», a «Pérola», eu sei lá! Qual delas a mais bonita, a mais elegante, perna delgada, pescoço alto, pelo macio...

Eram o seu ganha pão. E tanto em leite como em crias mostravam-se generosas para o dono e exigências da família.

—Mas...—Como acontecera aquilo? Dentro do seu cérebro as ideias balhavam-se, enquanto a sua volta o círculo de curiosos se tornava cada vez mais denso e as opiniões mais confusas.

Todos os que passavam na estrada, quedavam-se pasmados, em ar conpungido. Parecia incrível! Fora a camioneta de Braga! Num pronto, destruíra tantas vidas, despedaçara tantos corpos! Mortório assim, não havia na lembrança de quantos presenciavam a carnificina. Alguns populares, os mais sentenciosos, conspiravam contra os abusos das velocidades; outros, indiferentes aos prejuízos alheios retorquiam:—aquilo fez-se para andar depressa! Cada um que se acautele. O pobre cabreiro, esse, nada dizia; olhos fitos na «Ladina», ali, a seus pés despojada dos intestinos, tatuada de moscas; além, o «Sultão», entre as suas companheiras na vida e na morte, afogado num mar de sangue! Restavam-lhe apenas três cabeças, as mais fraquitas do rebanho. Por milagre haviam ficado para trás e com elas o podenguito, esse mais contrastado de que algumas almas cristãs...

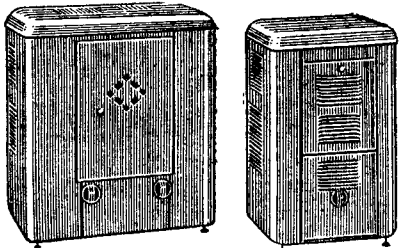
—Que ia ser de si?—pensava o tio Lourenço, alheio ao grupo que o rodeava. O que havia de ser da mulher? Já velha e entevada! Os filhos? Ainda mais pobres do que ele, com tantas bocas a sustentar? e a netinha, mais pequenita, tão fraquinha que só por obra do leite da «Rusa», andava de pé! E lágrimas de comoção ballavam nos seus olhos, lágrimas de fel e saudade...

Horas mais tarde, como se desperdesse de um sonho, ergueu-se, cambaleando, amparando-se ao cajado. O bom do tio Lourenço seguiu a caminho de casa. Mas agora, levava o rebanho mais pequeno e mais pobrezinho da freguesia...

MARIA MANUEL

CALORIFEROS A PETRÓLEO

DAS MARCAS AMERICANAS «MAGIC CHEF» e «MINERVA»



Os melhores, mais luxuosos e económicos caloríferos fabricados nos E. U. da América, aprovados pelos «Underwriters Laboratories»

Vários modelos com 1, 2 e 3 vaporizadores NÃO PRODUZEM CHEIRO!

Peça uma demonstração, sem compromisso, na

S. P. I. C.—Praça Duque de Saldanha, 31-B Tels. 46626 e 51722

Se passar por Salvaterra Visite o Café Restaurante Ribatejano

Natércia Couto

apresentou-se num filme

à frente da sua orquestra de músicos italianos

Está em Lisboa, de passagem, a maestra Natércia Couto, uma artista que, no estrangeiro, muito tem ajudado a prestigiar o nome musical português. Recentemente, Natércia Couto apresentou-se, pela primeira vez, num filme feito em Roma—«Una donna sul Podio»—documentário em que a jovem portuguesa se apresenta à frente da sua orquestra italiana.

Segundo nos diz, Natércia Couto conta poder, em breve, apresentar-se com essa orquestra em Lisboa, onde conquistará, por certo, êxito semelhante ao que tem presidido às suas audições no estrangeiro.

Natércia Couto, a propósito do documentário que acaba de levar com a sua orquestra, através do Mundo, diz-nos, ainda, que tem recebido dos seus admiradores portugueses provas inequívocas de carinho e de apreço, pelo que se confessa a todos extremamente grata.

A respeito da sua arte, um crítico italiano disse que «a maestra Couto dirige com impetuoso ardor, com energia viril, inteligente e sensível de merecer vivíssimos aplausos»; e, no «Cri de Paris», referindo-se à sua actuação, à frente da Orquestra Colonne, o crítico Gregoire perguntava: «quem é esta adolescente 1830, calças justas, «jabots», cabelos sobre os ombros? É a jovem e bela portuguesa Natércia Couto, extremamente dotada, que obtém excelentes resultados. Couto, sim, é incontestável, sabe o que quer».

A última lição do professor Villey no Instituto Superior de Ciências Económicas

No Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras deu hoje a sua 6.ª lição, última da série de Introdução à História do Pensamento Económico, o professor Daniel Villey, da Universidade de Poitiers. Versou a lição de hoje sobre as ideias económicas do período contemporâneo (1930-1953), posterior à «Grande Depressão de 1929». Coincide com uma verdadeira revolução científica, a revolução macroscópica, segundo o termo usado pelo conferente, que lhe analisou pormenorizadamente os caracteres: substituição de uma perpetua dinâmica à óptica do equilíbrio, adopção do ponto de vista «Globalístico», regresso a uma concepção antiga da ciência, convergência da teoria e da estatística, aparição do tempo, da moeda, da nação, das autoridades publicas, um tanto esquecidas dos clássicos.

O professor Villey destacou das numerosas obras actuais as de três grandes figuras: Schumpeter, John Keynes e Colin Clark. E concluiu por pedir aos jovens cientistas que se não deixem arrastar pela admiração das escolas modernas até o ponto de desprezar as antigas doutrinas, cujo papel fica predominante.

Antes de subir à cátedra, o professor Villey expressou a sua gratidão às autoridades universitárias portuguesas, nomeadamente ao reitor professor Amzalak.

HÁ 30 ANOS

Saudação ao povo da capital

O «Diário de Lisboa» de 6 de Novembro de 1923 publicava na primeira página o seguinte telefonema de Vilar Formoso: «O sr. dr. Afonso Costa chegou aqui ao meio-dia, tendo-lhe sido feita na estação ferroviária uma calorosa manifestação de simpatia, na qual tomaram parte todos os elementos representativos da localidade e dos arredores. O ilustre viajante, que vem optimamente disposto, foi entusiasticamente saudado e negou-se a fazer quaisquer declarações de carácter político. Encarregou-me, porém, de, por intermédio do «Diário de Lisboa», transmitir as suas saudações ao patriótico povo da capital, com a afirmação de que contribuirá com todas as suas forças para melhorar a situação do País e da Republica. Logo que chegue a Lisboa, o sr. dr. Afonso Costa dirigirá-se, sem detença, para a presidência da Republica, a fim de conferenciar com o chefe do Estado, só depois disso podendo dizer o que pensa da situação política portuguesa.—S. P.»

Venda de moedas gregas

A legação da Grécia em Portugal comunicou à Associação Comercial de Lisboa que o Governo helénico vai proceder à venda de 11.116 quilos de moedas diversas. As condições desta adjudicação, que está marcada para 11 do corrente, encontram-se patentes nos Serviços de Informações Comerciais da referida associação.

DESPORTOS

HOQUEI EM PATINS

O Campo de Ourique venceu o Sporting de Tomar por 7-2

Nem a novidade que constituía a apresentação em Lisboa da equipa de hóquei em patins do Sporting de Tomar foi motivo bastante para que o rinque de Campo de Ourique registasse assistência apreciável. E os acompanhantes da equipa sportinguista foram ainda numerosos.

Sob a arbitragem de Manuel Correia, os dois grupos alinharam:

Campo de Ourique—Matos, Fausto, Bernardino, Nazário, Rebelo e Marques.

Tomar—Machado, Silvério, Carreira, Curdia, Freire e Nini.

Não se esperava, nem os ouriqueenses o admitiam, que o Sporting de Tomar, ainda que azeiteado com a vitória no torneio Oeste-Centro, pudesse replicar, em pé de igualdade, à excelente equipa da Travessa do Cabo. Todavia, foi o que sucedeu durante toda a primeira parte, que terminou apenas com 3-2 para os vencedores, e ainda se prolongou pelos minutos iniciais da segunda.

A explicação, porém, não deve buscar-se no confronto das técnicas ou na comparação dos valores individuais pois desse exame resultaria bem eloquente uma supremacia do C. A. C. O. que não teve tradução nos números. Mas as equipas superiores, por vezes, têm dificuldade em carrilar e perdem a toada normal do seu jogo, quando o adversário põe na luta todo o entusiasmo e, por sistema, começa a chegar primeiro à bola, a andar mais depressa, a criar perigo em golpes de energia, a ganhar lances. Os melhores, então, perdem-se em jogadas confusas, improdutivas, abrandam o andamento e demoram a execução, quando é o contrário disso que estaria aconselhado porque, de facto, eles sabem fazer depressa e bem.

O Sporting de Tomar, com uma aplicação notável — e que só deixou de o ser quando a violência começou a substituir a energia — perturbou visivelmente o Campo de Ourique. Por seu lado, os visitados fizeram, durante três quartas partes do tempo de jogo, exactamente o que não se aconselhava, dando ao «team», menos perfeito tecnicamente, possibilidade de equilibrar a partida.

Depois do intervalo, quando a marca subiu de 3-2 para 5-2, tudo pareceu resolvido e acabadas as dificuldades. Afinal, mesmo sem ter voltado a marcar, o Sporting nunca foi um adversário dominado, a mercê do conjunto vencedor.

O adversário é difícil, voluntarioso e não acusa quebra de rendimento com a aproximação do fim do jogo; revela ainda um apreciável domínio dos patins factor importantíssimo para se jogar o hóquei como mandam os mestres.

Talvez que, em Tomar, se os árbitros escolhidos não forem dos que sabem ver as faltas com o corpo, o Sintra ou o Campo de Ourique passem por qualquer dissabor; o Clube Atlético ourense já por lá passou e a conta de 11-1 é bem elucidativa...

No entanto, esta primeira apresentação pode servir de aviso e, assim, já não haveria razão para surpresas.

A arbitragem de Manuel Correia foi quase boa. Teve o senão da incoerência, que resultou de ter ordenado duas expulsões por motivo justificado e não considerar dignas do mesmo castigo outras faltas ainda mais graves. De certo modo, o ambiente aqueceu porque não veio mais alguém — que o merecia, sem dúvida — «descansar» uns minutos. Também um dos golos do Campo de Ourique (o quinto, de Nazário) foi precedido de «épé»; porém, este é dos casos que nem todos vêem e, entre estes pode, naturalmente, figurar o árbitro.—J. S.

1.º Campeonato do Sul de Patinagem Artística

Pela primeira vez vai realizar-se o Campeonato do Sul de Patinagem Artística. Nos próximos dias 12 e 13, juntamente com os campeonatos regionais de corridas, a Associação fará disputar as provas, a que concorrem Benfica, Sporting, Campo de Ourique e Académica da Amadora. Além do interesse com que o público sempre acompanha as exhibições de patinagem, desta vez há ainda o factor competição a aumentar esse interesse.

BASQUETEBOI

Vitórias do Benfica, Belenenses e Sporting na 2.ª jornada do Campeonato de Lisboa

Tratando-se de uma reunião que movimentou os quatro principais clubes lisboetas—Atlético, Belenenses, Benfica e Sporting—não admira que o Estádio Internacional do Parque Mayer tivesse ontem registado uma autentica enchente.

Parece-nos, porém, que ela não se repetirá muitas vezes se acontecer o que desta vez se verificou: a reunião acabar a 1 h. e 20 minutos de hoje. Cremos que poucos sobreporão o interesse de ver jogar os seus favoritos ao inconveniente de umas horas de descanso a menos. Já no ano anterior apontámos o mal, que depois se desvaneceu. Não temos, evidentemente, a pretensão de que o inconveniente se tenha remediado com o reparo que então fizemos, mas, certamente, porque se reconheceu que havia razão.

A segunda reunião do Campeonato ofereceu, na verdade, um programa atraente. O desafio Benfica-Moscavide colocou frente a frente duas equipas que na semana anterior haviam ganhado—a última até com o seu quê de surpresa. O duelo Belenenses-Algés previa-se equilibrado, com o Algés a tentar uma reabilitação. A partida Atlético-Sporting, para conclusão da primeira «ronda», tinha o interesse que pode re-

sultar de se defrontarem duas equipas que, justamente, pensam na conquista do título.

Com efeito, a reunião teve interesse—melhor, correspondeu à expectativa.

Após a segunda jornada, temos o Belenenses e o Benfica com duas vitórias; o Moscovide com uma vitória e uma derrota; o Sporting com 1 vitória; o Algés com duas derrotas; o Atlético, Boa Hora e C. Ourique, com uma derrota.

E, agora, vejamos de relance o que foram os desafios de ontem, à noite.

BENFICA, 40—MOSCAVIDE, 37—Sob a arbitragem de José Filipe e Fernando Moita, os grupos alinharam:

Benfica—Leonel (2), Pires (4), Rui (2), Valente (7), Bento (9), Freire (7), Peixes (7) e Jorge Costa (2).

Moscavide—Angelo (6), Ferreira (5), Machado (12), Fiel (5), Queirós (5), Isolino, Leitão (2) e Ruço.

O Benfica encontrou no Moscovide um adversário difícil, que procurou impôr-se pelo muito entusiasmo com que se empregou, o que lhe valeu, até, no decurso da segunda parte, comandar, por vezes, a marcação. O arranço final dos «encarnados» foi, no entanto, decisivo. Ao intervalo, 21-17.

BELENENSES, 53—ALGÉS, 41—Arbitragem Afonso Costa e J. Peixoto e as equipas alinharam:

Belenenses—David (9), Filipe (3), Agostinho (15), Guerreiro (8), Tito (13), Espada (2) e Severo (3).

Algés e Dafundo—Vasco (4), Duarte (9), Surgey (8), Morais (9), Ernani (2), Neves (8), Bravo (1).

O Algés inferiorizou-se, por demais, na primeira parte, consentindo um avanço confortável dos «azuis» ao intervalo (20-9). Na 2.ª parte, replicando melhor, a equipa do S. A. D. pôde chegar a 33-31, mas os «azuis», sentindo o perigo, aplicaram-se mais a fundo e acabaram por vencer com merecimento.

SPORTING, 36—ATLETICO, 32—Sob as vistas de Abreu Rocha e Rui Lopes, os grupos apresentaram-se assim constituídos:

Sporting—M. Ribeiro (5), Neves (10), F. Ribeiro (3), Luis Sousa (7), Vaz (7), Rui (4) e Almeida.

Atlético—Avelino (8), José Augusto (9), José Ferreira (4), F. Ferreira (7), Martins (4), Fonseca e Veloso.

A notar na equipa «leonesa», a estreia de Luis Sousa, ex-Académica de Coimbra. O jogador Coutinho—uma transferência-mistério—que era do Queluz, esteve equipado, mas não chegou a actuar.

O jogo foi bastante equilibrado e ao intervalo havia 21-21. O avanço conseguido pelos «leões» no começo da segunda parte veio a constituir a base em que se firmou o seu triunfo, que premiou, de facto, o trabalho da melhor equipa sobre o terreno—ainda que longe da condição a que pode chegar. Os alcanterenses, no final do encontro, ressentiram-se da falta de José Ferreira, que teve de abandonar o desafio com cinco «faltas pessoais».

Vida artistica

Exposição João Reis

O brilhante artista João Reis inaugurou hoje, no salão nobre, do Ateneu Comercial do Porto, uma exposição dos seus ultimos trabalhos de pintura e desenho, onde há admiráveis quadros.

Grupo de Artistas Portugueses

A exposição do Grupo de Artistas Portugueses, que tem estado patente ao publico na Sociedade Nacional de Belas Artes, e que tem sido muito visitada, encerra-se amanhã, sábado, às 19 horas.

Duas exposições

Continuam patentes ao publico, todos os dias das 15 às 18 e das 21 às 23 horas, na sede da Sociedade A Voz do Operário, as curiosas exposições de primeiros numeros de jornais e revistas, da colecção do sr. dr. Eduardo Neves, e de «Janelas de Alfama», desenhos do sr. Luis Trindade.

Concurso para uma insignia

Para comemorar as suas bodas de prata, a associação mutualista conimbricense «A Previdência Portuguesa» abriu um concurso publico entre os artistas portugueses para a sua insignia associativa. Serão conferidos prémios de esc. 1.200\$00, 800\$00 e 500\$00 aos três melhores trabalhos apresentados até 30 do corrente mês. Aquela associação fornecerá aos interessados as bases do concurso.

PORTO-BELENENSES

EXCURSÃO AO PORTO

Sábado, 7 — Partida às 14 horas

Domingo, 8 — Regresso às 18 h.

Preço 110\$00

NO MAIS LUXUOSO AUTO-PULLMAN

Inscrições até às 23 horas (Hoje)

Organizações da Empresa

IZIDORO DUARTE

Rua da Palma, 256 — Garagem Navarro,

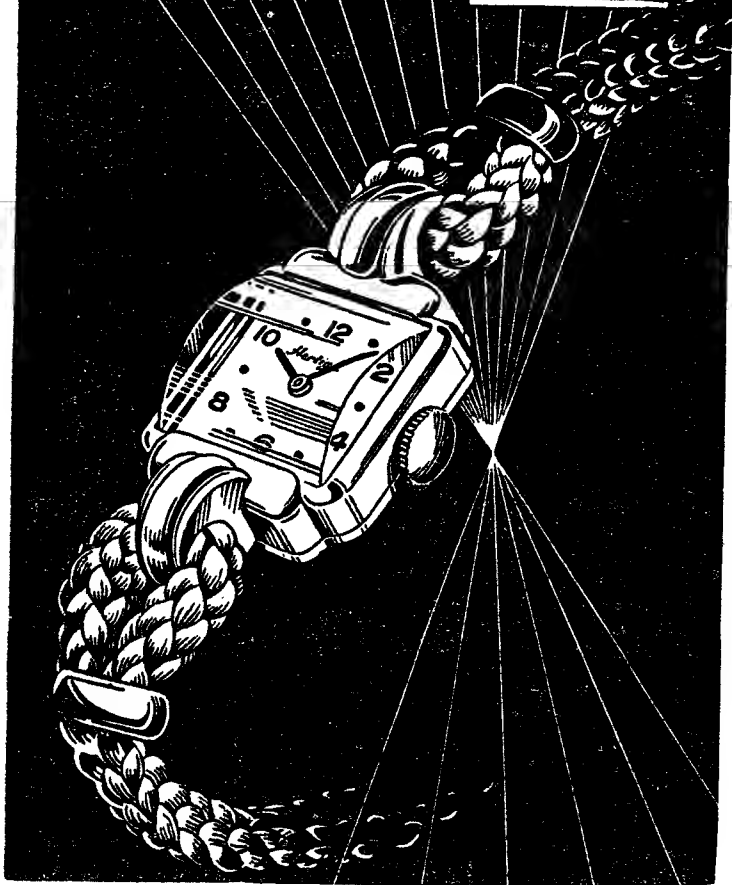
2.ª e 3.ª Cabines — Tel. 21034

Barreirense-Oriental

Excursão a bordo do vapor «Rio Tejo». Inscrições no Café Miral. R. Fernando Palha, 6.

Hertig

UM AMIGO CERTO



COMARCA DE LISBOA

3.ª VARA CÍVEL

ANUNCIO

Pela 3.ª Vara Cível, 2.ª Secção, no dia 18 de Novembro corrente, pelas 14 horas, á porta do Tribunal, se há-de pôr em hasta publica, para ser arrematado por quem mais der, sobre o valor de 4.500.000\$00, o prédio sito na Rua da Penha de França, n.º 123, descrito na 4.ª Conservatória do Registo Predial desta comarca sob o n.º 4.223, penhorado nos autos de execução ordinária que Albano Diniz e Zeferino Carvalho Carrilho Junior movem contra Matias António Bicho e mulher Elisa dos Prazeres Teixeira.

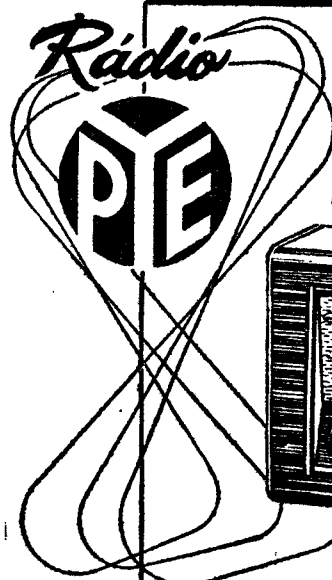
O referido prédio irá á 2.ª praça, no dia 26 do corrente, pelas 14 horas, por metade do referido valor, ou seja 2.250.000\$00, se não obtiver lançador na 1.ª praça.

O pédio vai á praça com os seguintes encargos: consignação de rendas até ás quantias de Esc. 20.980\$00 e 19.000\$00, e acrescidos quanto a esta ultima quantia.

Lisboa, 5 de Novembro de 1953.

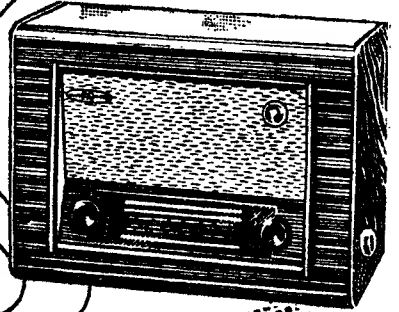
O Chefe da Secção
Manuel Eduardo da Costa Fragoço
Verifiquei a exactidão.

O Corregedor
Alberto Toscano



O SIMBOLO DE UMA ÉPOCA

dinâmica



PE 71

ACABA ESTA FAMOSA FÁBRICA DE APRESENTAR O MODELO QUE TODOS ESPERAVAM:

BELA APARÊNCIA
TODAS AS ONDAS
OLHO MÁGICO
PREÇO POPULAR
UM LINDO PRESENTE PARA RECÉM-CASADOS, ANIVERSÁRIOS, ETC.
PREÇO 2.450\$00

NOS REVENDADORES AUTORIZADOS OU NOS DISTRIBUIDORES:

LEOPOLD SHIROI

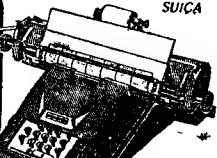
RUA DOS FANQUEIROS, 17/19
tel. 2 0 3 7 6 LISBOA

NO NORTE: ELECTRÔNIA, LDA., RUA 31 DE JANEIRO, 71

ULTRA B3

UMA MARAVILHA DA INDÚSTRIA SUÍÇA

SOMA
SUBTRAI
E MULTIPLICA
NOS SENTIDOS
VERTICAL E
HORIZONTAL



INDISPENSÁVEL
PARA A EXECUÇÃO
DE EXTRACTOS DE
CONTAS CORRENTES,
FACTURAÇÃO, LISTAS
DE SALÁRIOS, ETC.

TABULADOR AUTOMÁTICO E
FUNCCIONAMENTO ELECTRIC
COM TODAS AS CORRENTES
PREÇO MODERADO

PEÇAM CATÁLOGOS E DEMONSTRAÇÕES
REPRESENTANTES

SOCIEDADE DO RIBATEJO, LDA

SECCÃO COMERCIAL

PRACA DO MUNICIPIO, 13, 2º - TEL. 26992 - LISBOA

Agentes no distrito de Santarém
CARLOS DO ROSARIO PAES
CABRAL

TORRES NOVAS
Distrito de Évora
SANTOS JOSÉ METROGOS
Rua Elias Garcia, 16-18

Vactric

DOIS APARÉLHOS DE
VALOR INESTIMÁVEL
EM TODOS OS LARES
económicos no preço
e no consumo da
corrente



ENCERADORA
ASPIRADOR

grandes facilidades de pagamento.
DEMONSTRAÇÕES SEM COMPROMISSO

REPRESENTANTES: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
R. FANQUEIROS, 250, 2.º E. TEL. 20353 E 32003 - LISBOA

ATÉ 2 QUILOGRAMAS

A C. P. aceita, para transporte, em qualquer comboio, mesmo nos rápidos, e até 10 minutos antes da partida desse comboio, volumes de peso até 2 quilogramas.

UM NOVO CIGARRO... UMA NOVA SATISFAÇÃO!

Cavalier

- * Extremamente suave
- * Delicado aroma
- * Excelente paladar
- * em tamanho extra-longo (King size)



Produzido pelos mesmos fabricantes dos famosos cigarros CAMEL — os cigarros que, de longe, mais se fumam em todo o Mundo!

Concurso Nacional de Penteados

A Direcção do GRÉMIO DISTRITAL DOS INDUSTRIAIS BARBEIROS E CABELEIREIROS DE LISBOA comunica que as inscrições para este Concurso se encontram abertas aos profissionais de ambos os sexos, de 9 a 21 do corrente, na sede deste Organismo, em Lisboa, e na do seu congénere, no Porto, para os concorrentes residentes Além-Douro.

A DIRECÇÃO

COMPANHIA PORTUGUESA DE PESCA

DIVIDENDO P/C DE 1953

De 7 a 13 deste mês, inclusive, estará a pagamento na sua sede, Avenida 24 de Julho, 3, 2.º, das 10 às 11 e 30 e das 14 às 16 horas, excepto ao sábado, que terminará ás 12 horas, o dividendo por conta do exercício de 1953, na importância ilíquida de 13\$70 por acção, pela forma seguinte:

Dividendo cativo	13\$70
Impostos	4\$70
Líquido a pagar	9\$00

No Porto, esse pagamento será efectuado pelo Banco Borges & Irmão. Terminado aquele prazo, os pagamentos efectuar-se-ão ás quintas-feiras, ás horas e nos locais acima indicados.

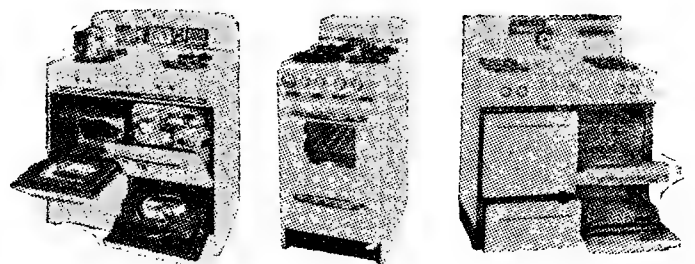
A assinatura dos recibos deverá ser reconhecida por notário ou abonada com selo branco.

Lisboa, 2 de Novembro de 1953.

O Conselho de Administração

FOGÕES A GÁS, PARA COZINHA, DAS MARCAS AMERICANAS

"DIXIE e WELBILT"



Equipados com luz fluorescente, relógio, controle automático de temperatura, forno com tampa de vidro, grelhador, estufas, luz interior, etc.

Modelos mistos — a gás e electricidade, com «roisserie» automática, por meio de raios infra-vermelhos

FUNCIONAMENTO GARANTIDO

DESDE ESC. 6.900\$00! UM EXCLUSIVO DA

S. P. I. C.—Praça Duque de Saldanha, n.º 31—B
Telefones 4 6626 e 5 1722

Companhia das Aguas de Lisboa

SERVIÇOS SANITARIOS

CONCURSO

Pelo prazo de 30 dias, a contar da data deste aviso, está aberto concurso documental e de provas de aptidão profissional para o preenchimento do cargo de Assistente da Secção de Análises Físico-Químicas e Micrográficas, que se encontra vago no Serviço de Tratamento de Aguas desta Companhia.

As condições de concurso e as habilitações mínimas dos candidatos ao referido lugar estão patentes na 1.ª Repartição (Central) da Companhia e na Secretaria dos Serviços Sanitários, na sede da Companhia, Avenida da Liberdade, n.º 24, todos os dias uteis, excepto aos sábados, das 10 às 12 horas e das 14 às 17.

Lisboa, 5 de Novembro de 1953.

O DIRECTOR DELEGADO

PASSA POR ALCOBACA?

Procure o Restaurante FREI BERNARDO. Esmerado serviço de cozinha regional, sala de jantar e esplanada á beira Alcoa (levada do Mosteiro). Ambiente inconfundível.

TELEF. 127

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

de ternura pela companheira. Até quando—também—perante os problemas do cotidiano, resistirá ao vício? Tudo isto fica enunciado. Shirley Booth, vinda do Teatro, foi uma inesquecível revelação na extraordinária Lola. Formidável atriz! Burt Lancaster, sóbrio, soube esconder, numa máscara imposta, o primitivismo que perpassa na psicologia de Delaney, cujo carácter se revela, brutal e verdadeiro, na cena de embriaguez. Terry Moore foi o que dela se esperava, consciente do delicado papel que se lhe pedia. O jovem atleta cético foi-nos dado totalmente por Richard Jaeckel, com verdade e garra.

E, assim, esta excelente obra do cinema americano, (quem é o autor da tradução afadistada do título?) satisfaz-nos na sua totalidade, pela revelação, pela sinceridade e humanismo com que foi tratada.—Visor 24.

«Pomo de discórdia», no São Jorge

Não há muito vimos, neste mesmo cinema, um filme semelhante, ao que parece em reposição. Qual deles é o melhor? Talvez este, pelo técnico, na sua agudeza sentimental, em que os bons sentimentos se espraiam, longe dos reflexos dramáticos das cidades e da nossa cotidiana batalha pela vida. Nada mais belo e entendedor de que reconstituir a vida de uma criança, que veio ao Mundo sem conhecer os pais. Por vezes, a sociedade tem desses gestos de carinho, de misericordioso amparo, de ética cristã, agastando os que estão nus, e não só isso, dando-lhes uma família e um lar. A generalizar-se o exemplo de ontem—e por que não legislar nesse sentido para os muitos ricos—riscaríamos do nosso lexico, essa terrível, amarga e desolada palavra—orfandade.

A história tem beleza emotiva. Dir-se-ia uma novela do bom e sentimental Julio Diniz, que acreditava nas virtudes humanas, transposta para o cinema hollywoodiano. Apenas o estilo, é claro, porque a narrativa, evidentemente, não se compara a nenhuma das suas obras. De que se trata? Da adopção por um casal protestante de uma criança católica, e das consequências boas e más, sobretudo, as últimas, que daí advêm. Incompreensão do meio, perseguição política, acusações infundadas à orfã, e, por fim, o canto de alegria, com calhândas na alvorada, a cantar ao sol da vida.

Como dissemos, o filme é tocante, cheio de sensibilidade, talvez demasiadamente bonito, como aqueles bilhetes postais em que lá pombozinhos e idílios, mas se constitui um exemplo nem que seja só para a conversão de um lar esteril, cumpriu, admiravelmente, o objectivo de entreter e, moralmente, educar.

Pelo visto, tal como sucedeu, em «Flores do Pó», Greer Garson e Walter Pidgeon, continuam a ser os «pais» ideais, embora sem filhos. De facto, há neles, mais do que a arte de representar; a suavidade, a ternura de dois grandes e fortes corações. A pequenina orfã, Donna Corcoran, é um lindo anjo, de olhos azuis e expressiva simpatia. Foi pena Rafael—transpunhamos os seculos!—não a ter encontrado, quando pintou as suas madonas e querubins, de tal maneira esse modelo real parece ideal—ou idealizado. Nos complementos, um jornal do S. N. I., um documentário folclórico e musical do México, e um desenho de bonecos animados. E a propósito: quando toca o órgão eléctrico? Não será de tentar um organista português?—Visor 42.

«O pirata vermelho», no Politeama

É o próprio intérprete principal de «O pirata vermelho» quem, logo no início da fita, avisa a plateia do ar desprezível de tudo o que se vai ver, um emaranhado de peripécias cómicas, no ambiente movimentado das velhas lutas entre as tripulações de piratas e as forças que, então, mantinham a ordem. De qualquer modo, o género ainda tem adeptos, a avaliar pelas manifestações ruidosas da grande parte dos espectadores que, ontem, foram ao Politeama.

Basta aparecer no «ecran» um grande veleiro, enquadado de berrante colorido da paisagem marítima e uma legenda a anunciar que ele possui 30 canhões, (pasmal! é gentes!) para se ouvir logo, espontânea e vibrante, uma reboada de palmas. Não sabemos bem porque, mas o certo é que eles se divertem.

Burt Lancaster e Nick Cravat, a par de actores-ginastas que já apareceram junta em «O facho e a flecha», interpretam com... agilidade as duas principais personagens do filme. Ao lado deles, aparecem Eva Bartok, Forin Thatcher, Leslie Bradley e outros.

Além de dois outros documentários exibem-se um gracioso filme de desenhos animados.—Visor 30.

A CRISE DE TRABALHO

no concelho de Montemor-o-Novo

EVORA, 5.—Tomou maiores proporções a crise de trabalho na freguesia do Caborro, do concelho de Montemor-o-Novo, onde a maior parte dos trabalhadores está em precárias condições. Por esse motivo, a Comissão Corporativa emergente do contrato colectivo de trabalho celebrado entre o Grémio da Lavoura de Montemor-o-Novo e as Casas do Povo do mesmo concelho deliberou declarar aberta a crise de trabalho, na área da Casa do Povo de S. Geraldo (Caborro), desde 15 do mês passado.

Desde então, todos os proprietários daquela área ficaram obrigados a ocupar nas suas propriedades o mínimo de um trabalhador, sócio da Casa do Povo, por cada 3.000\$00 de rendimento colectável rustico.

O problema continua à espera de melhor solução.

DIÁRIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE.—Há bom tempo em toda a Península Ibérica, por influência de um vasto anticiclone, que se estende desde os Açores até ao Norte da França. Este anticiclone apresenta tendência para intensificar-se e deverá continuar a manter o bom tempo em Portugal continental durante as próximas 48 horas.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ.—Céu geralmente limpo, vento bonançoso de Norte, junto à costa, rondando a Noroeste, para o interior. Nevoeiros durante a manhã na faixa costeira ocidental a Norte do Tejo. Temperatura estacionária.

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa até às 15 horas: máxima, 21°; mínima, 14°; 3. No mesmo dia do ano passado: máxima, 21°; mínima, 12°.

PROGRAMAS DA RADIO

EMISSORA—As 18 e 30, Danças; 19, Noticiário; 19 e 5, Concerto pela banda de música do Comando-Geral da Guarda Nacional Republicana; 20, O Caso do Dia; 20 e 15, Conjuntos vocais; 20 e 30, Noticiário regional; 20 e 35 Solos de instrumentos; 20 e 45, Canções espanholas; 21, Noticiário e Desdobramento.

Programa «A»—As 21 e 15, Música ligeira sinfónica; 21 e 30, Presença do Passado; 22, Programa pelo Coro Popular de Lisboa; 22 e 20, Música de salão; 22 e 35, Vozes do Mundo; 23, Fados; 23 e 20, Danças e canções; 23 e 50, Junção dos Emissores; 0, Encerramento.

Programa «B»—As 21 e 15, Música de tecla; 21 e 30, Concerto pelo Quinteto Nacional de Sopros; 22, A Voz da Cidade; 22 e 20, Música de arco; 22 e 30, Quinzena literária; 23, Ciclo Beethoven; 23 e 50, Junção dos emissores.

RADIO CLUBE—As 18, Concerto; 18 e 45, Canções; 19, Programa António Casquilho; 19 e 15, Hawaiian Favorites; 19 e 30, Aperitivo; 20, Vozes em conjunto; 20 e 15, Noticiário; 20 e 20, Música portuguesa; 20 e 30, Melodias de todo o Mundo; 20 e 45, Programa Robbi-lac; 21, Por esse Mundo fora; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 23 e 45, Canções; 0, Música de dança; 0 e 30, Imagens por musica; 0 e 45, Noticiário; 1, Fecho.

RENASCENÇA—Das 19 e 30 às 0 horas.

RADIO UNIVERSIDADE—Das 19 e 45 às 20 e 55.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 às 19 e 30, Voz de Lisboa; das 19 e 30 às 22, Rádio Peninsular; das 22 a 1, Rádio Restauração.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO I—Sousa—Estrada de Benfica, 429-431—Tel. 58027; Leal de Matos—Rua de Neves Costa, 33-35—Carnide—Tel. 58181; Laranjeiras (Das)—Rua de Filipe da Mata, 160-162; Central do Lumiar—Rua do Lumiar, 77—Tel. 79390; Ant. Far. do Castelo de Coimbra—Avenida da Igreja, 28-B—Sítio de Alvalade—Tel. 77282; Campo Pequeno (Do)—Avenida da República, 58-B-C—Tel. 71661; Império, Ld.—Rua de Filipe Folque, 40-A-B—Tel. 48002; Palma—Avenida do Duque de Avila, 25-31—Tel. 47088; Salus—Rua de Luciano Cordeiro, 73—Tel. 42239; Ascenso—Rua 19—Bairro da Encarnação—Tel. 399216; Olivais (Dos)—Rua de Alves Gouveia, 19—Tel. 399237; Conceição—Calçada de D. Gastão, 30-32—Tel. 39279; Pereira, Suc.—Rua do Paraíso, 98-100—Tel. 845124; Arnali—Rua das Escolas Gerais, 88-A—Tel. 23940; Branquinho—Rua dos Sapadores, 87—Tel. 842725; Onilda—Av. de D. João XXI, 13-A—Tel. 77848; Marluz—Calçada da Picheleira, 140-B-C—Tel. 840703; Oriental de Lisboa—Rua de Arroios, 215—Tel. 45079; Gois, Ld.—Suc.—Rua dos Anjos, 12-C-D—antiga Rua do Registo Civil—Tel. 840101; Ribeiro & Castro, Ld.—Rua de Braamcamp, 58—Tel. 43409; Salutar—Rua B. 75-A-B—Bairro da Liberdade; Juiz de Oliveira—Rua de Campolide, 54-A—Tel. 44424; Lináida—Rua de Ferreira Borges, 32-34—Tel. 60955; Gouveia—Rua de D. Maria Pia, 514—Tel. 64949; S. Nunes Simões, Suc.—Rua do Quelhas, 1—Tel. 61275; Ocidental—Rua de D. Jerónimo, J. P. M., 3—Tel. 36256; Gomes, Suc. (Gonçalves)—Rua da Junqueira, 326—Tel. 38193; Costa—Rua dos Lusíadas, 32—Tel. 36474; A. César—Rua do Prior do Crato, 74—Tel. 60187; Neves—Rua do Poço dos Negros.

no Instituto como no exterior...

ÁGUA DE COLÓNIA SÓLIDA

TABU - EMIR - CANOE - LAVANDE

Dana

36-38—Tel. 25636; Africana—Rua de Bernardino Costa, 45—Tel. 29120; Lima Amaro, Suc.—Praça da Alegria, 27-28—Tel. 21149; Morão—Rua da Assunção, 17-19—Tel. 21289; Cortez—Rua de S. Nicolau, 93—Tel. 25378.

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

NACIONAL—A's 21 e 45—«A taça de ouro».

VARIEDADES—A's 20 e 45 e às 23—«O Avenida»—A's 20 e 45 e às 22 e 45—Espectáculo luso-brasileiro.

MONUMENTAL—A's 20 e 45 e às 22 e 45—«Cavalgada mágica».

MARIA VITÓRIA—A's 20 e 30 e às 22 e 45—«Saías curtas».

COLISEU—A's 21 e 30—Companhia de circo.

TIVOLI—«Luzes da ribalta».

SÃO LUIS—«Morte dum caixeiro viajante».

EDEN—«Luzes da ribalta».

IMPERIO—«A cruz da minha vida».

S. JORGE—«Pomo de discórdia».

MONUMENTAL—«Vidas erradas».

POLITEAMA—«O pirata vermelho».

CONDES—«Vento do Oriente».

CAPITÓLIO—«Serpente do Nilo».

OLIMPIA—«A legião dos zorreros».

TERRASSE—«O aventureiro do Mississippi».

LIS—«Continuo a esperar-te».

JARDIM—«A história de um detective».

PROMOTORA—«O. K. Nero».

BOLSA DE LISBOA

VALORES (Efectuado Compra/Venda)

VALORES	Fundo do Estado		
Consolidado 2 3/4 I. 101	—	7715	—
Consolidado 3 % T. 101	85855	8585	8595
Consolidado 3 1/2 T. 101	9855	9845	9865
Centenários 4 % ...	2.2195	2.2185	2.2205
Externas 1.ª série ...	—	1.2305	—
Externas 1.ª carimbadas ...	—	1.2305	1.2355
Externas 3.ª série ...	—	1.3405	—
Externas 3.ª carimbadas ...	—	1.3405	—
Cautelas 3.ª série s/ i.	—	1605	—

Ações

Lisboa e Amora	1.7405	1.7305	1.7505
Ultramarino cp. T. p...	2.0305	2.0255	2.0355
Portugal port. T. p...	1.6605	1.6505	—
Mundial ...	2.3805	2.3505	2.4005
Nacional ...	—	1.9505	2.0005
Cimentos Tejo ...	4005	3955	4055
Cimentos Leiria T. p.	5005	4985	5035
Crédito Predial port...	255	255	2555
Gás Electricidade cupão	18755	18755	1885
Alto Alentejo cupão...	1445	14355	14455
Industrial Aliança...	—	4005	4305
Portugal e Colónias...	3845	3835	3845
Nac. Navegação T. p.	1.4055	1.4005	1.4105
Colonial de Navegação	45755	4575	4585
Port. de Tabacos cupão	6205	6105	6305
Tabacos Portugal cupão	2155	2145	21555
União Eléctrica Port.ª	1.4825	1.4805	1.4855
Casseque	—	1.1405	—
Agrícola das Neves	—	6605	—
Agricultura Colonial	—	—	—
Acucar de Angola...	3.4305	3.4305	3.4355
Buzil ...	26055	26055	2615
Ilha do Príncipe ...	1.4405	1.4355	1.4505
Zambézia T. de 25	12955	1295	12955
Mozambique ...	—	1605	1625
Eléctrica das Beiras	1.4605	1.4505	1.4705

Obrigações

Agua de Lisboa 5 %	—	5085	5105
Norte de Portugal 5 %	—	1085	—
União Eléct. Port. 4 1/2	—	—	995

J. BURNAY, LDA. Ouro em barra
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 21273

Tauromaquia

Escola do Campo Pequeno

A Escola Tauromáquica do antigo toureiro Alfredo dos Santos reabre no próximo domingo, 8, das 14 às 17 horas, na Praça do Campo Pequeno, onde se aceitam inscrições para novos alunos.

«Litri» vai casar

MADRID, 6.—O diário «Informaciones» noticia o casamento de Miguel Baez «Litri», com uma neta do pintor Daniel Vazquez Diaz, este também natural de Huelva, onde o toureiro agora conheceu a formosa menina, que conta apenas 18 anos.—(Efe).

CORTEJO DE OFERENDAS

a favor da Misericórdia da Murtosa

MURTOSA, 4.—A Santa Casa da Misericórdia desta vila vai organizar brevemente um cortejo de oferendas em seu benefício. Ainda não está definitivamente fixado o dia para esta romagem de caridade, que tão necessária é para o bom nome da terra e para esta instituição, que necessita do auxílio de todos para realizar trabalho útil e proveitoso. Todos compreendendo devidamente a função daquela instituição, ajudando-a na medida das suas possibilidades.

Movimento marítimo

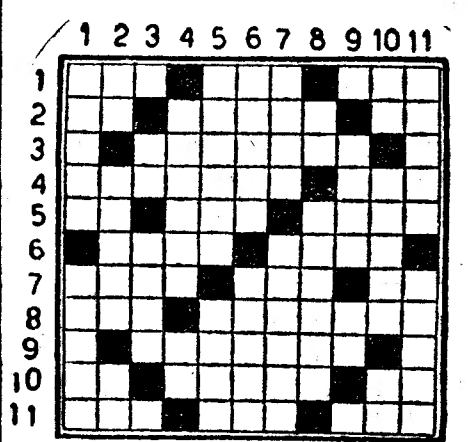
Novo paquete holandês no Tejo

Entrou hoje no Tejo, pela primeira vez, o navio holandês «Amerskerk» que restabelece a carreira Norte da Europa-Austrália, suspensa desde o ultimo conflito mundial.

O «Amerskerk» foi construído em 1952, é de 11.000 toneladas brutas, com 140 metros de comprimento e capacidade para 60 passageiros. Será hoje visitado por autoridades e individualidades para tal convidadas.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 4000



HORIZONTAIS: 1 — Cidade da França, nos Pireneus. Nome de mulher. Há. 2 — Artigo definido. 2003 romanos. Pedra de amolar. 3 — Segundo imperador romano. 4 — Urdira. Falsas. 5 — Alternativa. Fila. Cidade do Brasil. 6 — Calado. Moradia. 7 — A plebe. Oferecer. Prefixo que designa duplicação. 8 — Cólera. Cura. 9 — Cunprimetara. 10 — Nesse lugar. Fruto de uma árvore mirtilácea da América. Artigo definido (ant.º). 11 — Lista. Pega. Rio do N. de Portugal.

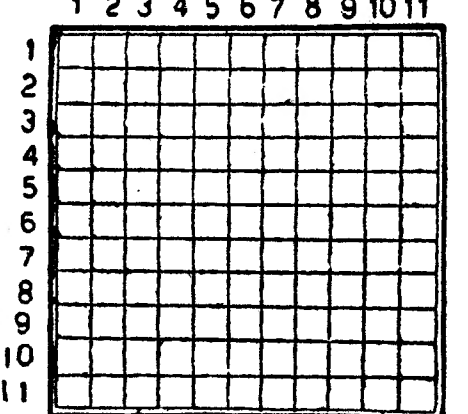
VERTICAIS: 1 — Cidade de Portugal. Arpoar. 2 — Campeão. Boato. Satélite de Jupiter. 3 — Alto al. Frutos da videira. 4 — Amimado. Em partes iguais. 5 — Agito (o berço). Suco do cacho de palmeira. 6 — Chegara. Oferecidas. 7 — Encolericar-se. Máscara. 8 — Segundo. Estacionara. 9 — Ovarios dos peixes. Batráquio. 10 — Preposição. Muçulmano. Pronome pessoal. 11 — Boca no fio duma lamina. Sacrificia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3999

HORIZONTAIS: 1 — Mértola. Mim. 2 — Save. Cuba. 3 — Fá. Lá. Aedo. 4 — Ara. Salga. 5 — Mala. Ata. Pê. Ema. Grã. Sal. 7 — De. Era. Sara. 8 — Frios. Sir. 9 — Dias. As. Ai. 10 — Suar. Ares. 11 — Odemira.

VERTICAIS: 1 — Mafameda. S. S. 2 — Arame. Duo. 3 — Rs. Ala. Fiar. 4 — Tol. Eras. 5 — Ovas. Gris. 6 — Lã. Aarão. Ad. 7 — Alta. Sare. 8 — Cega. Sem. 9 — Muda. Sãs. 10 — Ibo. Pária. 11 — Má. Pelariga.

PROBLEMA N.º 763



HORIZONTAIS: 1—Uma das mais célebres batalhas da Grande Guerra. Planta terebintácea das margens do Mar Vermelho. 2 — Procedia. Divisível por dois. Céu. 3—Da Rússia. Isolados. 4 — Roera. Tem conhecimento. 5—Terreno endurecido onde se debulha cereais. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. 6 — Alternativa. Curam. Preposição latina que designa movimento. 7 — A mim. Lenhas escandinavas. 8 — Leito. Leis. 9—Naquele lugar. Levantes. 10—Catedral. Oceano. Pequeno barco de recreio. 11 — Brancas. Prote-las.

VERTICAIS: 1—Porco desmamado. Costure. 2 — Chuva. Certa. Artigo definido (ant.º). 3—Peça de ferro em que o cavaleiro embebe o couro da lança para investir. Nome de mulher. 4 — Do nariz (pl.). Espírito. 5 — Penhor. Seguias. 6 — Nome de homem. 7—Porém. Consagre. 8—Eirós. Cidade de Esaphna. 9—Parte. Ceifai. 10—Batráquio. Util. Creme. 11—Desses de renda.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 762

HORIZONTAIS: 1 — Massamordas. 2 — Amei. Amarra. 3 — Surdo. Opero. 4 — Caro. Ufane. 5 — Ora. Arara. 6—Tá! Apaga. Vê. 7—Acaso. Sam. 8 — Clero. Raro. 9 — Magra. Gerir. 10 — Ateava. Meãs. 11—Cerralheiro.

VERTICAIS: 1 — Mascote. Mac. 2 — Armara. Cate. 3 — Serra. Alger. 4 — Sido. Acedar. 5 — Aparava. 6 — Má. Urado. Al. Reme. 9 — Arena Sarei. 10 — Acre. Varrer. 11—São. Remorso. dedledodiSio.as

Blusas Casacos

A maior colecção

TORRE EIFFEL

104 — RUA DO CARMO — 106

A catedral de Santiago de Compostela e a sua imagem de maravilha

por ADRIANA DE VECCHI

Repetindo as passadas que tantos terão feito, vamos por essa cidade que Deus separou com um traço invisível e um escol de artistas tornou o maior atractivo da Galiza.

Há monumentos que se fazem admirar, cultos que inspiram esperanças, mas quantos de nós deixam insatisfeitos!

Sob um céu mais ou menos enevoado, encontramos, num abraço tão puro, tão estreito, a fusão da Arte e da União, e de tão grande amplexo derrama-se por todas as almas, cultas ou populares, um frémito de louvor.

Basta que se saiba entender o brilho da estrela que se dilatou e dilatará pelos anos fora e a doce luz que lá de cima iluminou, num clarão de ouro, a cabeça de Santiago. Cidade apartada das mais pelo Senhor, guarda-se intacta na sua indulgência e os invernos históricos encarregaram-se de lhe criar um livro de pedra em que há páginas de envolvente interesse.

Lidas por mim não são perfeitas, embora me esforce por dizê-las bem e atrás dos momentos que lá tenho vivido.

A meu lado vai agora quem a visita pela primeira vez mas eu, que venho aqui pela terceira, nem por isso deixo arrefecer o meu entusiasmo. Já não caminho às cegas e todavia recebo sempre a mesma impressão. Ninguém pense em solettrar, depois que pise a sua superfície, a frase que Dante escreveu á entrada do inferno. Não são vozes orgulhosas que nos falam mal chegamos, são vozes que acamaram dentro de nós, eco de muitas outras que o tempo mais dulcificou. Pela desigualdade graciosa das suas «calles» encetamos a Via Sacra tão do meu gosto. Com a sugestão das coisas passadas estabeleceu-se uma algaravia discreta entre nós, relembra-se o que seria o espaço ocupado pelos sepulcros do Apóstolo e seus discípulos, essa área que a maravilhosa catedral cobre inteiramente.

A primeira igreja levantada tornou-se rapidamente pequena para o numero, sempre crescente, de penitentes. Veio substituí-la outra de maiores dimensões, porém a furia ruim de Almanzor quase a arrasou. Não abrandaram os zelos dos Compostelanos e, a um sinal do bispo D. Cresconio, fez-se a sua reconstrução, acrescentando-se-lhe torres de defesa. Mas, para que chegasse a ter a majestade que empolga, foi preciso esperar. Entre a vida comecinha vultosa há de largos voos que cogitam nobres tarefas. Um deles foi o do bispo de Pelaez, a quem se deve a fachada das «Platerias» que ao alvorecer de uma linda madrugada deixava que o Sol se infiltrasse pela incrustada estatuária. Não se deixou adormecer o novo arcebispo Pedro Gudesteiz, e as bases do famoso «Pórtico da Glória» nasceram no cérebro genial e de insaciável desejo de beleza de mestre Mateo.

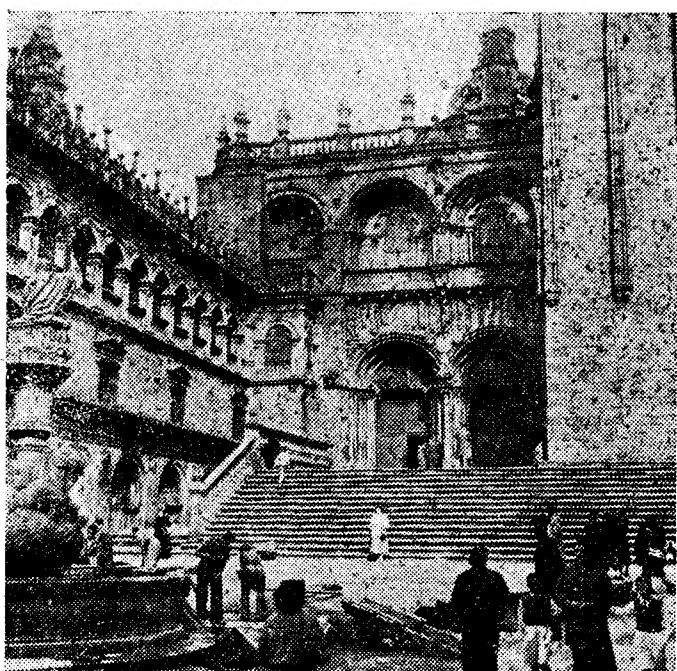
Meditou, e desprezando um trabalho vulgar, realizou, num sonho, a recatada «Catedral Vieja», joia românica que nos faz pasmar como na sua pequenez se pode empregar tanta decoração.

Edificada num plano inferior, suporta estoiicamente a obra que continuará, pelos séculos da cristandade.

Passamos a «Plaza del Toral», pobriha mas ciosa do senhoril e imóvel palácio dos marqueses de Bendaña. A central-la, uma despretenhiosa fonte, cuja atracção líquida faz o gozo da miudagem. Pode esta ter falas diferentes, mas o gosto iguala-as: água, lume e terra são os seus brinquedos queridos. Procuro conduzir os meus companheiros pelos caminhos mais típicos, tais como: as «calles» Nueva e del Villar. No seu característico lajeado ressoam passos e sob as arcadas que se alongam por todo o seu comprimento, as vitrines dos artefactos de ferro forjado convidam-nos á compra da bem desenhada espada dos Cavaleiros da Ordem de Santiago.

Nas portadas e fachadas das suas casas, escudos, altivos brasões e artísticos capitéis. Seus estílos são vários. Aquela, além, dos marqueses de Monroy, de aspecto italiano; e logo a vista se alonga para a traça da «Casa del Dean», concedida ao cabido para habitação dos deões da catedral. Só lhe punham a condição de dar guarida a todos os bispos que viessem a Compostela nos anos de jubileu. E tudo isto se fazia porque o nome de Santiago andava de boca em boca e outrora, como nos dias incertos de hoje, em que o egoísmo campeia, as almas eleitas na pureza das linhas morais concebiam obras em que o coração criança do artista procurava fazer amar o bem, aborrecendo o mal.

Continuando as nossas considerações, tornamos para uma das lindas praças que perfazem as quatro faces da Basílica. Das muitas ourivesarias que por ali existiram recebeu o nome de «Plaza de las Platerias». No centro destacava-se a «Fuente de los caballos» em que o cinzel trabalhou com nervo quatro hipocampos



Plaza de las Platerias

jorrando pelas bocas golfadas cristalinas. Ao meio desta e sobre a coluna, uma estátua, símbolo de religião, sentada sobre a «Arca Mar-

Livros novos

GIL VICENTE E OS HOMENS DO FORO

por Luís da Cunha Gonçalves

Quanto mais lemos a obra de Gil Vicente, mais a admiramos. É um mundo enorme, que não nos dá, apenas, a alma e a fisionomia dos homens, os seus erros, paixões e ambições, mas os costumes de uma época, de toda uma nação através de espécimes próprios dos mais variados planos sociais. Se a de Camões, e a universalidade de Portugal, a sua epopeia no mar, a história das descobertas; a de Gil Vicente, na sua domesticidade pitoresca, retrata, em absoluto, numa crítica livre, que ainda hoje nos assombra, a vida nacional, em múltiplos aspectos, que vão da corte á aldeia, do nobre ao mesteiral, da rua ao salão, sempre saborosa no linguajar das personagens e nos seus pequenos conflitos de gracioso intermezzo. Dir-se-ia um documentário populista, animado, bizarro, em cores que ressaltam vivas, de uma observação intensa, colhida de fresco, que permanece, apesar dos séculos vibrante de interesse.

Nas suas alegorias religiosas e dramáticas, sente-se que o génio vicentino, procura sempre dar-lhes uma base concreta, isto é, parte da vida para a morte, da culpa para o castigo, da terra para o céu, mistura figuras sobrenaturais, com outras naturais, melhor humanas, e, poeticamente, em arietas pastoris e cantos litúrgicos dá-nos o mais fundo e expressivo da mística popular. As suas santas sonem, como nas ermidas rústicas e os seus apóstolos são figuras de presépio, tocadas de graça filigranada.

Isto significa que Gil Vicente encarnou, no seu teatro, a verdadeira alma popular. Foi o seu arauto, o seu mensageiro, risonho, sem dúvida, com aquela ironia maliciosa, que o povo na sua ingenuidade e na sua bondade tem sempre para compreender e perdoar os males dos homens, lembrando-se que, afinal, todos são feitos do mesmo barro frágil e quebradiço.

Vem isto a propósito de um magistral estudo do dr. Luís da Cunha Gonçalves, intitulado «Gil Vicente e os homens do foro». É um aspecto muito interessante da obra do nobre fazedor dos «autos de el-rei». Nele se examina o entrecho da famosa «Farsa do juiz da Beira», onde um tal Pedro Marques, corregedor na Beira, vem a Lisboa julgar várias causas. Gil Vicente fixa o examinando vários casos e lavrando as respectivas sentenças, as quais, diz o autor, «se não eram rigorosamente legais, não eram destituídas de espírito e de uma tal ou qual equidade». Refere-se depois o douto professor, á comédia «Floresta de Enganos» — que foi a última produção vicentina, representada em Évora, em Dezembro de 1536, perante a rei D. João III.

É uma caricatura sangrenta aos magistrados, que se deixavam peitar ou enredar nas teias cor-de-rosa do Cupido, com profundos gilações de ironia. O sr. dr. Cunha Gonçalves termina o seu estudo, referindo-se ao «Auto da Barca do Inferno», onde o genial fundador do teatro português, também alude aos maus agentes da justiça, que á passagem do Aqueronte são interrogados pelo diabo, confessando as culpas que praticaram.

O autor, no final, escreve: «Façamos a Gil Vicente a justiça de que não pretendeu amesquinhar toda a magistratura portuguesa do século XVI; mas tenhamos a satisfação de afirmar que, actualmente, nenhum juiz português é... tão amador de galinhas e perdizes que haja de embarcar na barca do Inferno!» (Edições Ática).

mórea», ergue na mão direita a estrela do «Libredon»!

Subimos a escadaria e, de mais próximo, admiramos a única fachada que se conserva na íntegra. Que variedade de ornatos, onde passam laivos de ingenua ternura, de acordo com a raça e o sentir dos artistas de antanho. Faz-se silêncio entre nós, um daqueles que parecem querer prolongar as impressões que só a beleza dá. Não as contei, mas muitas são as figuras por ela espalhadas comentando assuntos bíblicos. Umas cavalgando sobre animais. Além, voltando-se para Deus, Santos cheios de virtudes. De pé, o Salvador abençoa as gerações que por Ele passam! E aquela estátua bonita, de mulher amamentando uma criança? As mãos que a aperfeiçoaram numa vibração de técnica elevada procuraram dar-lhe a mesma expressão cariciosa daquela mãe de carne que ainda há pouco vi agachada no degrau da estreita «calles», a aconchegar ao peito o seu menino enquanto lhe cantava: — «Duerme niño, chiquito, // Que vien il coco! // Y se lleva los niños // Que duermen poco!...»

Quanto símbolos o homem ansioso de aprender encontra nessas paredes! Através da tonalidade peculiar da terra, procuramos o cimo da alta «Torre do Relógio». Sempre são setenta e dois metros, a subir!

Dizem que o seu primeiro relógio era de uma grande complexidade; dava horas, meias e quartos, marcava os dias, meses, as festas móveis e as fases da lua. Com tanta exigência, em pouco ficou decrepito. Balouçando uns seiscentos quilos e oito metros de circunferência a nova campanula, entre arrulhos de pombos, faz-se ouvir, não como trovador galante, mas gravemente até á orla elegiaca do Poente.

Como vaguear por aqui sem a tentação de fixar, para mais tarde, estes recortes? O gosto da fotografia, numa terra destas, equivale á ruína. Vem como aliada e acaba por nos deixar na sua dependência.

Espera-nos o recanto de «la Quintana». É indispensável prosseguir. A porta que nos surpreende agora é a chamada «Porta Real». Encimada por heráldico escudo, é rematada lateralmente por góticas colunas. Mera visão?... para ela caminham, sem arrogancia, suaves rostos de rainhas sobranceando mirtos, rosas e lírios. Vão orar e ofertá-los ao Mártir de Jerusalém. Os nossos pés não param: transpõem o angulo, e temos a «Plaza de los Literatos». Logo á entrada fica a Confraria do Santo, onde até há pouco se guardavam os oito «Gigantones» que se faziam acompanhar de gaita de folas e tambor ao percorrerem as ruas nas vésperas da festa do Patrono, recordando, na extravagancia da indumentária, os antigos peregrinos. No recolhimento desta praça, que parece estar longe de todo o bulício do Mundo, saudamos a única porta menor do séc. XII, que só é aberta em determinadas datas. É a «Puerta Santa». Para alguns é: a dos «Perdões». Toda a portada é gravitação da Bíblia em homenagem ao prégador das suas doutrinas. Ao alto, Santiago tendo á direita e á esquerda os seus dois discípulos dilectos, santos Atanásio e Teodoro. Lateralmente, colocados em vinte e quatro nichos, efígies medievais. O povo, na sua simplicidade, conhece-a pela «Porta dos Vinte e Sete». Em data que está próxima, e é dia inesquecível, descerra-se a portada. Na noite de 31 de Dezembro para 1 de Janeiro de 1954 iniciará-se o «Ano Santo Compostelano». De solenidade e sugestivo ritual reveste-se o senhor bispo de Grande Pontífice. Seguido de procissão mitrada aproxima-se da Porta Santa e pegando no martelo de prata que lhe é oferecido numa bandeja de risco arcaico, vibra solenemente três incensões sucessivas, ao mesmo tempo que pronuncia em latim: «Abri-me as portas da Justiça!» «Ao entrar por elas confessarei ao Senhor!»... e os versículos continuam acompanhados pelos cantos gregorianos.

Franqueada a entrada, depois do «Te-Deum», dirige-se processionalmente para o altar-mor, com todo o clero, o elemento oficial da cidade e da província, nobreza e povo, deixando um rasto de deslumbramento na purpura dos damascos, veludos e ouro.

Agora se nos voltarmos em sentido contrário para a parede fonteira, resalta da nudez granítica uma enorme coroa de ferro, homenagem dos escolares de 196 aos de 1822 que formaram o Batalhão de Literatos Compostelanos que combateram as hostes napoleónicas.

Com a soldadesca do grande corso, que bivacava nos claustros da catedral, deu-se um caso insólito que passamos a descrever como nos foi contado. Consta que durante a Semana da Paixão, como habitualmente, durante o ofício de Trevas, puseram os padres em movimento na «Torre da Carraca» o instrumento destinado a fazer os ruídos típicos usados nessa cerimónia. Os soldados, assustados perante o aproximar de tal rumor, julgando tratar-se do ruído das «almadrenhas» dos temidos montanheseiros galegos, fugiram desordenadamente, em atropelo. Os Espanhóis, com fina ironia, chamam a essa fuga: «O combate de la matracola».

Ao subirmos as escadas que nos levam dali, ainda, num volver de cabeça, contemplamos a graça alada das torres que olham a «Plaza de la Asabacheria». A luz está a esmorecer. Passam por nós, muito juntinhos, como aves casadoiras, camaradas de estudo. Ou serão noivos? Só o céu: «É impossível demorar-me mais!»... Também nós precisamos tréguas, terminando, por hoje.

ADRIANA DE VECCHI

JARDINS DE LISBOA

Estão expostos desde hoje, na vitrina existente á entrada da Camara Municipal, na Rua do Comércio, dezasseis belas fotografias de diversos aspectos dos jardins de Lisboa, numa cuidada decoração.

Carraceda de Ansiães

vai ter novo edifício para os paços do concelho

CARRAZEDA DE ANSIÃES, 5—Velha aspiração que desde há longo tempo dominava toda a vila, vai, finalmente, Carraceda de Ansiães edificar os seus novos Paços do Concelho, grandiosa obra de invulgar interesse para o progresso e desenvolvimento da sede do concelho. No intuito de servir o seu Município e dar solução ao maior numero de problemas locais, conseguiu o ilustre presidente da Camara Municipal, depois de demover dificuldades e obstáculos, levar a efeito a realização desta obra que constituirá um grande passo para o desenvolvimento e progresso locais. O empréstimo á Caixa Geral de Depósitos, no montante de 600 contos, já foi concedido. O edifício importará, porém, em 1.500 contos, aproximadamente, iniciando-se as obras, tudo leva a crer, ainda no ano em curso. Tão importante melhoramento, como dissemos, fica a dever-se ao impulso empreendedor, dedicação e carinho, do sr. Jerónimo Barbosa, que a esta Camara tem dispensado o melhor da sua actividade, com o patrocínio dos srs. ministro do Interior, a quem esta terra fica a dever o novo hospital, e do sr. ministro das Finanças, que tanto facilitou o mesmo empréstimo.

O excelente edifício, que ficará localizado na margem da Estrada Nacional, é de sabor regionalista, constituído por dois pavimentos, de rés-do-chão e primeiro andar, tendo como motivo decorativo e ao mesmo tempo como acesso de ligação, uma artística escadaria exterior, com a sua fonte decorativa, á semelhança dos antigos solares.

Conferência em Moscovo

MOSCOVO, 6—O embaixador britânico, sir William Hayter, teve hoje uma conferência de vinte minutos com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Molotov. Foi a primeira conversação do embaixador com Molotov, desde que aqui chegou, em 2 de Outubro.

A embaixada britânica disse que a conferência fora «puramente uma visita de cortesia» e não foram tratadas questões específicas.

O embaixador não pudera avistar-se antes com Molotov, por o ministro dos Negócios Estrangeiros estar ausente em férias. — (Reuter).

A medalha «Imprensa» num concurso de penteados

No dia 6 de Dezembro, o Grémio Distrital dos Industriais Barbeiros e Cabeleireiros de Lisboa promove, na Casa do Alentejo, um desfile de penteados, manifestação artística, a que acorrerão algumas dezenas de concorrentes. Entre os vários prémios a atribuir, conta-se uma medalha «Imprensa», de homenagem aos jornais portugueses.

A festa, como é de calcular, promete ter o maior luzimento.



António Mendes de Figueiredo FALECEU

Maria Gonçalves Brinquinho Figueiredo e seus filhos, genros, nora e netos, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro e avô e que o seu corpo se encontra depositado na igreja de Santos-o-Velho. Amanhã pelas 9 e 30 horas, será celebrada missa de corpo presente na mesma igreja.

AGENCIA MAGNO

Números premiados na Lotaria de hoje

66970 1.000.000\$

66969 Aprox. ao 1.º prémio 8.100\$00
66971

39625 100.000\$

35010 50.000\$

Premiados com 20.000\$00

34053 37090 46499 53942 59559 70554

Premiados com 10.000\$00

8494 13086 14783 16850 20735 26245
38892 46215 57220 66370

São premiados com 1.500\$00 todos os números terminados em 970.

Todos os números de 66901 a 67000, de 39601 a 39700 e de 35001 a 35100, são premiados com 200\$00 por corresponderem às centenas do 1.º, 2.º e 3.º prêmios.

São premiados com 250\$00 os números terminados em 70 e 10 e com 150\$00 os que terminem em 25.

São premiados com 100\$00 os números terminados em 9, 0 e 1, excepto os que terminem em 70 e 10.

Avisamos os nossos leitores de que é conveniente consultar a lista oficial da Misericórdia.

Aos Industriais de Taxi

Organização do Porto tem interesse em trocar ou adquirir licença de TAXI em Lisboa.

Resposta a P. da Liberdade, 24 (cerca n.º 9).

A questão do leite

(Continuação da pág. central)

quina automática de lavagem, desinfecção e secagem.

Depois destas operações de sanidade, o produto segue em camiões, em potes de 50 litros, uns directamente para os postos de distribuição em Lisboa, outro para os grandes consumidores e retalhistas.

Não há dúvida de que no Posto de Refrigeração de Loures o leite é tratado já com toda a higiene e segundo as regras que a ciência aconselha. O que sai dos Postos de Refrigeração é bom, como tivemos ocasião de verificar e provar, assim como a manteiga fabricada por conta da U. C. A. L. num estabelecimento do Estado em Lisboa. Deve afirmar-se que, se estes dois produtos aparecessem sempre no mercado como os vimos nas instalações que visitámos, não haveria lugar a reclamações, pois a sua qualidade é excelente.

O subsecretário da Agricultura salientou num despacho publicado o ano passado no «Diário do Governo» que a viabilidade do melhoramento do leite está intimamente subordinada à parte económica, pois é preciso assegurar a produção um preço estável e justo, de forma a permitir fazer face às exigências que lhe vão ser feitas, com a beneficiação dos estábulos, sanidade dos animais, vasilhame adequado, cuidados de limpeza e consequentemente asseio de mão-de-obra.

A U. C. A. L. tem, actualmente, 210 postos de recolha, 6 postos de concentração e refrigeração; 48 postos de distribuição; 106 grandes consumidores e 506 retalhistas.

Os postos de distribuição ainda necessitam grandes melhoramentos, como seja tanques para os vendedores lavarem convenientemente as bilhas e procederem à sua lavagem e secagem por meio de máquinas, como já existem nos 6 postos de refrigeração do leite. No entanto, em muitos deles existe um tanque para a lavagem de bilhas, mas estas conservam certo cheiro do produto, que se torna impossível fazer desaparecer por não existir ali água quente.

Depois da visita aos postos que nos referimos, em que fomos acompanhados pela comissão administrativa da U. C. A. L., da qual fazem parte os srs. prof. dr. Joaquim Fontes, presidente; António Alves Martins, eng.º agrónomo Virgílio Saraiva, eng.º agrónomo Luís de Almeida Gois, delegado da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, dr. José Emiliano da Costa, delegado da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, e eng.º agrónomo Ernesto Burguete, delegado do Fundo de Abastecimento. Os jornalistas foram recebidos na sede da U. C. A. L. pelo primeiro, que expôs as razões por que se formou a União das Cooperativas Abastecedoras de Leite a Lisboa. A principal razão da sua constituição foram as reclamações de grande número de produtores que tinham os seus pagamentos em atraso por parte dos abastecedores, muitos dos quais faliram e deixaram dívidas no montante de centenas de contos. Foi então resolvido formar cooperativas junto dos produtores, em Loures, Sintra, Oeiras, Mafra, Cascais, Vila Franca, Almada e Seixal, acabando-se, deste modo, com os intermediários.

Nos concelhos da área da U. C. A. L. existem 6.345 estábulos e produtores isolados.

—E todos eles entregam directamente o leite nas cooperativas?—perguntámos.

—Os sócios da cooperativa—declarou o presidente da U. C. A. L.—são actualmente 4.662. Estes entregam-no directamente. Os que não são sócios entregam o leite aos respectivos grêmios da Lavoura, que, por sua vez, vendem à U. C. A. L.

—E são muitos os que o entregam aos Grêmios da Lavoura?

—São, ao todo, 691.

—Mas há quem se queixe de que a U. C. A. L. anda com os pagamentos atrasados ao produtor?

O sr. Alves Martins é quem responde:

—Houve de facto um atraso de pagamento à Lavoura, porque a direcção anterior à Comissão Administrativa, na melhor das intenções, e com o desejo de atrair sócios para a cooperativa, estava a pagar o leite ao produtor a 2\$65 e a vendê-lo a 2\$60. Ora isto, como é de calcular, trouxe um encargo para a U. C. A. L. que obrigou o seu atraso. Isto passou-se de Agosto de 1952 a 31 de Setembro de 1953. Ora, como era possível à U. C. A. L. continuar a manter tais preços, desde que não tivesse lucro e ainda prejuízo? A partir desta data, a U. C. A. L. tem as suas contas em dia e os pagamentos atrasados apenas uma dezena, visto não ser possível fazerem-se os pagamentos diários.

—Qual o preço porque é pago actualmente o leite ao produtor?

—A cooperativa paga-o à Lavoura a 2\$00 e 2\$30, conforme a distancia. Isto, como é natural, trouxe uma certa reacção da parte do produtor.

—E a U. C. A. L. por que preço o adquire?

—A 2\$3,85 e vende-o a 2\$60. O leiteiro a 3\$00 ao público.

—E o leite de sobras destinado à indústria de lacticínios a que preço é pago?

—Esse é pago a 1\$40 cada litro ao produtor, pelo Estado?

—Qual o consumo diário em Lisboa?

—Noventa a cem mil litros.

—A U. C. A. L. tem algum empréstimo feito a agradecer.

—Fizemos um de 10.000 contos.

—Porque tem sido má a qualidade do leite?

—Um dos principais motivos é o leiteiro ambulante ganhar pouco—\$40 em cada litro e por isso recorre ao expediente de lhe deitar água. Não há possibilidade de aumentar o preço do leite, nem dar ao leiteiro maior margem de lucro, embora se reconheça a situação difícil dos 1.600 vendedores. E' tudo gente pobre e a verdade é que o que eles ganham, no fim do dia, não lhes chega para viver.

—Enão há maneira de solucionar este problema?

O sr. eng.º Luís de Almeida Gois, que se mostra um acérrimo defensor dos vendedores ambulantes, diz que há uma única solução, para ele poder vender mais e, portanto, o seu lucro ser maior: é estabelecerem-se áreas de venda. Parece, com efeito, inconcebível que haja prédios de 5 e 6 andares, onde vão 3 e 4 leiteiros. Ora se cada leiteiro tivesse as suas zonas demarcadas e cada um servisse todos os andares de cada prédio, na mesma rua, o seu esforço seria inevitavelmente menor e o seu lucro maior.

—Mas a Central Leiteira, quando estiver a funcionar, não resolve o problema?

—Absolutamente. O leite passa a ser fornecido engarrafado, pois é esta a única garantia de o público o receber em bom estado de sanidade. Os postos de refrigeração da U. C. A. L. já hoje são o complemento da Central Leiteira, quando ela começar a funcionar.

O sr. Alves Martins interrompe:

—A comissão administrativa da U. C. A. L. tem pedido às fiscalizações para que exerçam a sua acção nos nossos postos e junto dos vendedores, pois serão imediatamente demitidos os funcionários que pratiquem qualquer fraude. Podíamos ter uma fiscalização privativa, mas entendemos que seria preferível a oficial e, até para que essa fiscalização se faça com mais eficiência, concorremos para ela com determinada importância todos os meses. Nós não podemos ver tudo o que se passa, nem temos essa pretensão...

No final o prof. dr. Joaquim Fontes agradeceu a presença dos representantes da Imprensa e pediu-lhes que todas as vezes que notem qualquer deficiência da U. C. A. L. não deixem de a apontar, pois, se ela for justa e reparável, a comissão administrativa só tem de pelo Estado?

FARUK só paga... pela certa

ÉVORA — Segundo uma carta aqui recebida, procedente de Capri, o ex-Rei Faruk teria declarado que ia perder toda a melancolia.

—Como? — foi esta a pergunta feita ao antigo governante do país milenário do Nilo.

—Bem — respondeu Faruk — porque de futuro só jogarei pela certa e apenas na lotaria.

O Rei deposto, muito sorridente (cousa rara), observou por fim: «Só jogarei na HAVANEZA EBORENSE — uma casa portuguesa que está distribuindo dinheiro como nunca se viu em qualquer país!».

Palavras nossas: — Terá a HAVANEZA EBORENSE os DEZ MIL CONTOS da próxima taluda? Tudo indica que sim, porque os pedidos chovem a toda a hora nesta casa, que só não dá aos seus clientes... o impossível.

3 Prémios Grandes
no valor de
1.150 contos
distribuídos
em 2 semanas seguidas
pela

CASA DA SORTE

Na extracção de hoje

2.º Prémio — **39.625**

100 CONTOS

Mais um bilhete com o carimbo da

CASA DA SORTE

e vendido aos seus balcões



Lotaria
do

Natal de 1953

1.º Prémio

10.000 CONTOS

Um vigésimo custa.....	100\$00 e habilita a.....	500 Contos
Um décimo >	200\$00 > > >	1.000 Contos
Um quarto >	500\$00 > > >	2.500 Contos
Meio bilhete >	1.000\$00 > > >	5.000 Contos
Um bilhete >	2.000\$00 > > >	10.000 Contos

(Pelo correio, mais 2\$50 para despesas de registo).

Esta lotaria já está à venda nos Estabelecimentos da

CASA DA SORTE

de

LISBOA

BRAGA

PORTO

LUANDA

COIMBRA

3.º prémio
35010
50 CONTOS
Numero certo vendido pela casa

CAMPIÃO

R DO AMPARO, 116 • LISBOA • PRAÇA DO ARIEIRO, 5



Repetiram-se hoje os tumultos em Trieste

onde a Polícia fez fogo sobre os manifestantes

(Continuação da 1.ª página)

Polícia, e incitando a população á serenidade, «a fim de não se prestar ás manobras dos agentes provocadores».

Deram-se novos incidentes, esta manhã, quando o povo, que se concentrou nas imediações da igreja de Santo António, atacou um camião militar britânico. A Polícia civil interveio e disparou rajadas de tiros para o ar quando os agentes, em numero reduzido, se viram em perigo de ser dominados pelos manifestantes, que estavam excitadíssimos. Houve uns momentos de acalmia que permitiu á Polícia impor ordem ao povo. Mas grupos compactos de pessoas continuavam postadas nas imediações daquela igreja, diante da qual a multidão desfila, depondo flores nos dois catafalcos levantados em homenagem ás vítimas de ontem.

De acordo com certos rumores—que convem acolher com todas as reservas—, os tiros que causaram a morte de dois manifestantes, ontem, teriam sido disparados de um prédio em frente da igreja de Santo António, onde funcionam actualmente alguns serviços anexos da Polícia.—(F. P.).

A multidão enfurecida assaltou a sede da Frente da Independência

TRIESTE, 6 — Os incidentes com a Polícia multiplicam-se. O piquete de agente, que guardava a sede da «Frente da Independência», de tendência autonomista, retirou para a escada do prédio na ocasião em que dois grupos de populares, umas 3.000 pessoas, se dirigiam para ali, em atitude hostil.

Passado um momento de incerteza, em que se pensou que os manifestantes acatavam algumas pessoas que procuravam dissuadi-los de praticarem actos de violência, a multidão, forçando a barragem dos policias, invadiu a sede da «Frente da Independência», partiu móveis e atirou-os pelas janelas; na rua, outros grupos de populares incendiaram-os. A Polícia evitou recorrer á força.

Sempre enfurecida, a multidão dirigiu-se para o palácio da Prefeitura, na vasta Praça da Unitá, ao ter conhecimento de que estavam ali concentrados «grupos móveis» da Polícia civil, acusados de terem provocado com a sua brutalidade os incidentes sangrentos de ontem. Quando os manifestantes começaram a cercar o edifício, os agentes dispararam rajadas de pistola-metralhadora para o ar. Verificando que os populares não se intimidavam, os agentes entraram na Prefeitura. Entretanto, outros grupos de manifestantes conseguiram entrar nos Paços do Concelho, que ocupa uma ala íntima da mesma praça, e içaram a bandeira italiana no cimo da torre de onde tinha sido retirada em 4 do corrente, por ordem das autoridades aliadas.

Uma grande multidão permanece em atitude ameaçadora diante do palácio da Prefeitura, gritando estribilhos hostis. Há vários feridos. Explodiu um petardo que feriu outra pessoa.—(F. P.).

Explodiram duas bombas em Trieste e há mais mortos e feridos

TRIESTE, 6 — Ignora-se ainda ao certo o numero de feridos com os tiros disparados pelos agentes da Polícia entrincheirados na Prefeitura. Dois rapazes, atingidos gravemente, foram transportados por enfermeiros da Cruz Vermelha para o hospital mais próximo. Outras pessoas parecem ter sofrido ligeiros ferimentos. Antes de abrirem fogo sobre os populares que cercavam a Prefeitura, os policias ali instalados largaram gases lacrimogénios que o vento, soprando violentamente, logo varreu para longe.

Foi depois da tentativa de assalto ao palácio da Prefeitura e quando os manifestantes tinham sido dispersos e a circulação recomeçava, que estourou um petardo atirado por desconhecidos, na Praça da Unitá. Os agentes de guarda á Prefeitura dispararam imediatamente para o ar. Um transeunte, atingido pela explosão do engenho, caiu inanimado.

Os efeitos da explosão de uma verdadeira bomba, ao que parece — seriam mais graves do que se imaginou. Com efeito, o engenho estourou no meio das camionetas da Polícia de guarda á Prefeitura e recel-se que quatro pessoas, incluindo dois agentes tenham sido mortos, havendo dez feridos. De arma aperrada, a Polícia proibe rigorosamente, aos próprios jornalistas, o acesso ao local da deflagração.

A lista das vítimas acrescenta-se a morte de dois feridos nos incidentes de ontem.

A Polícia militar aliada não interveio nos acontecimentos de hoje. Contudo, destacamentos militares ingleses e americanos, com fardamento de campanha, guardam as imediações da sede do governo militar aliado, que fica perto da Praça Unitá.

A ultima hora afirma-se que foram duas bombas, e não uma, que explodiram diante do palácio da Prefeitura. Apurou-se que 3 pessoas morreram ao chegar ao hospital e mais 30, sendo 12 atingidas por tiros, passaram pelo Banco. Desconhece-se o numero das vítimas entre os agentes da Polícia.

Um estudante de 15 anos, Nardino Manzi, conta-se entre os mortos. Grande multidão juntou-se á entrada do hospital, procurando noticias dos feridos.—(F. P.).

No centro de Trieste houve uma verdadeira batalha

TRIESTE, 6.—A Polícia abriu fogo e matou alguns manifestantes, hoje, numa batalha na Piazza dell'Unitá, em frente do Municipio da cidade.

Os manifestantes ripostaram, lançando granadas de mão contra os «jeeps» da Polícia.

A batalha travou-se depois de manifestantes terem invadido os escritórios da Frente da Independência, nas proximidades. Entraram na praça, onde brigadas da Polícia estavam a postos. Gritaram «Assassinos» e começaram a apedrejar a Polícia. A Polícia carregou com os seus bastões, mas a multidão manteve-se firme. Soou uma descarga, dirigida contra a multidão. Caíram por terra vários manifestantes.

Dois deles, pelo menos, foram mortos instantaneamente. Vários outros ficaram gravemente feridos.

Entraram na praça ambulancias para recolher os mortos e feridos, enquanto a Polícia, fazendo ainda fogo, repelia a multidão para as travessas próximas. Alguns minutos mais tarde, um grupo de manifestantes voltou a penetrar na praça e atacou o grupo de «jeeps» da Polícia, de um dos lados. Um deles lançou uma granada de mão e, um momento depois, viu-se um clarão e uma explosão entre os veículos da Polícia.

Ao dissipar-se o fumo, viram-se alguns policias por terra, em poças de sangue. Noticias anteriores dizem que foram mortos três agentes da Polícia.

Seguiu-se outra rajada de tiros da Polícia e os manifestantes começaram novamente a atirar.

Foram chamadas forças armadas britânicas e americanas para guardar todas as instalações aliadas, na cidade. Uma noticia não oficial diz que o general Winterton estava a pensar em proclamar a lei marcial.—(Reuter).

Mensagem á população de Trieste

TRIESTE, 6.—O general Winterton, chefe do Governo militar aliado, dirigiu esta mensagem á população: «O general Winterton põe a população de Trieste de sobreaviso, a fim de que não se preste ás manobras de certos elementos irresponsáveis que pretendem explorar, para servir os seus fins, os sentimentos dos cidadãos e dos seus filhos. O general Winterton pede encarecidamente á população que não autorize os filhos a andar na rua».

Consta que faleceu mais um dos feridos—o sétimo—nos incidentes da manhã de hoje.—(F. P.).

Protesto dos partidos democráticos

TRIESTE, 6.—Os quatro partidos democráticos de Trieste enviaram esta manhã um telegrama ao general John Winterton, comandante militar da zona A, no qual protestam contra a versão oficial dada aos incidentes e pedem «um inquérito imediato a fim de descobrir e punir os responsáveis».—(France Presse).

Manifestações em Roma

ROMA, 6.—Milhares de estudantes da Universidade e dos liceus abandonaram hoje as aulas e caminharam para o centro de Roma, gritando frases anti-britânicas e contra Tito.

Empunhavam cartazes pedindo a restituição do Estado de Trieste á Itália. Um cartaz dizia: «O sangue vertido por Trieste é sagrado».

Grandes forças de Polícia, armada e de capacete de aço, em «jeeps» escarlates, apoiadas por homens com mangueiras de incêndio, guardam as embaixadas britânica e americana. Foram tomadas precauções semelhantes á volta dos consulados britânicos e americanos, em Milão, Veneza, Génova e Nápoles, com receio de represálias dos estudantes pela morte de dois italianos pela Polícia, ontem, em Trieste.

Os estudantes partiram hoje os vidros das janelas de um hotel anglo-americano desta cidade e tentaram penetrar no edificio do British Council.

Em Março passado, vários estudantes neo-fascistas penetraram nesse edificio e incendiaram estantes de livros, durante manifestações a favor da entrega de Trieste á Itália. Os detidos foram mais tarde absolvidos, por falta de provas.

Os estudantes—cerca de 13.000, segundo a Polícia—empunhavam hoje cartazes com frases anti-britânicas e contra Tito, em cortejo pelas ruas de

A conferência preliminar de Pan-Mun-Jon adiada «sine die»

PAN-MUN-JON, 6.—Os representantes aliados e sino-coreanos á conferência preliminar da Coreia decidiram, esta manhã, adiar os seus trabalhos «sine die». Esta decisão foi tomada depois de uma reunião que durou vinte minutos e durante a qual os Norte-coreanos aceitaram a proposta apresentada pelo embaixador americano Arthur Dean. «E' com grande prazer que noto—declarou o representante americano ao grupo comunista—que aceitais a proposta de confiar, para estudo, o assunto da ordem do dia a «conselheiros». Pela minha parte, aceito também a vossa proposta de se adiarem as sessões plenárias até que os «conselheiros» tenham concluído os seus trabalhos». Aqueles, em numero de quatro—dois pelos Estados Unidos e dois pelos Sino-coreanos—reunem-se amanhã, ás 11 horas.—(F. P.).

Um dador de sangue exemplar

GENOVA, 6 — Stefano Varni deu, pela 670.ª vez, o seu sangue para uma transfusão, desde 1940. Em treze anos, doou mais de 180 litros de sangue á Cruz Vermelha italiana.—(Reuter).

Roma. Alguns milhares de manifestantes romperam o cordão da Polícia á volta do consulado britânico, na Praça de Espanha, no centro de Roma, e partiram os vidros da maior parte das janelas. Juntaram-se em frente do consulado, gritando para o pessoal britânico, no interior, «Assassinos!», «Salvem a Itália!» e outros «slogans».

Dentro de poucos minutos, chegaram á praça grandes reforços da Polícia e dispersaram gradualmente os manifestantes. Ninguém ficou ferido, no consulado, nem consta que houvesse qualquer vítima entre a multidão.

Noutro ponto central, um rapaz das escolas trepou pela fachada da Renascença do Palácio Chigi—o Ministério dos Estrangeiros italiano—para içar num balão a bandeira tricolor italiana, coberta de fitas negras de luto. A Polícia manteve-se imóvel, quando grande multidão, paralisando o trânsito, num cruzamento principal, aplaudiu o seu feito.

Uma força de Polícia carregou de bastão em punho e dispersou uma multidão de estudantes, em frente da embaixada americana. Toda a área estava fortemente cercada. Foi comunicado terem sido detidos vários desordeiros.

Um grupo de estudantes separou-se da coluna principal, para derrubar um carro britânico encostado ao passeio e partir-lhe as janelas.

Os estudantes, muitos deles dos 15 aos 18 anos e ainda de livros escolares na mão, foram acompanhados por simpatizantes, no seu desfile através da cidade. Em vários edificios publicos de destaque, pediram para serem postas a meia haste bandeiras italianas, como manifestação de luto pelos dois italianos mortos na luta de ontem entre manifestantes e a Polícia, em Trieste.

A Polícia deteve «infiltradores» comunistas, que começaram a distribuir panfletos pelos estudantes.—(R.).

As manifestações de hostilidade diante da embaixada americana

ROMA, 6 — A Polícia fez umas 50 prisões durante as manifestações de hostilidade diante da embaixada americana. Clare Booth Luce, embaixatriz dos Estados Unidos, disse aos responsáveis pela ordem que estava disposta a receber uma delegação dos manifestantes. Responderam-lhe que a proposta seria comunicada aos manifestantes quando os animos serenassem.

Um agente da Polícia disparou vários tiros para o ar num recontro dos manifestantes com os guardas áquela embaixada. Os populares, depois de serem encharcados pelas bombas de incêndio postas em bateria, voltaram á carga. Pouco depois, a ordem era restabelecida, mas a circulação foi suspensa nas imediações. Importantes forças de Polícia motorizada guardam o edificio da embaixada americana.—(F. P.).

Noutras cidades italianas

ROMA, 6.—Houve manifestações nas grandes cidades italianas, como Milão, Génova, Turim, Florença, Bolonha, Medena, Gorizia, Trent e Nápoles, como protesto contra os graves incidentes de Trieste. Os manifestantes, quase sempre estudantes, foram á sede dos consulados da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, guardados por importantes destacamentos de Polícia.—(France Presse).

Um protesto italiano junto da embaixada dos Estados Unidos?

ROMA, 6.—O primeiro-ministro italiano, Pella, que é, também, ministro dos Estrangeiros, conferenciou hoje demoradamente com a embaixatriz americana, senhora Clare Booth Luce e, depois, com o encarregado de Negócios britânico, Archibald Ross. Consta que protestou enérgicamente contra a acção exercida em Trieste, nos ultimos três dias, pela Polícia, comandada por Britânicos.—(R.).

ESTORIL

Roga-se a fineza, a quem tenha necessidade de viajar no País, ou pelo estrangeiro, que não o faça, sem consultar preços, em carros de aluguer. Hudson dos ultimos modelos, com motoristas conhecendo bem Europa, falando Inglês, e documentos internacionais sempre prontos. telefone 1 2 6 Estoril, Garagem Alvarez.

MAIS E MELHORES FOTOGRAFIAS com



GEVACOLOR para fotos em papel a cores A VENDA NAS BOAS CASAS GARCEZ, L. DA LISBOA